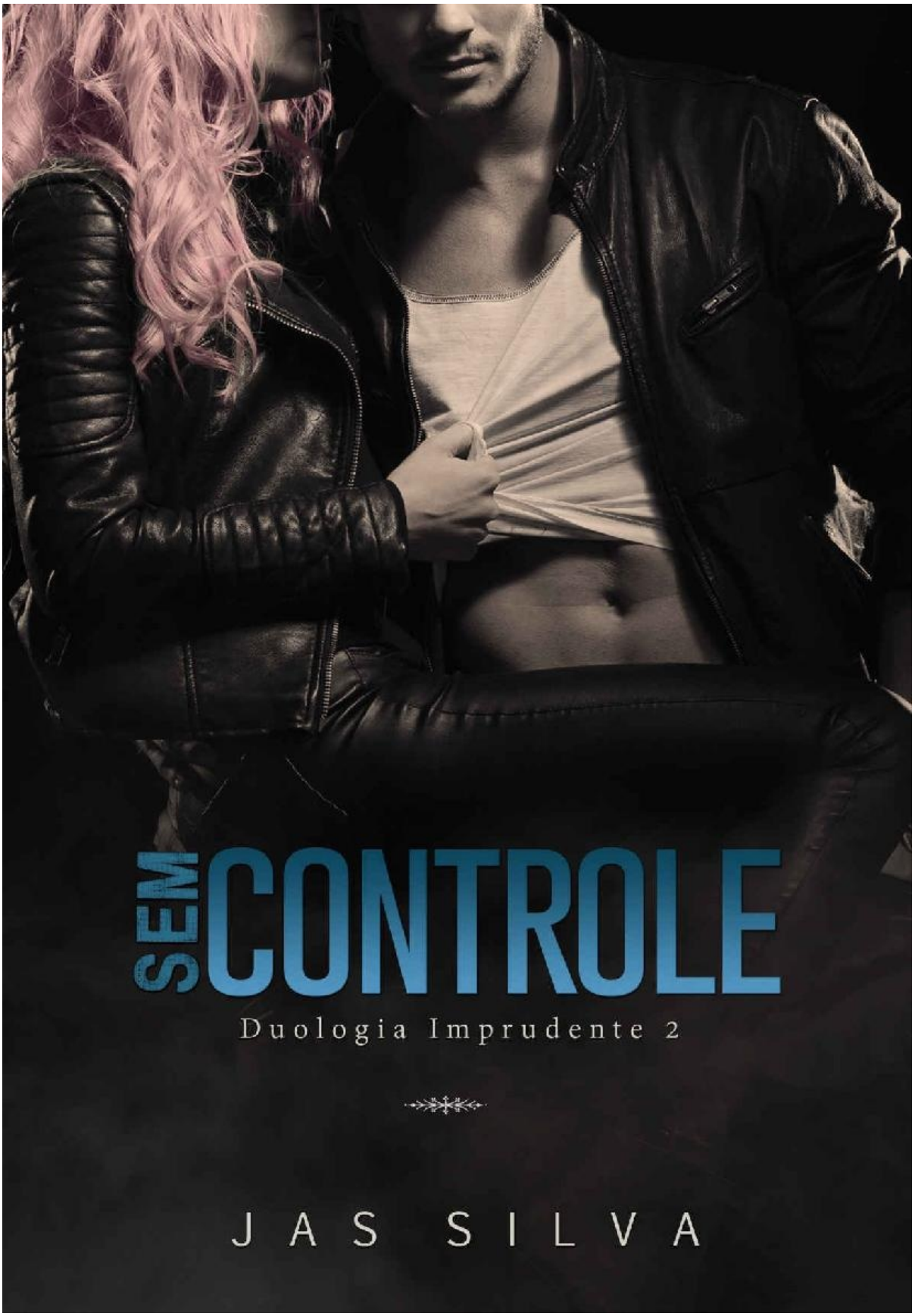
# Sem Controle (Duologia Imprudente Livro 2)

Jas Silva


SEM CONTROLE
Duologia Imprudente 2
JAS SILVA

**SEM CONTROLE**

Duologia Imprudente 2

JAS SILVA

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. Esta obra segue as regras da

Nova Ortografia

da Língua

Portuguesa.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios sem o consentimento escrito da autora.

Todos os direitos reservados.

Copyright © 2016 Jas Silva.

*Agradecimentos* Agradeço a minha querida amiga Géssica Fernandes, que acompanhou cada trecho dessa história enquanto ela ainda estava sendo escrita.

Obrigada Ges, pelo apoio, incentivo e por acima de tudo acreditar que eu seria capaz de finalizar a *Duologia Imprudente* com chave de ouro.

Agradeço também as minhas leitoras que esperaram quase dois anos pela história do nosso *badboy* Lucas. E para as que irão conhecê-lo, agora, em primeira mão. Espero que vocês se apaixonem por esse romance e que sintam a mesma emoção que senti ao escrevê-

lo.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que convivem comigo diariamente. Que me motivam de uma maneira ou de outra. Mãe, pai, namorado, irmão... Sem o apoio de vocês eu nada teria conseguido.

*Nota da autora*

Escrever *Sem Controle*, quase dois anos após a conclusão do livro Sem Limites, se tornou um desafio muito bem-vindo. Como muitas de vocês sabem, eu passei o último ano envolvida na *Trilogia os Montenegro*, histórias essas que continham uma carga dramática e emocional muito intensa. Sair desse cenário e embarcar no mundo encantado da Zoe, e na cabeça confusa do *badboy* Lucas, foi um enorme prazer. Além é claro, de uma grande diversão Zoe e Lucas são opostos um do outro. Mas juntos, a química surge, o elo se torna visível e você percebe que é impossível não se apaixonar e torcer pelo amor desses dois.

Começo 2017, sabendo que fiz o meu melhor em cada história que escrevi e agradecendo a você

leitor(ra), por ler minhas histórias e acreditar no meu sonho.

Um xero, Jas Silva.

**Prólogo**

***— Você está me deixando,***

***é isso?***

*Lia*

*ignorou*

*minha*

*pergunta e continuou a andar de um lado ao outro dentro do apartamento. Enfiando tudo que era dela e do Brian em malas e*

*caixas, e a julgar pela expressão decidida no rosto delicado não havia muito que eu pudesse fazer para evitar que a garota que eu amava me deixasse.*

*Confuso por ter sido pego desprevenido, eu a segui por todo o apartamento à espera de explicações. Querendo entender porque, de repente, eu estava sendo abandonado, e porque raios Lia parecia tão apressada para sair da minha vida.*

*— Lucas, eu estou confusa.*

*Tente entender.*

*— Isso tem a ver com o retorno do Diego, não tem?*

*Ela parou de dobrar a*

*manta do filho por um segundo, e por fim falou: — Ele quer conhecer o Brian, Lucas, eu avisei a você sobre isso.*

*— Avisou, mas como espera*

*que eu aceite que vocês dois saiam por aquela porta e me deixem? Eu amo o Brian como se fosse meu próprio filho, Lia. — Os olhos castanhos me fitaram incertos, e eu aproveitei o momento de fraqueza para chegar até ela. —*

*Eu amo você, bebê, não posso*

*aceitar isso.*

*— Lucas, por favor. — Lia desviou o olhar do meu, e protestou gemendo quando nossas bocas se chocaram.*

*Tudo o que eu queria era apagar da cabeça a dor da rejeição.*

*Puta que pariu! A essa altura eu já deveria saber como lidar*

*com*

*essa*

*merda*

*de*

*sentimento. Essa nem era a primeira vez que eu era trocado por outro cara.*

*Quantas vezes mais algo*

*assim teria que acontecer até que eu finalmente aprendesse?*

*— Sinto muito, Luc — ela disse em meio ao beijo, e, apesar do que acontecia com a gente, sua voz saiu carregada de carinho. —*

*Mas enquanto eu estiver confusa, eu não posso continuar aqui. Não seria justo com qualquer um de nós e o Diego, ele...*

*— Você não o esqueceu, não é?*

*Lia sorriu sem graça, e levantou a mão com intuito de acariciar meu queixo coberto pela*

*barba por fazer. Deixei-me levar pelo momento e fechei os olhos, apreciando o carinho do seu toque. Sem conseguir acreditar que, ela, a garota que imaginei ser a minha última, ainda sentia algo pelo bastardo arrogante que havia partido o seu coração.*

**1**

**ZOE**

**— Ei, bonequinha gostosa!**

Congelei na metade do

caminho até o balcão de pedidos, chateada porque o *cabeça de vento* sentado em uma das mesas do meu setor ainda não havia entendido que meu nome era Zoe... Z-o-e! E não *bonequinha gostosa* como ele parecia achar. *Urgh!*

Qual era o problema dos

homens afinal? Porque uma garota

não poderia trabalhar sem ter que ser alvo de investidas nojentas?

Questionei-me irritada, enquanto pensava onde se escondiam os CEOs românticos e apaixonados dessa cidade. Por que raios nenhum deles havia esbarrado em mim ainda?

E olha que não era por falta

de procura, eu juro.

Todos os dias ao entrar no metrô

ou

andar

nas

ruas

movimentadas de Nova Iorque eu observava os homens de terno, sempre tão ocupados com seus aparelhos

eletrônicos

super

modernos. Às vezes, eu até pecava pela indiscrição, fitando-os por um tempo além do comum. Como

sempre,

ao

perceberem

meus

olhares eles cerravam o maxilar, quase sempre coberto por uma barba bem feita, e ignoravam a mocinha

bisbilhoteira

que

os

encarava de maneira esquisita.

Eu sei, é um pouco difícil de acreditar que uma garota com a criação que tive, estava à espera do seu *príncipe - fodão - encantado*.

Ser abandonada ainda bebê em um internato católico e ter passado os últimos 18 anos sendo *rigidamente*

ensinada pelas freiras daquele lugar deveria ter me feito uma garota temente aos pecados da carne. A irmã Joaquina, em especial, passou anos tentando colocar um pouco de bom senso dentro da minha cabeça, sempre deixando-me de castigo quando eu aparecia com perguntas do tipo: Como os bebês vão parar na barriga da mulher, ou como a gente sabe quando é o momento de se entregar ao homem que amamos, se doía fazer amor ou se ela já tinha experimentado *esse sentimento* que era ao mesmo tempo incrível e tão assustador.

Por mais que as irmãs se recusassem a falar sobre sexo, pelo menos, tão diretamente e sem se referir a ele como pecado da carne, eu não era boba. Nas raras ocasiões em que nos era permitido assistir a filmes românticos eu me via completamente fascinada por aquilo que eles chamavam de amor. Não o amor que devíamos sentir pelo próximo. E sim o amor que envolvia beijos intensos, abraços apertados... aquele amor que nos fazia olhar para o outro e sorrir.

Depois

que

as

freiras

perceberam as caraminholas que

passavam pela minha cabeça, e decretarem oficialmente que eu não tinha salvação, eu fui proibida de assistir aos filmes com as outras meninas do internato e retirada das temíveis aulas sobre sexualidade, afim de não constranger nenhuma irmã com minhas perguntas e dúvidas descabidas.

Eu era mesmo uma intrusa

naquele lugar, e diferente das outras alunas que tinham família e condições financeiras de manterem o alto custo da instituição eu estava ali somente porque a Madre Superiora teve pena de mim.

O

que

nenhuma

delas

imaginou era que com apenas três meses vivendo no *mundo real*, eu aprendi mais do que em todos os meus 18 anos vivendo sob a guarda

- conservadora - das irmãs. Livros eram esquecidos aos montes nas mesas em que eu atendia na lanchonete, e como o bundão do meu chefe não fazia questão eu sempre os pegava para mim. Em uma dessas leituras, eu acabei me deparando com um *tal de Gideon*

[1]

*Cross* e desde então eu me sentia a maior pecadora de todo o planeta.

Só de lembrar das cenas luxuriosas

protagonizadas pelo

multimilionário com a *tal Eva*, minhas bochechas queimavam. Será que era assim que o amor acontecia nos dias de hoje?

Homem

conhece

moça,

moça se envergonha. Homem se apaixona. Os dois brigam, tentam ficar longe um do outro e no final acabam juntos. Fora to-do-o-se-xo que eles fazem durante os encontros e desencontros... É muito sexo, muito, muito, mesmo.

*Eu não fazia ideia se*

*conseguiria fazer tanto sexo assim quando me apaixonasse.*

Afastando para longe o pensamento assustador eu voltei a realidade e percebi que meu patrão me observava como uma águia do outro lado da lanchonete. O

olhar severo, como um alerta para que eu mantivesse meu *pavio curto*, sob controle. Infelizmente, para nós dois, eu não gostava quando apareciam *seres humanos* como esse sentado à mesa que se achavam no direito de mexer comigo. Eu não entendia porque eles faziam isso, ou pior, porque eu era sempre alvo de olhares tão...

repugnantes.

As irmãs bem que tentaram me

alertar

a

respeito

das

barbaridades que eu iria encontrar aqui fora, principalmente, sobre a cobiça e o desejo masculino. Mas eu nunca imaginei que fosse ser alvo desse tipo de coisa. Minha aparência não era provocante, tudo em mim era comum, exceto pela cor do meu cabelo, e por muito tempo eu não sabia sequer o que era ser vaidosa.

— Estou falando com você,

gostosinha do cabelo *pink*. Venha aqui!

*Não faça isso Zoe, não*

*faça.*

Balancei a cabeça quando

meu chefe arregalou os olhos, já prevendo o desastre, e me virei indo de encontro ao *cabeça de vento* que perderia a língua malacafenta se ousasse me chamar de gostosa novamente. Eu não era nenhum tipo de comida para ser considerada gostosa, então não permitiria que me chamassem assim!

Aproximei-me, a sola gasta

da sapatilha batendo com força no chão frio de madeira, enquanto o grupo

sentado à mesa ria da

expressão furiosa em meu rosto.

Ah, droga, aqui estava eu

cometendo o pecado da ira.... *Me perdoe Senhor!*

— O colega consegue ler

essas três letrinhas aqui? —

Indiquei para o meu crachá, que por azar ficava sobre a parte superior do uniforme que apertava meus seios.

—

Perfeitamente

—

respondeu malicioso, com os olhos pregados

nos

dois

primeiros

botões. *Estava calor aqui dentro, pelo amor de Deus!*

— Eu gostaria muito de ser chamada por ele. Meu nome não é *gostosa*, e eu não sou... não sou de comer!

Todos ao redor da mesa

caíram na gargalhada, deixando-me confusa. O único a ficar em silêncio foi o cabeça de vento que exibia um sorriso escancarado no rosto.

— Vejo que faz o tipo

inocente, Zoe. — Ele prolongou meu nome em sua língua. — Gosto das minhas mulheres assim.

Rindo para não chorar da

tragédia que estava se tornando a

minha vida *no tal mundo real*, eu retruquei: — Sinto muito, mas eu prefiro comer um urubu cru a ter o desprazer de receber o título de sua mulher.

Está

vendo?

Os

ensinamentos da irmã Joaquina e da Madre Superiora não surtiram qualquer efeito quando se tratava de controlar as palavras que saíam da minha boca. Eu sempre ficava de castigo por não conseguir filtrar o que dizia.

Os olhares de espanto que

recebi não me surpreenderam, meu novo colega, porém, não levou o

comentário na brincadeira e no segundo seguinte se levantou, impondo-se a mim com sua altura que até então eu não havia levado em conta.

— Sua cadela! — Ele

segurou meus ombros, e eu gritei.

Nenhum dos espectadores

moveu um dedo que fosse para ajudar, nem mesmo o gerente da pocilga se deu ao trabalho de levantar a bunda gorda de trás do balcão e atravessar a lanchonete para pedir que o animal na minha frente me soltasse. Tudo bem, esse não era o primeiro tumulto que eu

causava, e já havia sido avisada que se voltasse a agredir algum de seus clientes ele não teria pena da minha *historinha triste de menina órfã,* e me colocaria na rua sem pensar duas vezes.

Então, ao invés de esperar por socorro, eu abri minha boca e cravei os dentes no braço do desgraçado

que

me

sacudia,

correndo o sério risco de contrair alguma doença, e não parei até que ele me deixasse afastar.

*O restante da história eu não preciso contar, não é?*

Fui despedida sem receber um tostão do dinheiro do mês em que trabalhei. O babaca do meu chefe me colocou para fora dizendo que eu deveria era estar agradecida porque o cliente achou melhor não me denunciar por agressão.

Saí

daquele

lugar,

segurando-me para não praguejar, com a certeza de que não teria como pagar o aluguel atrasado e muito menos conseguir um lugar mais seguro para morar. Com minha mochila nas costas eu peguei a linha de metrô que me levaria até o outro lado de Manhattan.

Passei por pelo menos dois vagões lotados até encontrar um assento onde não houvesse tantas pessoas ao redor para me fazerem sentir desconfortável em minha própria pele. Sem ânimo, eu dei graças a Deus por ter tido a brilhante ideia de prender meu cabelo no alto da cabeça e por cobrir o uniforme pequeno, que eu era obrigada a usar, com meu casaco de lã cheio de estrelinhas que havia ganhado das irmãs ao sair de Texas. Apesar de ser uma observadora nata, eu odiava ser alvo da atenção masculina. Pelo menos

da

atenção

*cobiçosa*

masculina.

Normalmente, eu não me

importava com os olhares que as mexas coloridas do meu cabelo atraiam, mas hoje, a última coisa que desejava era ser avaliada por pessoas que não me conheciam. Eu sei, você deve estar se perguntando porque raios eu usava meu cabelo rosa e porque insistia em usar todo esse *glitter* colorido no rosto.

Mas veja, eu fui uma

criança que passou anos sendo invisível, perdida em meio a todas aquelas outras meninas ricas.

Então, quando saí do interior do

Texas para vir para cidade grande, ainda loira, quase um fantasma de tão branca, eu decidi que iria colocar um pouco de cor na minha vida. Não, não, eu decidi que iria colocar muita cor na minha vida. *E*

*foi o que fiz.*

Como o dinheiro dado pelas

irmãs era pouco, e eu não podia me dar ao luxo de comprar um novo guarda-roupas, cheios de estampa e cores que eu gostava, e que nunca pude usar, eu acabei cedendo ao encanto dos potinhos de *glitter* que encontrei na primeira farmácia que entrei ao chegar na cidade. Eu juro,

nunca tinha visto nada mais fascinante

que

todas

aquelas

maquiagens. Foi nessa mesma farmácia que comprei a coloração rosa, com dizeres em japonês, para o meu cabelo.

A modelo na caixinha

parecia tão orgulhosa do seu cabelo rosa, tão feliz... Eu queria me sentir como ela em minha nova vida, tanto que no mesmo dia, assim que encontrei um lugar para passar a noite, eu pintei as mexas onduladas do meu cabelo, transformando-o no que ele é hoje.

Demorei a entender que as

ruas estreitas e lotadas de Nova Iorque, não eram *muito* acolhedoras para

uma

garota

sozinha.

Principalmente uma garota sozinha que sabia pouco da vida. Dizer que foi um choque de realidade colocar meu pezinho para fora daquele internato era pouco perto da verdade. Três meses haviam se passado desde então e quando eu pensei que estava começando a me enturmar, a pegar o jeito da coisa, eu acabei demitida por morder um idiota que havia me faltado com respeito.

Vinte minutos mais tarde,

um pouco mais conformada, eu dei um pulo ao perceber que quase havia deixado passar a minha estação. Forcei a passagem entre os passageiros, e cheguei a linha amarela pensando aonde estaria o meu

*cavaleiro*

*de*

*armadura*

*brilhante*, mais conhecido como *Gideon*... Por ele eu não me importaria de cair de quatro nesse chão sujo. Não se o resultado final fosse ser salva. Sentindo-me uma tola por alimentar a esperança de que um dia eu seria *resgatada*, eu caminhei pela estação, minha atenção – quase sempre dispersa –

sendo atraída pelo violinista que

tocava uma versão incrível de uma de minhas músicas preferidas.

Meus pés estacaram ao ver

o

homem

manuseando

um

instrumento

requintado

como

aquele. A música me fez sorrir, elas tinham esse efeito sobre mim.

Arrancavam-me da realidade e me transportavam

para

um

lugar

melhor. Nesse caso, a distração era bem-vinda. Os sons das moedas sendo colocadas dentro da caixa do instrumento me fez caçar em meu bolso alguns trocados que eu pudesse ter perdido por ali, mas não

havia

nada.

Meu

desapontamento visível, fez o homem

sorrir

de

maneira

compreensível e acenar com a cabeça. Como quem diz, *não se preocupe menina, eu sei como se sente.*

Corri dali envergonhada,

não me sentindo no direito de escutá-lo.

Subi

as

escadas

apressada, as mãos escondidas dentro dos bolsos vazios. Assim que a primeira rajada de vento me alcançou, meu lábio estremeceu.

Era uma noite fria, e eu não gostava de noites assim. Não querendo ver meus

dedos

congelarem,

eu

procurei dentro da mochila as luvas que havia jogado nela essa manhã, enquanto bolava uma boa desculpa para dar ao meu condômino quando ele me perguntasse sobre o aluguel desse mês... e o do mês passado.

Convenhamos,

como

eu

poderia pagar? Eu ganhava menos que 6 dólares por hora... e precisava comer,

então não me julguem!

A sorte era que meu

condômino

era

um

velhinho

simpático,

com

uma

esposa

reclamona e três gatos para cuidar.

Eu

gostava

dos

gatos,

principalmente, quando eles vinham até o pequeno buraco em que eu morava e me faziam companhia, além de comerem o pouco que eu tinha para dividir. Droga, eu até mesmo conversava com eles!

Aqueles gatos sabiam *TUDO* sobre a minha vida.

Com um sorriso no rosto eu

atravessei a rua, cometendo um erro que mudaria tudo. Eu não olhei para os lados, não prestei atenção aos sons à minha volta. A música que havia escutado na estação de metrô permanecia dentro da minha cabeça enquanto eu cantarolava

a melodia.

Eu só me dei conta do desastre

prestes

a

acontecer,

quando o farol da moto iluminou o meu corpo e o som horrível da frenagem fez com que eu congelasse no meio da pista. Eu poderia ter corrido, talvez tivesse dado tempo, mas eu não consegui mover um músculo que fosse tamanho o choque.

Não sei a quantos metros fui

arremessada, minha cabeça doía, *muito.* Tentei mover a perna e uma dor alucinante surgiu, levantei a mão e tudo o que consegui enxergar foi o sangue em meus dedos. Senti

vontade de vomitar, por conta do desespero. Escutei o som das botas pesadas no asfalto quente, e pisquei atordoada ao ver o motoqueiro de pé ao lado do meu corpo. Ele era tão alto que doía olhar para cima, forcei

minhas

pálpebras

a

permanecerem abertas, apesar de elas desejarem fazer o contrário, e tentei ver o que acontecia com clareza. Um ofego escapou de minha garganta ao vê-lo retirar o capacete e ajoelhar-se na minha frente.

Senhor! Ele era o homem

mais bonito que eu vi em toda a

minha vida. *Não que eu tivesse visto muitos...* pensei em meio a dor. O único contato masculino que tive ao longo dos anos era com o padre da missa de

domingo e com o leiteiro, já que meu tempo livre era gasto na cola das cozinheiras do internato, escondida das irmãs e das outras garotas. Mas esse homem, o que olhava para mim cheio de preocupação, eu acho que ele era o meu próprio *Gideon Cross.*

*Um Gideon um pouco*

*carrancudo, mas ainda assim...*

A felicidade por saber que

eu

havia

sido

finalmente

encontrada, camuflou a dor que sentia se espalhar pelo corpo a ponto de me fazer sorrir.

— Você existe mesmo —

murmurei embasbacada, erguendo a mão suja de sangue para tocar o rosto,

até

então

indecifrável.

Metade de mim estava fascinada com a sua aparência, e a outra, possivelmente, desorientada por causa da batida na cabeça. Meu motoqueiro segurou a minha mão, cerrando o maxilar, acho que sem entender *nadica* de nada. — Tudo vai ficar bem, não vai? Você me

encontrou e agora vai cuidar de mim, não é? — indaguei, deixando-me

levar

aos

poucos

pela

escuridão.

— Garota... abra os olhos.

— Sua voz chegou aos meus ouvidos, e foi como se eu estivesse no paraíso. Meu corpo foi ficando letárgico pela sensação de alívio que se instalou ao ser encontrada por aquele que iria me resgatar dessa vida. — Eu preciso que você se mantenha acordada... Garota?

Sua voz soou apreensiva.

— Deus me enviou você

Gideon, eu não estou mais sozinha.

Tudo ao meu redor ficou

escuro, uma dormência agradável surgiu me puxando... e a última coisa que escutei foi a voz grave do meu motoqueiro.

— Merda! Eu atropelei uma

maluca. Era só o que me faltava!

**LUCAS**

Bianca continuou a me

encarar em busca de respostas, mas eu estava uma bagunça, uma possivelmente fora de órbita. *E*

*tudo por causa de uma mulher*.

Cerrei os olhos com pesar ao lembrar as últimas semanas. Lia me deixando. Eu entrando em colapso.

Bebendo e caindo direto no fundo do poço. Eu indo atrás dela na noite passada, presenciando a cena que ferrou com minha cabeça: Lia e Diego se beijando. Na hora eu não pensei, eu simplesmente arranquei a moto para longe do prédio em que agora ela vivia, não dando a mínima se os dois tinham ou não me visto.

Nos

instantes

que

se

seguiram após ter meu coração

partido, tudo perdeu o foco. Eu não me importei de estar pilotando pelas ruas de Nova Iorque em alta velocidade, não fazia ideia de para onde estava indo, eu apenas continuei a me afastar. Repassando uma e outra vez a cena dentro da minha cabeça fodida.

Como Lia teve coragem de

fazer isso comigo? Eu a amava, cacete!

Nós estávamos juntos desde

o casamento da Bianca com o *playboy* do Eric. Ou seja, tinham sido nove malditos meses tendo-a na minha cama todas as noites

dormindo ao meu lado. Sendo minha. E agora...

*Puta que pariu, Lucas!*

*Coloque a cabeça no lugar. Você deveria estar mais preocupado com a menina atropelada do que com a mulher que te abandonou.*

— Isso tem que parar,

Lucas. Você não pode continuar a agir assim por causa da decisão da Lia. — Bianca declarou com firmeza.

No instante em que me dei conta da merda que tinha feito com a garota, eu liguei para a

ambulância e a acompanhei até o hospital. Meus ferimentos não eram nada perto dos dela, tudo o que eu tinha eram alguns arranhões aqui e ali e um maldito coração quebrado.

Por sorte, eu ainda não havia bebido, essa era, aliás, a minha intenção depois que os peguei se beijando. Eu provavelmente estaria ferrado pelo álcool e pelas drogas agora mesmo se não fosse pela garota louca. Por que sim, só tendo um

parafuso

a

menos

para

atravessar

uma

avenida

movimentada sem verificar os dois lados, e pior, olhar para mim da maneira como fez instantes depois

de ter sido atropelada.

*“Deus me enviou você*

*Gideon, eu não estou mais sozinha*”,

que

merda

isso

significava? Quem era esse tal de Gideon? E o que Deus tinha a ver com isso?

Sacudi a cabeça ainda

confuso, e voltei a focar o rosto preocupada da Bia. Depois de ter prestado meu depoimento, horas atrás, e ter meu índice de álcool medido, a primeira coisa que fiz foi telefonar para Lia. Que não chegou sequer a atender minha ligação.

Depois de três chamadas indo

direto para a caixa postal, eu telefonei para a Bianca, que mesmo com um bebê de três meses em casa veio a meu socorro.

A última pessoa para quem

telefonaria seria para o meu irmão, ou pior, a minha avó. Tê-los preocupados comigo só me traria mais dor de cabeça.

— Eu os vi juntos, princesa.

Eles estavam se beijando, *se beijando*

*merda!*

Sabe

como

machucou ver a minha menina nos braços de outro?

— Lucas, você poderia ter

matado uma pessoa. *Já pensou nisso?* — Minha amiga ignorou o desabafo e sussurrou a última parte.

Realmente preocupada. — A sua sorte, é que você prestou socorro na mesma hora e que não estava alterado, porque em qualquer outro dia...

*Em qualquer outro dia, os policiais teriam me encontrado bêbado. Fora de mim.*

— Você telefonou para ela?

— Insisti, querendo saber da Lia.

— Pare de pensar na Lia e pense

na

garota

deitada

inconsciente dentro daquele quarto, Lucas! Tudo o que sabemos sobre ela é o seu nome, não temos sequer como entrar em contato com algum familiar

para

avisar

o

que

aconteceu.

— E o que mais você

espera que eu faça? — perguntei mal-humorado. — Eu estou aqui, não estou? Estou esperando que ela acorde, nos dê alguma informação e vá viver a sua vida.

Balançando

a

cabeça,

Bianca me olhou como se não me reconhecesse.

— Eu desisto.

Ela se levantou e pegou o celular.

Fazendo,

enfim,

o

telefonema que havia pedido há tempos.

— Lia, sou eu... Sim amiga,

está tudo bem, eu só... queria te avisar que o Lucas sofreu um acidente. Não, não, ele está bem.

Eu juro. — Bianca me encarou contrariada. — É só que... bem, ele atropelou uma menina e precisa de você aqui. Sim, claro, eu entendo.

Eu irei falar com ele. Ele vai entender.

*O que eu iria entender?*

Pensei nervoso. *Será que o bundão do Diego ainda estava com ela?*

*Será que rolou mais do que aquele fodido beijo que presenciei no começo desta noite?*

Imagens dos dois rolando

sobre a cama, dele tocando a minha menina. A pele alva dela. As sardas que eu tanto gostava de beijar. *Eu precisava parar de pensar nisso, caso contrário enlouqueceria.*

— Ela vem? — perguntei

encarando-a de volta.

— Lia não pode deixar o

Brian sozinho, Lucas. E ela não quer que ele o veja *assim.*

— Eu não estou bêbado,

Bianca. Por que não contou isso a ela?

— Olha, eu só vou dizer

uma vez. Eu deixei um bebê de 3

meses em casa para vir ficar com você nesse hospital. Eric está puto da vida comigo, Lucas, então aceite que eu sou a única ao seu lado e pare de pensar na Lia! Será que você consegue fazer isso por algumas

horas?

—

Encarei-a

perplexo, depois de levar um chocalhão bem merecido.

Por muito tempo eu pensei que Bianca fosse a *tal* garota. Uma pena que ela se apaixonou pelo *playboy* do Eric, obrigando-me a recuar. Depois de tudo o que passamos nós nos tornamos amigos, daquele tipo inesperável, que sabem o melhor e o pior sobre o outro. Eu ainda amava a minha ruivinha, mas já não como um homem ama uma mulher. E sim como um irmão.

— Venha aqui, princesa. —

Eu a chamei pelo apelido que dei a ela anos atrás. — Me desculpe, tudo bem? — Joguei a mecha da

sua franja para detrás da orelha. —

Eu agradeço por estar aqui comigo, e me sinto culpado por ter feito você deixar nossa Bibi com o pai chato dela, agradeço de verdade.

— Tudo bem, tudo bem, eu

te perdoo. Mas não volte a chamar meu marido de chato! — Ela protestou fingindo estar irritada, mas não se afastou quando eu a abracei. Bianca e Eric eram felizes, eu tinha que tirar o chapéu, ou melhor, o capacete, para o fato daquele engomadinho fazer uma mulher como minha princesa feliz.

Hoje os dois trabalhavam juntos na

mesma

empresa.

Ele

como

engenheiro sócio na construtora da mãe, e ela como arquiteta. A pequena Beatriz, mais conhecida como Bibi, era o amor da vida deles. Assim como era o meu também. Eu enxergava a Bianca inteira naquele bebê sardento e tinha a honra de ser o padrinho dela... junto com a Lia. *Droga! Era impossível não pensar na minha menina.*

Maldito o dia que aquele

bundão retornou a Nova Iorque.

Com tanto time de merda para fechar contrato, o infeliz tinha que

2

aceitar justamente o Giants ? Foram meses de negociações, semanas e mais semanas em que assistia os telejornais esportivos especulando sobre sua contratação. Claro que desde o princípio eu sabia o risco que corria, só não imaginei que tudo aconteceria tão rápido.

Voltando a me afastar da

Bianca,

eu

passei

o

olhar

rapidamente pela sala de espera.

Havia outras pessoas à espera de informações, assim como nós dois estávamos. Juro, que ao começar essa noite a última coisa que imaginei era terminar preso

em um

hospital, esperando notícias a respeito de uma total e completa desconhecida.

Para a minha surpresa, e

alívio, uma jovem enfermeira se aproximou de onde estávamos, carregando com ela um prontuário em sua mão.

— A paciente do quarto

303, já pode receber visitas. Quem é o acompanhante dela? — Bianca e eu nos entreolhamos, e eu logo me pus de pé.

— Eu sou o acompanhante

dela — respondi a enfermeira, que

me encarou com visível interesse.

Aos 24 anos, eu havia tido um montante de mulheres em minha cama. Quebrado uns bons corações pelo caminho, e dormido com meu quinhão de mulheres. Eu era um porra louca? Sim, eu era. Mas quando me apaixonava... puta que pariu, quando isso acontecia eu me tornava o maior idiota da face da terra!

E eu sabia disso, porque

não foram uma ou duas vezes em que caí de quatro por alguma garota. Foram três. Três malditas vezes!

Na primeira vez em que tive meu coração despedaçado eu não passava

de

um

adolescente

arrogante que havia pegado a namorada vadia na cama com o meu irmão mais velho. O desgraçado que hoje controlava toda a rede de hotéis da nossa família em Londres.

Na segunda, eu caí de

amores pela minha princesa. E a história vocês já conhecem. Na terceira – e última vez, prometi a mim mesmo – a merda não parecia sequer perto de ter fim.

Sem dizer outra palavra,

segui

a

enfermeira

sendo

monossilábico quando ela me fazia alguma pergunta sobre a paciente.

*O que eu poderia responder afinal?*

Entrei no quarto, situando-

me aos poucos. A garota deitada na cama era pequena, seu rosto, agora limpo de toda aquela merda que brilhava em sua pele na hora do acidente,

tornava

difícil

a

identificação de sua idade. Antes, eu teria lhe dado uns 20, 21 anos.

Mas agora, olhando com bastante atenção, eu a achava incapaz de ter mais do que seus 18 anos. *A pestinha avoada não passava de*

*uma criança.*

O cabelo rosa, embaraçado,

se destacava ante dos lençóis e paredes brancas do quarto. Dei mais alguns passos ao ser deixado sozinho e comecei a estudar o estrago que havia feito.

Uma fratura na fíbula, que iria precisar de gesso e fisioterapia por pelo menos um mês. Um hematoma em todo o seu ombro e costas, gerado pelo impacto da batida dela no chão e um ferimento na cabeça, que por sorte não mostrou qualquer sequela agravante. Segundo a enfermeira, nessas últimas horas a paciente ia e

vinha mesmo sob efeito dos remédios.

Em

um

primeiro

momento eles a deixaram em observação absoluta por conta do ferimento na cabeça, mas após os resultados dos exames, eu, o seu único

acompanhante,

estava

liberado para poder vê-la.

Depois de toda a avaliação,

eu soltei o ar exasperado ao ver que a danada mantinha os lábios comprimidos, como se fizesse um esforço descomunal para não os abrir. Com a testa e os cílios vincados enquanto fingia dormir.

— Abra os olhos, eu sei que

está acordada. — Ela não fez o que pedi, porém prendeu a própria respiração. — Vamos lá garota, eu preciso saber se você está bem. —

Como uma criança teimosa, ela fez um bico e lentamente abriu os olhos, deixando-me atordoado por um rápido segundo.

No momento em que a vi

deitada no chão, sangrando e sorrindo como uma maluca, a última coisa em que prestei a atenção foram na cor dos olhos dela. Eles não eram azuis como

imaginei, eles eram cinzas. Um cinza glacial escuro, mas com

centenas de pontos azuis colorindo-os. Fora isso, eles ainda eram grandes, arregalados como os de um anime.

Surpresa,

Zoe,

o

que

descobrir ser seu nome após vasculhar sua mochila, piscou algumas vezes e suavizou a carranca em seu rosto, encarando-me de uma maneira quase...

fascinada!? Juro, essa menina parecia ter saído direto de algum anime japonês e aparecido na minha frente no pior momento da minha vida.

— É você... eu... eu achei

que tivesse sido um sonho. — Os lábios rosas se separaram em um sorriso infantil.

*Não falei que ela era*

*louca?*

— Por que raios você não

olhou para a rua antes de atravessar, Zoe? Eu poderia ter te matado, droga! — Ela piscou, como se estivesse se dando conta só agora de que o motoqueiro que a *salvou*, era o mesmo que a tinha atropelado.

— Foi você quem fez isso

comigo? — Perguntou desatinada.

— *Isso* não teria acontecido se você não andasse por aí sem prestar atenção à sua volta — falei com firmeza, fazendo os olhos acinzentados da louca umedecerem.

— E você não deveria estar

correndo — resmungou, sacudindo a cabeça. — Não era assim que devia acontecer. No máximo, eu deveria ter caído e ralado o joelho, você teria me ajudado e... — Ela não dizia coisa com coisa, mas eu continuei a escutá-la. — Nós teríamos sido felizes, mas assim?

Com um acidente? Não, não é assim que acontece nos livros, moço.

Cerrei meus olhos, confuso, para não dizer assustado.

— Escuta aqui *ô anime*, eu não faço ideia do que é essa baboseira que está dizendo. E

agradeceria muito se você parasse de agir como louca na minha frente.

O

que

aconteceu

foi

uma

fatalidade...

—

Porque

está

me

chamando de anime? Eu não sou isso que está dizendo, eu nem sei o que significa...

— Você não sabe o que

significa a merda de um anime? —

indaguei perplexo.

—

Não

—

revelou

baixinho, parecendo preocupada.

— Eu deveria saber? As irmãs não me ensinaram nada sobre ser um anime.

— Irmãs?

— Sim... do internato.

— Você por acaso fugiu

delas? — perguntei, agora eu era o único assustado aqui. Imagine ter que me explicar a um monte de freiras irritadas porque eu havia atropelado alguma de suas pupilas.

— Por que você acha que

eu fugi? Eu saí de lá porque chegou o meu momento. Algumas garotas até ficam por mais alguns anos após terminarem os estudos, algumas até decidem por se tornar freiras. Mas a irmã Joaquina não acha que eu tenho vocação para servir a Deus.

Não da maneira como ele merece.

— Ela deu de ombros, mas seu semblante era muito sério. — A irmã acha que eu sempre fui uma péssima influência para as outras meninas, então quando completei 18 anos elas me aconselharam a...

seguir o meu caminho.

— As irmãs te expulsaram?

— A merda era mais séria do que eu imaginava.

— Não, claro que não! Elas

são servas de Deus e não expulsam ninguém. Elas apenas... disseram que eu precisava seguir o meu caminho e que o meu caminho não era naquele lugar. E eu concordo com elas.

Ou seja, as freiras devem

ter expulsado a desmiolada e ela nem sequer se deu conta do ocorrido.

— Certo, então você saiu

do internato... e?

— E? Bem, eu comecei a trabalhar naquela lanchonete que vende rosquinhas gordurosas, mas que todo mundo parece amar, sabe?

Eu não ganho muito servindo mesas, mas me ajuda a pagar o aluguel. Quero dizer, eu também não tenho conseguido pagar o aluguel,

porque

veja,

quem

consegue pagar qualquer coisa ganhando menos de seis dólares por hora? Então...

— Tudo bem, eu já entendi.

— Porra, eu não tinha o menor interesse a respeito da vida dela.

— Só me responda uma coisa, para

quem eu tenho que telefonar e contar sobre o seu acidente?

— Eu moro sozinha.

Sozinha? A garota não era

capaz sequer de atravessar a porcaria de uma avenida sem olhar para os lados, imagine morar em uma cidade grande como Nova Iorque

sem

nenhum

adulto

responsável por perto? Isso era loucura!

A porta do quarto foi aberta,

e a presença da Bianca foi notada.

Zoe se retraiu ao ver a minha amiga, parecendo incomodada com

a presença de outra mulher. Seu olhar varreu o meu rosto, buscando por qualquer informação, mas eu simplesmente me virei. Puxando Bianca pelo braço e afastando-me da cama da Zoe.

— Merda, o que eu faço

agora? Eu atropelei uma indigente!

— Exclamei sem me importar se a garota ouvia algo do que eu dizia.

Bianca questionou o que estava acontecendo e eu expliquei tudo na medida do possível. Mesmo assim, minha princesa decidiu tirar a prova por conta própria.

— Então, Zoe... — falou

com cuidado, como se a garota fosse demente. — Quantos anos você tem?

— Eu tenho quase 19 — a

outra respondeu, olhando minha amiga de maneira compenetrada. —

E eu não sou um anime, ou uma indigente, eu juro! — Ela cruzou os dedos, suplicando para que a gente acreditasse nela.

Bianca riu do gesto, e eu revirei os olhos. Faltava paciência para lidar com essa garota.

Principalmente, quando tudo o que eu queria era estar ao lado da minha menina. *Merda, que saudade*

*eu estava dela e do Brian!*

— Bianca, peça logo o

telefone de alguém que ela conheça e encerre o assunto. Eu preciso dormir um pouco, minha cabeça está girando... — Lançando-me um olhar reprovador, Bia balançou a cabeça e voltou sua atenção para a menina.

— Lucas e eu *vamos ficar* aqui com você até que seu médico venha trazer mais informações sobre o caso, querida. Meu amigo também irá arcar com todos os custos do seu acidente, esse quarto, qualquer remédio que você tenha

que tomar. Tudo, entendeu? — A garota assentiu, dessa vez, com seu olhar preso ao meu. — Agora me dê um número de algum conhecido que eu irei telefonar...

— Não há ninguém.

— Como?

— Eu não tenho ninguém

para quem telefonar. A irmã Joaquina não vai gostar de saber que

eu

fui

atropelada,

eu

provavelmente terei que escutar algum sermão, e eu também não quero

incomodar o meu condômino.

Está escuro lá fora e tenho certeza

que ele deve estar dormindo.

Bianca

trocou

olhares

comigo em silêncio, como se dissesse: *Olha a merda que a sua irresponsabilidade fez...* Irritado, eu virei as costas as duas e saí do quarto. Ficar de babá desse projeto de freira, que ainda por cima havia sido expulsa de um internato, era a última coisa que eu desejava fazer.

~

— Lucas, ela é... — Bianca

murmurou minutos depois, ao se juntar a mim no corredor.

— Uma criança? — Eu a cortei de imediato.

— Não. Eu acho que ela

está apenas assustada com tudo o que aconteceu e não confia em nós.

Mas o que eu ia dizer antes de ser interrompida é que, ela é... linda.

— Bianca, me escuta. A

garota deve ter um parafuso a menos, nem mesmo as irmãs do tal internato conseguiram lidar com ela, tem ideia do que isso significa?

— Não, não tenho. Mas

sinceramente? Zoe parece ser uma menina muito legal.

Ignorei

seu

julgamento

distorcido e esperei as horas passarem do lado de fora do quarto.

Assim que amanheceu, eu telefonei para

o

número

que

Bianca

conseguiu arrancar da Zoe. O

pedido da garota era para que a gente só telefonasse pela manhã. A maluca não queria interferir no sono do seu condômino e nem no da esposa dele, ou no dos três gatinhos que o casal tinha.

O tempo passou, e bem, eu esperei. E agora, ouvindo a voz do senhor de idade no outro lado da linha, eu tinha não só a confirmação

de tudo o que Zoe falou, como também sabia que o homem não tinha a menor capacidade de cuidar de uma criança.

— Eu sempre avisei a essa menina para tomar cuidado nas ruas, mas ela é tão desligada. Vive com a cabeça no mundo da lua, sabe? A coitada me deve aluguel, mas eu não tenho coragem de mandá-la para fora... meus gatos a amam.

O senhor continuou a falar sobre Zoe, como se fosse o pai dela. Tentei encerrar a ligação depois que vi que nem ele e nem a

sua esposa poderiam vir ficar com ela, mas o homem fez questão de me atualizar acerca da vida de todos os seus inquilinos. No final da ligação eu já sabia em que andar Zoe morava, quantos alugueis devia, e que realmente estava sozinha no mundo.

Peguei-me olhando para o

quarto, pensando que raios eu iria fazer com essa garota. Bianca havia deixado clara a surpresa ao vê-la pessoalmente. Fiquei tentado a descrever a ela a maneira como Zoe estava antes de ter toda aquela maquiagem de palhaço no rosto

retirada, e o uniforme que mal cobria o seu corpo. A menina de cara limpa lá dentro em nada se parecia com a pequena aspirante a *Drag Queen* que eu socorri na noite passada.

Zoe tinha estatura média,

era magra, destituída de qualquer atributo que, normalmente, chamava a minha atenção. Os olhos eram tão grandes e vivos que ficavam desproporcionais ao seu rosto oval.

Ela não dizia coisa com coisa, e insistia em morder o interior de sua bochecha sempre que confrontada.

As unhas eram curtas e pintadas

com uma variedade de cores. A boca cheia, em formato de coração, era a única característica na garota que prendeu a minha atenção. Ela era atraente, delineada, do mesmo tom de rosa que coloria o seu cabelo.

Confesso que era difícil

imaginar essa garota trancafiada em um internato cheio de freiras. No pouco de contato que tivemos eu pude notar a imensa vontade dela de viver, de descobrir mais sobre o *mundo real*. E isso era uma merda, porque estava claro que Zoe era ingênua até o ultimo fio de cabelo.

Um perigo ambulante para ela mesma, literalmente.

**ZOE**

Fitei o teto branco do quarto

enquanto idealizava um futuro incrível e romântico para mim e o meu

*Gideon*

*motoqueiro.*

O

friozinho que sentia pelas minhas entranhas era tão incomum, eu me sentia diferente. Esquisita. Como se milhares de fiozinhos elétricos percorressem meu corpo indo diretamente

ao

ponto

mais

importante: o meu coração. A

imagem do Lucas não era possível de

ser

afastada

dos

meus

pensamentos, o homem era... um Deus. De uma maneira obscura e ranzinza, mas ainda assim, um Deus.

Os olhos verdes eram

intimidantes. O rosto sério me fazia ter vontade de tocá-lo. Eu acho que daria qualquer coisa para vê-lo sorrir para mim. Mas ele nunca o fez, e nos poucos minutos em que fiquei com ele, eu fui acusada de ser *a porcaria de um anime*, palavras dele, não minhas, e uma indigente, o que era uma completa

mentira. Tentei encaixar o que estava acontecendo comigo e com ele em alguma das tantas histórias românticas que li nos últimos tempos, mas não conseguia.

Confesso também, que a

cada vez que meu cavaleiro de armadura *nada* brilhante me olhava daquele jeito mal-humorado, meu coração perdia um compasso.

*Como seria... fazer amor com ele?*

Minha mente curiosa indagou. O

que era um absurdo porquê, veja, eu nunca nem mesmo havia beijado um garoto, como poderia estar pensando em fazer algo tão... tão...

assustador quanto sexo?

Era assustador, não porque

as irmãs consideravam como um pecado da carne. E sim porque parecia algo tão divino. Um encontro de almas e corpos. Eu tinha medo da dor, eu tinha medo de não saber o que fazer... e mais ainda: eu tinha medo de gostar e me tornar uma viciada.

*Os maiores desastres da humanidade foram gerados pelos vícios*

*e*

*pecados*

*dos*

*seres*

*humanos.*

Desde o dia em que a

Madre

Superiora

falou

isso,

olhando diretamente nos meus olhos acinzentados eu passei a me auto monitorar. Eu não queria ser vista como a causadora de nenhum desastre na terra apenas porque era viciada em goma de mascar de framboesa ou porque tinha um *enorme* fraco por histórias de amores impossíveis e trágicos.

Mas... e se Lucas fosse o meu para sempre? E se ele fosse mesmo me resgatar da minha solitária e difícil vida?

*Se ele for o seu para sempre, Zoe, ele vai querer fazer*

*sexo... assim como Gideon quis fazer*

*com*

*a*

*Eva.*

Meu

subconsciente murmurou, deixando-me apavorada.

**2**

**LUCAS**

**— Então você esteve no**

**prédio dela?** — Lia perguntou, sentada

de

frente

para

mim

enquanto

eu

me

esforçava

duramente para não tocá-la. Bianca estaria

chegando

a

qualquer

momento para se juntar a nós dois, o que arrancaria de mim a chance de realmente conversar com a minha menina.

Essa era a primeira vez

desde que presenciei *aquela* cena que eu e Lia nos víamos cara-acara. Nós dois até chegamos a trocar algumas mensagens nos últimos

dias,

ela

sempre

demonstrando estar preocupada comigo, porém, ainda inventando desculpas para não me ver, ou estar ao meu lado. Essa *tal* confusão em que seu coração se encontrava estava ferrando com cada partícula cerebral minha.

— Eu senti a sua falta —

admiti, referindo-me aos últimos dias. Minha teimosia fez com que eu segurasse sua mão por cima da

mesa, até que por fim, ela aceitou que eu entrelaçasse nossos dedos juntos.

— Lucas, não começa. —

Até então, nossa conversa havia girado em torno da garota que atropelei,

Lia

se

mostrou

preocupada, mais comigo do que com a Zoe. E eu tomei isso como um sinal de que ainda tinha chances com ela.

— Você não entende, bebê.

Eu não suporto ver nossa cama vazia... eu preciso de você. Esse afastamento tem me deixado louco.

— Cacete, esse não era eu. Mas se

implorar e suplicar a fariam repensar sua decisão em estar comigo eu o faria sem pensar duas vezes.

— Não fale essas coisas,

por favor, Luc. Eu me importo tanto com você, também sinto a sua falta, mas... — Antes que ela continuasse a falar, eu troquei de assunto.

Eu

não

me

achava

preparado para escutá-la falar sobre o Diego, ou sobre as suas dúvidas e muito menos sobre o beijo que presenciei.

— Como o Brian está? Eu

quero vê-lo, Lia. Essa é uma das coisas que você não pode me negar.

— Eu sei. — Ela abriu um sorriso genuíno, que fez a porra do meu coração querer saltar pela boca. — Ele está com saudades, eu expliquei

que

você...

estava

passando por um momento difícil, mas que logo iria vê-lo.

— Eu o amo, eu amo vocês

dois — falei, recostando-me contra a cadeira acolchoada do restaurante em que estávamos almoçando.

Lia chegou a abrir a boca para comentar, mas a chegada da

Bianca nos fez encerrar o assunto.

Minha princesa sempre programava esses almoços durante a semana com a desculpa de querer alguma normalidade em sua vida como mãe, arquiteta e esposa. Às vezes, ela

só

queria

sentar

nesse

restaurante e falar sobre bobagens, relembrar os velhos tempos e se sentir um pouco mais como ela mesma. Lia as vezes não conseguia pular as aulas do curso de medicina que havia voltado a fazer, graças ao recente auxílio financeiro de seus pais, que decidiram de uma hora para a outra voltarem a conviver com a filha após a descoberta da

gravidez indesejada. Eu bem que tentei convencê-la a aceitar minha ajuda financeira e me deixar pagar pelas aulas dela, mas Lia sempre foi irredutível quanto a esse assunto.

— O que eu interrompi? —

Bianca perguntou, tomando um bom gole da minha cerveja. Nós éramos assim, como irmãos.

— Lucas estava prestes a

me contar sobre a visita dele ao prédio dessa menina... a tal...

— Zoe — completei ao vê-

la se embolar com as palavras.

— Que ótimo, e como foi?

— Minha princesa soou toda negócios. — O apartamento tem a estrutura adequada para recebê-la?

— Pensei bastante nas palavras que usaria para responder a pergunta da Bianca. E a verdade, era que o lugar onde Zoe morava era uma merda.

O

prédio

não

possuía

elevador e a garota morava justamente no último andar. Fora que, sozinha, sem ninguém para ajudá-la a se mover sempre que precisasse, eu duvidava que o médico lhe daria alta hospitalar.

Bianca olhou para mim, à espera de respostas e eu me vi explicando a situação a ela, que se tornou

imediatamente

mais

pensativa, dando-me a ideia de que dentro daquela cabeça se formava um plano. Um plano que eu suspeitava que não iria gostar nem um pouco.

— Nós temos que ajudá-la

de alguma forma, Lucas — Bia comentou depois de algum tempo. A garçonete, conhecida por nós três, serviu nosso filé com molho e repôs a cerveja, que eu me dava ao prazer de tomar já que meu

escritório ficava a dois quarteirões do nosso ponto de encontro.

Leonardo e eu, logo após a formatura, tivemos a ideia brilhante de montar nossa própria empresa de

consultoria:

a

*Baker*

*investimentos.* Nenhum de nós demonstrou qualquer interesse que fosse pelo conglomerado hoteleiro de nosso pai, que hoje era comandado pelo Dylan, nosso irmão mais velho. Léo, por sua vez, sempre foi o meu parceiro de todas as horas, ele fora o único a ficar do meu lado quando peguei minha primeira namorada na cama com

Dylan. Tanto que ficou comigo em Nova

Iorque,

quando

decidi

terminar

meus

estudos

em

Manhattan e viver com nossa avó materna.

Com raciocínio rápido e

uma excelente cabeça para os negócios, eu hoje lidava com contas de clientes que desejavam aumentar a liquidez de suas empresas e investir em negócios diversificados e com alto teor de lucro. Eu era o único a fazer toda a mágica aqui, a arriscar

e

descobrir

novas

oportunidades

nesse

mercado

selvagem. Conseguindo, na maioria

das vezes, duplicar, até mesmo triplicar, os investimentos de meus clientes.

Sei que Leonardo e eu ainda

tínhamos um longo caminho a percorrer, nós éramos jovens e estávamos a pouco tempo nesse negócio, mas por incrível que pareça

estávamos

conseguindo

credibilidade,

e

notoriedade,

suficientes para fazermos nossa própria fortuna *Baker.*

— O que acha de toda essa

situação, bebê? — Não me importei de chamá-la tão carinhosamente na presença de outra pessoa, tudo o

que queria era a sua opinião a respeito desse assunto. Lia poderia ter saído do apartamento que adquiri há anos e que até então dividíamos,

mesmo

antes

de

ficarmos realmente juntos, mas eu sempre levaria em conta o que ela falasse. *Lia era o meu norte.*

— Eu sinceramente não sei,

Luc. — Ela bebeu do seu suco e me encarou. — Nenhum de nós

conhece essa menina direito, não sabemos de onde ela vem ou porque está sozinha... Além disso,

— ela se virou para a Bianca, e depois para mim novamente. — O

que você poderia fazer a mais do que tem feito?

*Boa pergunta.*

Dessa vez eu fui o único a olhar na direção da Bianca.

— Bom, há o quarto que era

da Lia e do Brian... — Mais do Brian, do que da Lia, pensei em silêncio. — Ele está vazio, certo?

—

Assenti

devagar,

sabendo

exatamente onde minha princesa pretendia chegar. — Tenho certeza que de que Lia não vai se importar se Zoe passar algumas semanas por lá, ela tem seu próprio lugar agora

e...

— *Sem chances!*

— *Nem pense nisso!*

Lia e eu respondemos ao

mesmo tempo.

**ZOE**

A primeira decepção do

meu dia, surgiu quando descobri que Lucas estava ocupado demais para me levar para casa. Quero dizer, *para a sua casa.* Quando ele e Bianca vieram me visitar há alguns dias e explicaram porquê eu

não poderia ir para o meu apartamento, eu precisei esconder a minha felicidade de ambos. Sendo que a verdade era que a notícia de que seria *"obrigada"* a passar as próximas

três

semanas

aos

cuidados dele, e da sua empregada, me fez querer saltitar por todo o quarto, abraçá-lo apertado e pedir que não se preocupasse. Que nós dois estávamos destinados a ficar juntos e que ele iria amar me ter por perto.

Estive bem perto de agir

assim, e teria feito, se não fosse o fato do meu *Gideon motoqueiro* ter

franzido os olhos para mim e cerrado os lábios em uma linha fina, um gesto bastante óbvio de sua raiva. Deixando claro que sua atitude era motivada apenas pelo seu senso de responsabilidade. Ou então, pela pressão que sua amiguinha

ruiva

estava,

visivelmente, fazendo sobre ele.

A segunda decepção veio ao

chegar em seu incrível apartamento e não encontrá-lo à minha espera como Bianca disse que aconteceria.

Eu bem que tentei não parecer chateada com sua ausência, mas devo ter falhado em esconder

minhas emoções porque assim que me sentei no sofá, cansada e dolorida por conta da minha perna, Bianca, a ruiva, se dirigiu a cozinha com seu celular em mãos e uma expressão assassina no rosto. Acho que a ideia era que eu não escutasse a conversa entre ela e o motoqueiro insensível, mas foi humanamente impossível não ouvir o sermão que a ruiva deu em seu amigo.

Agora, horas depois, com

todo o apartamento envolvido em um silêncio angustiante, eu assistia sem o mínimo de interesse um documentário sobre os maiores

*cupcakes* do mundo enquanto roía a pontinha da minha unha. A perna engessada,

pesando

horrores,

descansava sobre os lençóis da cama do quarto de hospedes, impedindo-me de levantar até mesmo para fazer xixi.

*A que ponto eu tinha*

*chegado...*

Inquietei-me ao escutar a

porta da frente bater. Meu corpo despertou em expectativa, não tinha como ser outra pessoa que não *ele* e isso me fez ansiosa. Dentro da minha mente sonhadora, eu comecei a imaginar que Lucas iria entrar em

seu apartamento, arrancar a jaqueta de couro que mantinha o seu cheiro e se dirigir ao meu quarto. Ele então perguntaria se eu estava bem e se desculparia por me deixar sozinha durante toda a noite.

Nós

dois

iríamos

nos

encarar por longos instantes, e eu, enfim, descobriria o que era todo esse *frisson* constantemente citado em romances e filmes... Esperei de maneira quase doentia por isso, meu coração parecia querer pular pela boca imaginando o tal momento, mas para a minha

infelicidade, não foi a minha porta

a ser aberta e sim a porta ao lado. *A do quarto dele.* Levei o maior susto da minha vida quando a mesma bateu com força, e afundei no colchão. Outra vez decepcionada.

~

*Uma semana depois.*

— Querida, por que não

esperou por mim? — Martha, a empregada do *agora* motoqueiro mau, perguntou assim que despontei em sua cozinha com a muleta debaixo do braço. Era dolorido,

para não dizer difícil, me arrastar do quarto até qualquer cômodo desse

apartamento,

porém

necessário.

Eu não aguentava mais ser

carregada, ou empurrada, até a sala, cozinha,

banheiro.

Nem

privacidade para fazer meu *querido xixizinho* eu tinha mais.

Fora que ficar enfurnada

por exatos 6 dias nesse apartamento havia me ensinado muita coisa.

Uma delas era que eu não tinha a menor paciência para passar o dia inteiro sobre a cama... Não importava se era uma imensa e

confortável cama.

A segunda delas era que

Lucas estava mais para *Fera* do que para *Príncipe - fodão - encantado.*

E a terceira, e última, era que eu descobri

ter

uma

enorme

necessidade de falar com alguém.

De mover minha boca, dizer alguma coisa, qualquer coisa!

Nesses momentos eu sentia

falta até mesmo do meu antigo trabalho. Das conversas fiadas dos clientes, das amizades esquisitas que arranjava, dos solitários que apareciam na lanchonete apenas em busca de companhia. Querendo que

alguém os ouvisse.

— Eu não aguentava mais

ficar naquela cama, Martha. Além disso, eu precisava fazer xixi —

sussurrei sem me preocupar já que, normalmente, éramos apenas nós duas.

Não foi fácil, eu quase caí umas três vezes até chegar ao vaso, mas consegui. E me orgulhava disso.

Quanto ao motoqueiro mau,

bem, nosso contato era mínimo.

Para não dizer inexistente.

O idiota, que por azar era

lindo a ponto de fazer meus olhos arderem, me evitava como alguém evitava a morte. Toda vez que eu abria a boca para dizer qualquer coisa, ele fechava a sua carinha malvada e revirava aqueles olhos escuros. Eu até mesmo cheguei a perguntar se ele tinha algum problema, já que sempre repetia o mesmo gesto na minha presença.

Mas tudo o que consegui foi uma risada sonora da Martha, e um aceno zangado do Lucas, que balançou a cabeça como quem diz: você só pode ter algum problema, sério.

Minha única companhia, tirando a Martha nesses últimos dias, já que Lucas fazia questão de sair antes que eu acordasse e chegar

quando

eu

estava

praticamente dormindo, era a Bianca, que por sinal trouxe a pequena

Bibi

para

que

eu

conhecesse. Um bebezinho lindo, cheio de sardas e fios ruivos.

O som de alguém limpando

a garganta, fez-me perceber que essa manhã, ao contrário das outras, Martha e eu não estávamos

sozinhas. Lucas, com toda sua intensidade, ocupava o outro lado

da cozinha com uma xícara de café na mão. Meu queixo, literalmente, caiu ao vê-lo. Não pela surpresa, mas pelo fato de ele estar usando apenas uma bermuda esportiva. Seu corpo bronzeado, coberto por tatuagens,

parecia

estar

se

recuperando de algum tipo de atividade de impacto. Talvez ele tenha corrido essa manhã, a julgar os resquícios de suor em seus ombros... ou então, ele tenha feito algum tipo de luta marcial. Era bem fácil imaginá-lo fazendo algo desse tipo.

Sem perceber o que fazia,

eu me vi piscando repetidas vezes.

Forçando,

inutilmente,

meus

olhinhos curiosos a não cair em tentação. *Mas eu não consegui.* Eu nunca tinha visto um homem tão exposto dessa maneira, meu contato com o sexo masculino nunca envolveu

toques,

beijos,

ou

exposições corporais indecentes...

— Querida — Martha

chamou e eu a encarei, ainda abobada.

Lamentando

profundamente ter que desviar meus olhos daquele abdome trincado, cheio de gomos que prendiam a minha atenção. Ou então, daqueles

dois

ossos

espetaculares

que

formavam um *V* definido e que apontavam diretamente para o que a bermuda de tactel escondia.

Envergonhada por ter sido

pega em flagrante, eu olhei para a Martha, que fez um gesto discreto para que eu parasse de babar e fechasse a minha boca. *Até então aberta.*

Voltei a encarar o Lucas,

ficando absolutamente mortificada ao me deparar com o sorriso cínico exibido em seu rosto.

— Sente-se e tome o seu

café da manhã — sugeriu com indiferença.

Como ficar de pé por tanto tempo era complicado, eu dei alguns pulinhos e me sentei de frente para a bancada em que Lucas se apoiava. Não demorou muito e ele também se sentou, Martha nos serviu, colocando um grande prato com bacon e ovos e um copo de suco. Eu nunca antes na minha vida fui tão bem alimentada como agora.

Diferente do que acontecia

com as outas garotas do internato, eu não tinha permissão de me sentar com elas durante as refeições e era

obrigada a esperar todas serem servidas antes de poder comer qualquer coisa. *Ou seja, eu ficava com os restos.*

Martha deixou a cozinha

logo após servir nosso café, deixando-nos a sós e indo cuidar de seus outros afazeres. Pelo que entendi, não era um hábito dela vir todos os dias, mas por minha causa e por causa da minha perna massacrada, a coitadinha estava sendo obrigada a bancar a babá.

Enquanto

respirava

o

mesmo ar que o motoqueiro mau, eu tentei comer fazendo o mínimo

possível de barulho enquanto Lucas observava cada um dos meus movimentos. Uma semana não havia feito

nada

pelo

*nosso*

*relacionamento.* O mal-humorado se manteve distante tanto quanto pôde, ignorando-me na maior parte do tempo e me tratando como se eu fosse um estorvo. Eu só não saí de sua casa, porque bem, não havia a menor condição que eu conseguisse me virar sozinha naquela caixa de sapato que eu chamava de lar. *Eu era orgulhosa, mas não era idiota.*

— Como sua perna está? —

perguntou, querendo preencher o

silêncio.

— Está.... — Mastiguei a

mistura que havia feito com os ovos e o bacon. — ótima!

— Sente alguma dor?

— Um pouco. — A verdade

é que eu passava o dia inteiro sem sentir qualquer incômodo, e a madrugada inteira rolando de um lado para o outro por conta da...

dor.

— Me responde uma coisa,

Zoe. — O tom sério que Lucas usou fez com que a comida descesse com dificuldade pela minha garganta. —

Como uma garota *como você* veio parar em Nova Iorque sozinha?

— Como sabe que eu não

sou de Nova Iorque? — indaguei surpresa.

— Seu sotaque. — Assenti,

esquecendo-me

desse

pequeno

detalhe.

Contrariando o estereotipo

de loiras nascidas no Texas, o sul do país, eu não era uma garota bronzeada e com típicas botas de caubói, mas eu tinha que admitir que tinha sotaque. *Alguns diziam que ele era até engraçadinho.*

— Então?

— Bom, eu te expliquei que

não tenho família. Eu fui criada pelas irmãs do internato, lembra?

— Certo, e como veio parar

*aqui*?

— De ônibus?

— Será que você nunca

leva as coisas a sério? — Lucas se irritou com minha tentativa de fazer uma inofensiva piada.

— O que exatamente você

quer que eu leve a sério? Eu estou presa em um lugar onde não sou bem-vinda, minha perna dói para

cacete todas as noites, eu preciso de ajuda até para tomar banho! E

tudo porque, você, o maior malvado de todos os tempos, passou por cima de

mim com uma moto assassina! — falei exaltada.

— Para piorar, eu sou obrigada a conviver com um homem que revira os olhos para tudo o que eu digo.

*Não tinha como esse moço ser o meu Gideon... tinha?*

— Você só diz asneiras,

garota!

— Olha, eu já te disse que não gosto de ser chamada de

garota! — Nada me irritava mais do que isso, além de me fazer sentir como uma menininha de dez anos, ser chamada de garota me fazia lembrar dos tempos em que estive no internato. Lá ninguém nunca lembrava o meu nome. Eu era uma das últimas preocupações das irmãs e dos outros funcionários que trabalhavam para elas.

— Tudo bem, Zoe, *você* tem um nome. *Você* só fala asneiras e vive me tirando do sério!

— Como eu posso tirar

*você* do sério se a gente sequer passa 10 minutos ao lado um do

outro? Essa é a primeira vez que você fala mais do que algumas palavras comigo...

— E adivinhe por quê?

— Por que você é mau?

— Sabe... eu deveria ter

passado por cima da sua língua ao invés de sua perna, sabia? Maldito o dia em que você cruzou o meu caminho! — Ofeguei, chateada de verdade dessa vez.

Será que ninguém, nunca,

nunca mesmo, iria gostar de mim?

Primeiro

os

meus

pais

me

abandonam, depois todos aqueles

anos esperando que algum deles voltasse para me buscar, esperando que eles se lembrassem de mim...

Eu era uma boa pessoa, juro que era. Meu coração era bom, eu não era vingativa e era muito obediente quando criança. Talvez não tanto quanto as outras meninas, mas ainda assim...

— Não se atreva a chorar

na minha frente. — Ele alterou a voz, encarando-me de maneira séria.

— Eu... eu não estou...

chorando... — gaguejei.

— E o que é isso tudo, então? — Ele apontou para o meu rosto, meio sem saber o que fazer ou dizer, até que, por fim, estendeu a mão e limpou as lágrimas que desciam pela minha bochecha.

Essa era a primeira vez que

ele me tocava, a primeira.

— São... são... lágrimas de felicidade. Eu estou muito feliz por estar com uma perna quebrada, por ter que... viver com você... e por sentir dor todas as noites. Muito feliz mesmo. — Ele revirou os olhos outra vez, enquanto eu me desfazia em prantos.

— Você é uma coisinha irritante, sabia? — o Sr. Malvado falou,

limpando

os

últimos

resquícios de lágrimas dos meus olhos.

— Você também não é lá

essas coisas em se tratando de ser agradável — sussurrei, incerta sobre o que dizer. Lucas não era a minha

pessoa

favorita

nesse

momento, mas eu não queria que ele parasse de olhar para mim da maneira como fazia agora, e muito menos que parasse de me tocar.

*Eu sei, eu sei. Faltava um parafuso importante aqui dentro*

*da minha cabecinha.*

Fascinada por aqueles olhos

castanhos,

que

me

fitavam

fixamente, eu comecei a questionar se deveria dizer a ele sobre a minha *devastadora*

vontade

de

ser

beijada. Eu não fazia a menor ideia de como *essas coisas* funcionavam, não sabia se deveria esperar... ou se, ao invés disso, deveria eu mesma tomar a iniciativa e beijá-lo.

Meus lábios formigaram

com a ideia de sentir a boca dele sobre a minha. E por alguns instantes, eu esqueci porque andava tão mal humorada nos últimos dias.

Esqueci que o Sr. Malvado não era o meu maior fã e me permiti imaginar como seria ser beijada por ele.

Se isso acontecesse, se sua boca realmente tocasse a minha....

ele seria o meu primeiro beijo.

Como se adivinhasse o

caminho

pelo

qual

meus

pensamentos

estavam

se

engrenhando, o polegar do Lucas desceu lentamente até chegar ao meu queixo.

— Eu não sei qual é seu

problema, não sei se é louca ou se

finge ser. Mas de uma coisa eu tenho certeza, você ainda é uma criança, Zoe. — Havia uma certa impaciência em sua voz. — Nós não precisamos nos dar bem, entende? Eu estou cumprindo o meu papel aqui que é o de cuidar de você, mas isso não significa que seremos melhores amigos...

— E quem disse que eu

quero ser sua amiga? — Menti, desconfortável.

Eu era uma tonta mesmo, o idiota arrogante não queria nem ser meu amigo e eu aqui imaginando como seria beijá-lo.

— Essas suas gracinhas, as besteiras que diz... — Pelo visto não era só a irmã Joaquina que não tinha paciência para as minhas gracinhas.

— Você é um ser... sem

coração! É isso o que você é moço.

— Preparei-me para levantar, recolhendo o que sobrou do meu orgulho ferido. A revolta dentro de mim era tão grande que sem querer acabei

apoiando

o

meu

pé

engessado no chão, causando um surto repentino de dor que me fez soltar um xingamento feio. *Senhor, se a Madre Superiora me visse*

*agora ela, com certeza, me faria lavar a boca com sabão.*

— Ei, cuidado! — ele me

segurou para que não caísse.

— Cuidado uma ova, seu...

seu desprezível!

Sabe Deus, eu não sei

porque o senhor colocou esse moço na minha vida, mas a culpa não é minha, ouviu bem? Ele me tira do sério, me faz querer bater nele para em seguida querer beijá-lo. Talvez as irmãs estivessem certas mesmo, não é? Talvez eu não tenha salvação, pensei, ainda nos braços

do homem que bagunçava tanto com a minha cabeça.

— Agora eu entendo porque

as irmãs não te quiseram por perto

— Lucas quebrou o silêncio e resmungou, sem tirar os olhos de mim... ou seriam da minha boca?

Por que ele estava olhando para minha boca dessa maneira? E

porque, de repente, eu me sentia encurralada? As mãos ao redor do meu braço não estavam apertadas, porém eu sentia como se estivesse presa. Presa a ele e ao momento.

— Lucas... eu... — Uma voz

feminina e confiante ressoou pela

cozinha, fazendo-nos virar a fim de descobrir a origem do som. Prendi a respiração ao me deparar com uma morena linda, cheias de sardas no belo nariz pontudo e um sorriso doce em seu rosto. Sorriso esse, que se

apagou

ao

me

ver

praticamente nos braços do Lucas, que sem a menor delicadeza, afastou-se de

mim, como se eu fosse o pecado em pessoa.

— Lia? — ele indagou,

aparentemente chocado com sua presença.

*Ah meu Deus, quem era*

*ela? Será que...*

—

Eu,

eu

precisava

conversar com você, não sabia que...

estaria

ocupado.

—

Consciente, ou inconscientemente, a tal Lia me avaliou dos pés à cabeça, enquanto eu forçava um sorriso inseguro em meu rosto assustado.

— Eu não estou. — Lucas

negou apressado, passando os dedos pelos fios negros, jogando-os para trás em um gesto agitado.

Quase culpado.

Fui

invadida

por

uma

coceira que começou na barriga, e que se alastrou, me fazendo ter

vontade de coçar cada partezinha do meu corpo. *Droga!* Isso sempre acontecia

quando

eu

ficava

nervosa.

— Essa é a... Zoe? — Eu

me vi assentindo de maneira exagerada, sabendo que minha tentativa de mostrar a pessoa legal que eu era não estava funcionando.

Primeiro, porque a Lia não fez sequer questão de retribuir o meu sorriso. E segundo, porque ela me olhava como se eu fosse um *insetozinho verde* pairando no lugar errado.

— Sim, sim... essa é a garota que eu atropelei. — Senti uma vontade louca de chutar o idiota. *Garota que eu atropelei....*

*Urgh!*

Sem graça por causa da

situação infeliz, eu voltei a me reequilibrar enquanto ambos me observavam lutar com a bendita muleta que carregava por todos os lados comigo. Eu estava a um passo de xingar a coisa irritante quando Lucas teve a educação de me apresentar a sua amiga.

Bom, eu esperava muito que

Lia fosse apenas uma amiga mesmo,

caso contrário eu me sentiria horrível por conta dos recentes pensamentos obscenos a respeito da boca do possível namorado dela.

— Zoe, essa é a... Lia. —

Lucas

a

encarou,

parecendo

desconfortável. — O quarto em que está dormindo pertence a ela —

disse com convicção e eu logo percebi que suas palavras, nem sua atenção, estavam direcionadas a mim, e sim a ela.

*Era como se ele quisesse lembrá-la desse fato.*

— É um prazer finalmente

conhecê-la

Zoe,

Bianca

tem

contado maravilhas a seu respeito.

— Lia me lançou um rápido olhar e logo em seguida, virou-se para o Lucas cheia de expectativa. — Será que podemos conversar a sós, Luc?

É importante.

— Claro bebê, eu só... acho

melhor irmos para o quarto. Assim Zoe pode sentar e terminar o café sem

interrupções

—

disse,

ignorando completamente a minha presença.

Os olhos castanhos, sempre

tão carrancudos, estavam vidrados na garota a nossa frente.

Assisti de maneira quase teatral a saída dos dois da cozinha, sentindo-me vazia por dentro. A comichão que agora percorria todo o meu corpo foi se acalmando aos poucos enquanto eu roía nervosa a minha unha. Lucas havia chamado ela de *bebê*... A palavra soou tão carinhosa saída da boca dele.

— Que carinha é essa

menina? — Martha perguntou assim que entrou em sua cozinha. Dei de ombros, ainda olhando para o corredor agora vazio. — Que bicho te mordeu?

— Nenhum bicho, Martha.

Nenhum mesmo — respondi séria, para que ela não se preocupasse.

— Hum, pelo visto você

conheceu a Lia? — ela arriscou e isso fez com que meus olhos se arregalassem. — Não precisa ficar com medo dela, querida. Lia é uma menina excelente, assim como a Bianca. Os três são inesperáveis, sabia?

*Será que... isso significava que eles eram amigos?*

— Faz anos que eu convivo

com ela e com o pequeno Brian.

Essa casa ficou uma verdadeira

tristeza quando os dois se mudaram.

Isso chateou muito o meu menino, Zoe... — Acho que o menino em questão era o Lucas. —, tanto que ele

ainda

não

conseguiu

se

recuperar. Lucas pode ser um cabeça dura teimoso, e pode até não saber disso ainda, mas trazer você para esse apartamento foi a melhor decisão que poderia ter tomado.

— Por que a senhora diz

isso? — perguntei, terminando de roer a última unha pintada de amarelo.

Martha parou no meio da

cozinha, limpando as mãos no avental e me deu um sorriso fora a fora, recusando-se a dizer qualquer outra coisa.

**LUCAS**

Observei Lia andar de um

lado ao outro do meu quarto enquanto, eu, permanecia de braços cruzados,

recostado

contra

a

cômoda. Minha menina era tão transparente que foi fácil para mim notar que algo a incomodava. Suas bochechas estavam vermelhas, e os olhos cheios de ressalva. Fora que,

para

ela

aparecer

no

meu

apartamento sem avisar, e fazendo uso de sua própria chave, só poderia ser por algum motivo bem sério.

— Onde está o Brian, Lia?

— Esse foi um dos meus primeiros pensamentos.

Fazia dias que eu não tinha qualquer contato com o meu pequeno. Lia barrou até mesmo minhas ligações depois do desastre daquela noite... Sempre inventando desculpas, sempre me pedindo para ter paciência.

*Bom, ela estava pedindo essa merda ao cara errado!*

Ignorando minha pergunta, e

preocupação, ela sondou o terreno:

— Bianca tem falado tanto nessa menina, eu só não imaginei que ela fosse ser tão bonita, e... jovem. —

Havia uma censura velada em seu tom de voz que eu também fiz questão de ignorar.

A bem da verdade, era que eu não tinha o menor interesse em discutir sobre a garota irritante fora desse quarto. Eu queria mesmo era falar sobre o que seria da gente.

— Esqueça essa garota e me responda, Lia. Por que você não trouxe o Brian? — insisti.

Lia era uma mãe coruja, ela

dificilmente deixaria o filho aos cuidados de terceiros a menos que fosse obrigada. E como hoje era sábado, o esperado era que meu garotão estivesse no encalço da mãe.

— Eu... eu o deixei com

Diego — admitiu, após alguns instantes. — Desde que voltou ele tem me pressionado, Luc, insistindo para que contássemos ao Brian a verdade e...

— Não posso acreditar que você tomou essa decisão sem me consultar! — O grito exacerbado saiu antes que pudesse contê-lo.

Lia não tinha o direito de fazer isso, merda! Não sem falar comigo antes. Foram anos cuidando dela e do Brian como se fossem meus. Eu deveria ao menos estar presente quando Brian descobrisse sobre o Diego.

— Como pôde fazer isso

comigo, Lia? Aquele menino é como se fosse meu filho!

— Você disse bem, Luc.

Brian é como se fosse, mas ele não é o seu filho. — Eu sabia que Lia não estava tentando ser cruel, minha menina não era assim. — Diego está no direito dele em querer fazer parte da vida do Brian, você não pode se envolver na relação dos dois.

— Você poderia ter ao

menos me telefonado. Conversado comigo.

— E dizer o que, Lucas?

Que o pai do meu filho tem insistido para conhecê-lo? Que ele não quer que o Brian cresça pensando que o pai dele é você? —

Sacudi a cabeça sem acreditar, só faltava agora a merda desse filho da puta querer me proibir de ter contato com o Brian!

O que Lia tinha acabado de

me dizer só tornava sua visita ainda mais sem sentido. Claro que eu estava grato pelo fato dela ter dado a braço a torcer e aparecido, mas merda, a última coisa que eu esperava era descobrir que meu pequeno estava com o pai dele. *O*

*verdadeiro pai.*

— Lia, se você tomou sua

decisão sem se importar com minha opinião, ou sequer me consultar,

por que veio aqui hoje? —

indaguei. — Por que, de repente, decidiu parar de me ignorar e aparecer depois de semanas sem colocar os pés nesse apartamento?

Lia prendeu seus olhos

castanhos nos meus, parecendo incerta do que dizer.

— Essa garota... — Fechei

os olhos, controlando-me, ao ver que voltaríamos ao mesmo assunto irritante: *Zoe*.

O que eu vinha fazendo para

evitar as besteiras dessa maluca não era pouco. Tudo o que Zoe

dizia afetava a minha paciência, cada frase sem sentido, cada sorriso

esquisito...

Indo

na

contramão da minha rotina, eu acordava todas as manhãs, me acabava na academia e depois ia direto para o trabalho. Passei a ficar até mais tarde no escritório, apenas para não ter que bancar o babá de uma espertinha de 18 sem qualquer filtro na boca.

— O que tem essa garota,

Lia? — perguntei, pressionando meu corpo contra o dela em um encaixe perfeito. Minha menina arfou ao sentir o sinal do meu

desejo,

e

apertou

o

móvel,

forçando-se a permanecer de pé.

— Luc...

— Eu te amo tanto, bebê —

murmurei contra a sua boca entreaberta. — Não me machuque mais, não faça isso com a gente. —

Eu poderia tê-la deixado falar qualquer coisa, ignorar a tensão entre nós dois e fingir que não via resquícios de desejo em seus olhos, mas eu não era um cara conhecido por ser exatamente compressível...

Então, ao invés de me

afastar e deixá-la respirar, eu me

inclinei e desci a boca até a sua.

Sugando o lábio entreaberto até que minha língua estivesse entrelaçada a dela. Os instantes em que o contato

durou

não

foram

o

suficiente para sanar a saudade, muito pelo contrário. O beijo serviu apenas para

despertar o desejo adormecido por todos esses dias dentro de mim.

O fato de Lia não ter me empurrado de imediato também me trouxe esperanças. Sinal de que uma parte dela ainda era minha. Eu só precisava saber como alcançá-

la.

**3**

**ZOE**

***O que eles tanto faziam***

***dentro daquele quarto?***

Comecei a me questionar ao

ver os minutos passando sem qualquer

som

ou

sinal

de

movimentação. Tudo bem, eu estava sendo uma tremenda enxerida por ter me arrastado até o corredor com a desculpa de que *"precisava esticar um pouco a minha perna"*, mas eu não consegui me controlar.

Não sei nem se Martha chegou a acreditar em mim, espero que o fato de

minhas

bochechas

terem

queimado ao contar a mentira boba não tenha me deletado. O fato era que ela

sorriu, sacudindo a cabeça, e voltou ao seu trabalho.

Minutos

depois

desse

episódio, eu me encontrava parada, com a muleta debaixo do meu braço, olhando fixamente a porta.

Sem a menor ideia do que fazer.

*Mas porque raios você*

*deveria fazer algo, Zoe? Me responda!*

Minha

consciência

gritou, tirando-me da indecisão. Eu

não tinha respostas para dar a ela, nada que pudesse tranquilizá-la e fazê-la pensar que eu não era mesmo uma louca varrida.

Roendo a pontinha da unha, outra vez, eu continuei a fitar a porta, como se por trás dela estivesse todas as respostas que eu precisava. Eu não sei o que seria de mim se eu descobrisse que o meu motoqueiro malvado tinha uma namorada.

Martha confidenciou que

Lia foi por muito tempo a única mulher nesse apartamento. Que Lucas e ela eram inseparáveis, e

que esse carinho todo se estendia ao Brian, o filho dela. Ainda assim, foi impossível saber em que sentido os dois eram *inesperáveis*...

Droga!

Eu

estava

começando a achar que algo tinha dado errado com o “salvamento”.

Talvez Lucas não fosse o meu Gideon, o meu para sempre, e talvez

eu

tivesse

caído

de

paraquedas na história dos dois.

— Lucas você me prometeu

um tempo. — Quase dei um pulo ao escutar a voz dela.

— Não me lembro de ter

prometido nada, bebê. — O

malvado

falou

de

maneira

carinhosa,

fazendo

doer

meu

coração.

*Ele era sempre tão seco comigo, tão impaciente...*

As

vozes

continuaram,

agora sussurradas, o que me impedia de assimilar o que era dito.

Fechei

os

olhos

consternada,

imaginando

como

seria

ser

chamada de *bebê* por ele. Era visível que havia carinho entre os dois, uma cumplicidade que eu nunca tive com ninguém antes.

Constatar isso me fez sentir

solitária... e boba.

Para o meu total desespero,

e desequilíbrio, a porta foi aberta com brutalidade e uma Lia agitada saiu, parando bem na minha frente.

Pensei que meu coração, junto com todos os meus órgãos, fossem pular pela

minha

boca

e

me

abandonarem. Deixando-me sozinha para lidar com a garota perfeita.

O susto e o medo que senti fez-me bater com a bunda na parede atrás de mim, que por sorte, serviu como apoio para que eu não caísse no chão. Eu tinha que parar de me colocar em situações de risco, caso

contrário acabaria quebrando outra parte do meu corpo, e sendo obrigada a viver eternamente sob os cuidados de um tal cara ranzinza.

*Se bem que... isso não seria de todo ruim, Zoe.* O diabinho dentro de mim sussurrou em meu ouvido.

— Você estava escutando

atrás da porta? — Lia perguntou perplexa,

deixando-me

notar

resquícios do seu choro.

Balancei

a

cabeça

efusivamente, enquanto abria e fechava a boca querendo encontrar

o que dizer.

— Eu... eu não estava

escutando. Eu juro! — Cruzei meus dedos, sentindo-me a pior pessoa do mundo.

Três meses no *tal mundo real* e eu estava para me tornar uma grande mentirosa.

*Ah, se a irmã Joaquina me visse agora.*

— O que está fazendo em

frente à minha porta, Zoe?!

Lucas surgiu irritado atrás da Lia, eu só não sabia se ele estava com esse humor por me ver em frente ao seu quarto ou porque o

*bebê* dele parecia prestes a abandonar

o

barco,

*ops*,

o

apartamento.

— Eu... eu... — gaguejei de

nervoso, não que eu tivesse com medo do motoqueiro malvado, era só que a maneira como ele me fitava agora me dava arrepios.

— Quer saber? Esquece! —

Ele passou a mão no cabelo preto, desviando o olhar, e segurou a cintura da Lia com possessividade.

Agindo como se eu nem mesmo estivesse presente. — Lia, volte para o quarto e vamos conversar, por favor. — O escutei murmurar

em seu ouvido, mas o pedido não surtiu efeito algum, porque no mesmo instante Lia sacudiu a cabeça decidida e deu as costas a ele. Saindo de nossas vistas.

Sentime fisicamente mal ao

ver o quão perdido Lucas parecia, diria até que transtornado. Ele demorou a se recuperar da saída dela e quando o fez, voltou a me fitar de maneira fixa e estranha.

As

sobrancelhas

negras

franziram, emoldurando o rosto masculino. Dando-lhe um aspecto malvado. A barba rala que ele exibia tão orgulhosamente fazia

com que meus dedos coçassem de vontade de tocá-lo. Eu queria saber qual era a sensação de sentir os pelos sob meus dedos, de saber qual seria a textura. Se faria cocegas, se seriam macios...

Sem perceber, eu me vi

fitando

os

lábios

cerrados,

fantasiando cenas impossíveis de se acontecer.

Visões povoavam a minha

cabeça, enquanto eu assimilava os passos que Lucas dava em minha direção. Ficando tão próximo e deixando-me tão abismada, que fiquei sem saber para onde correr.

Ou até mesmo, se deveria correr.

Sem arrancar seus olhos de cima dos meus, Lucas soltou uma baforada em meu rosto. Espalhando o ar mentolado de seu hálito, levando-me a cometer a loucura de lamber

meus

próprios

lábios

apenas para verificar se era possível sentir mais do seu gosto.

— Para uma aspirante a

freira até que você é bem enxerida, não é? — Meus olhos piscaram, parte pela surpresa que suas palavras causaram. — O que você ouviu atrás dessa porta, Zoe?

— Eu não escutei nada. —

Usei o mesmo tom que usava no internato quando me pegavam fazendo algo indevido.

— Mentir é pecado, sabia?

— disse de um jeito ardiloso. Os cantos dos olhos enrugando pelo sorriso cínico.

Minha reação a toda essa

proximidade me fez parecer uma idiota, não, não! Uma verdadeira retardada. Eu não entendia porque meu corpo inteiro reagia assim, mas minha cabeça girava por conta do perfume amadeirado, intenso, que sentia exalar de sua pele. Minhas

pernas tremiam como vara verde...

e assim que ele voltou a sorrir, agora de maneira divertida, como se zombasse da minha cara, eu cometi o erro de arfar. *Ou seria gemer?*

O som baixo, arrastado,

soou tão estranho saindo de mim que cada centímetro de minha pele ardeu em brasa. Forcei-me a acalmar, puxando todo o ar de dentro dos meus pulmões, enquanto a coceira habitual voltava a percorrer áreas do meu corpo que eu até mesmo evitada tocar.

*Será que era isso que era...*

*tesão?*

**LUCAS**

Tinha alguma coisa muito

errada com essa garota, sério. A menina tremia dos pés à cabeça bem aqui na minha frente. A boca entreaberta formava um *O*, que em qualquer outra mulher teria sido atraente, sexy, mas que nela apenas deixava claro a sua inexperiência e ingenuidade.

Não

que

os

lábios

excessivamente rosas não fossem

atrativos, porque eles eram. Eu como homem sabia reconhecer uma bela boca quando via. Mas o restante da Zoe, destoava do pecado que seus lábios eram.

Enquanto a assistia tremer sob o meu escrutínio, eu desci o olhar para o pijama sem graça que a garota vestia. Uma camiseta tão larga que tornava impossível ver o tamanho exato dos seus seios. O

short curto, era largo e pegava até a metade das coxas. Tapando tudo o que poderia ter de interessante nela.

Se é

que

haveria

algo

de

interessante.

Voltei a encará-la e para minha surpresa me deparei com Zoe de olhos fechados. Ainda tremendo.

Sua boca carnuda, agora estava selada em um biquinho. Os lábios enrugados como se esperasse por um...

— Zoe — eu a chamei,

controlando a vontade de rir. A garota, por sua vez entreabriu os olhos sem afastar totalmente as pálpebras. — Eu não vou te beijar

—

afirmei

com

convicção,

levando-a, agora sim, a arregalar os olhos glaciais.

Sua decepção não passou

despercebida, assim

como

a

maneira inútil com que ela tentou se recuperar.

— Você não é o meu tipo, garota. E mesmo se fosse, eu não cometeria o erro de beijá-la.

Entende?

—

Você...

tem

uma

namorada? — perguntou baixo, fazendo-me

pensar

na

minha

menina.

Em

tudo

o

que

ela

representava para mim. Em tudo o que havia acontecido dentro do meu quarto há alguns instantes. Lia

cedeu e me deixou beijá-la. Tocá-la da maneira como há muito tempo eu não fazia.

Sem responder sim, ou não,

eu sacudi a cabeça querendo me ver livre dos pensamentos possessivos que se alastravam em meu peito ao imaginar Lia e Diego juntos.

Afastei-me do corredor,

sem conseguir encarar a garota na minha frente outra vez. Eu não devia qualquer resposta a ela. Zoe era apenas um problema temporário que eu não via a hora de

me ver livre. Em duas semanas ela retiraria o gesso e começaria as aulas de

fisioterapia. Em duas semanas o mais provável é que eu me veria livre dela e de toda a dor de cabeça que sua presença trazia a minha vida.

**4**

**ZOE**

*Duas semanas depois*

**— Vai doer, não vai?**

Continuei concentrado no

volante, tentando não perder a paciência com o montante de perguntas feitas pela Zoe nos poucos minutos que passamos do meu

apartamento

até

o

estacionamento do hospital.

Essa já era a segunda volta que eu dava à procura de uma maldita vaga, e a cada minuto a pequena *drag queen* ao meu lado parecia com ainda mais medo da consulta que teria para a retirada do gesso de sua perna. Ao que parece, não era apenas a língua da Zoe que sofria com a sua falta de bom senso. A maneira como ela gostava de se maquiar, também não era algo que

poderia

ser

considerado

normal.

Ou vai me dizer que encher

a cara de *glitter* era aceitável? *Eu tinha era pena da cara do idiota*

*que cometesse o erro de se envolver com ela!*

Aliviado por finalmente

encontrar um lugar para estacionar o carro, eu passei pelo rotatório do hospital

e

parei

entre

uma

caminhonete e um *Ford*. Foi impossível não pensar na minha menina enquanto tentava ignorar o problema sentado ao meu lado. Lia, por algum motivo que eu estava começando a desconfiar, vinha aparecendo cada vez com mais frequência em nosso apartamento.

Ontem

mesmo,

ela

e

Brian

passaram o dia comigo, como nos

velhos tempos. E para o meu espanto, o garotão ficou fascinado por ela. O que me fez supor que essa afinidade toda se deu por conta

da

evidente

falta

de

maturidade da garota. Levando em conta o seu comportamento, era de esperar que os dois se entendessem mesmo...

— Eu sei que vai doer, Luc.

— Não me chame de *Luc!*

— falei sem pensar. Só havia uma pessoa que me chamava assim.

*Apenas uma.*

— A Lia te chama assim —

A espertinha retrucou com uma inocência fingida.

Por vezes eu percebia o

quanto Zoe gostava de me provocar.

Melhor dizendo, Zoe gostava de tudo que me fizesse lhe dar atenção.

Nem que suas irritantes tentativas *quase sempre* nos fizesse discutir no final.

Não que os últimos dias

tenham sido apenas isso. Não. Nós realmente brigávamos mais do que conversávamos, mas eu não posso negar que ter Zoe mancando atrás de mim se tornou algo rotineiro.

Algo no qual eu estava começando

a me acostumar. Ela me irritava, eu a irritava. Nós trocávamos farpas, e na maioria das vezes em que parava para analisar as coisas absurdas que Zoe dizia eu me pegava sorrindo.

Ou

então,

querendo

provocá-la só mais um pouco, só para ver qual seria a próxima perola a ser dita por ela.

Martha

vivia

me

recriminando pela maneira como eu a tratava. Lembrando-me sempre do quanto eu era impaciente para as travessuras dela, ao mesmo tempo em que era condescendente para os

erros que Lia cometia.

Lia, por sinal, não parecia ser uma grande fã de Zoe. As duas não se bicavam, e sempre que *minha menina* estava ao meu redor no apartamento. Zoe arranjava um jeito de se esconder no quarto, em uma atitude claramente infantil.

— Você precisa de ajuda?

— Perguntei ao sair do carro, inclinando-me na janela ao ver que Zoe não fazia esforço algum para sair também.

— O que você acha? —

dessa vez, ela foi a única a revirar

os olhos.

— Eu acho que você está é se aproveitando desse gesso para me fazer carregar você por todos os lados. — Ultimamente, Zoe vivia dizendo

estar

com

dor,

e,

consequentemente,

eu

me

via

obrigado a pegá-la no colo e levar para o quarto, cozinha... *banheiro.*

A freirinha esperta estava

era me fazendo de empregado, isso sim.

— Quer saber? — disse

mal-humorada. — Eu *NÃO* preciso de ajuda, eu posso sair desse carro

sozinha, mas saiba... — ela cerrou os

olhos,

tentando

parecer

assustadora, mas eu tive a séria impressão de que por mais que tentasse, Zoe nunca iria colocar medo em alguém. Não com um rosto como o dela. —, que se eu cair e quebrar qualquer outro osso do meu corpo você terá que conviver comigo por mais algumas semanas. Para não dizer meses, seu motoqueiro malvado! — Ela pegou a muleta que usava para se equilibrar e começou a gemer, tentando se levantar.

Maldição! Pior do que me

chamar de Luc, era quando a infeliz vinha com essa ladainha de *príncipes idiotas* e *motoqueiros malvados.*

Xinguei um *foda-se* mental, e dei a volta no carro antes que a maluca

me

causasse

mais

problemas. E antes mesmo que pudesse voltar a reclamar eu a peguei no colo, com muleta e bolsa, e em seguida dirigi-me a recepção do hospital.

Zoe

sorriu

para

mim,

daquele jeito esquisito dela e respirou fundo, como se exalasse o meu cheiro. A garota até mesmo

balançou a perna - sem gesso -

alegremente

enquanto

era

carregada.

Meia hora mais tarde,

depois

de

vários

olhares

apreensivos e várias bufadas ao meu lado na sala de espera, Zoe, praticamente,

pulou de sua cadeira quando a enfermeira chamou seu nome para que pudéssemos segui-la até o consultório do ortopedista.

— Então, como a senhorita

está se sentindo essa manhã? — O

médico perguntou a Zoe, que passou a me encarar como se sentisse culpa pelo que estava

prestes a fazer.

*Mas por quê?*

— Muito ruim — disse,

agora olhando para o médico com uma expressão absoluta de dor. —

Minha perna, ela ainda... dói muito

— exagerou.

*Ela estava fingindo.*

—

Sente

mesmo?

—

perguntei, desconfiado. Passando a mão pelo cabelo, nervoso, ao ver a expressão preocupada no rosto do médico.

— S-sim. — A freirinha não

me encarou dessa vez. Cacete!

— Bom, primeiro vamos examinar a fratura, fazer uma radiografia

e

conferir

os

ligamentos. Às vezes, mesmo com a fíbula recuperada a dor pode ser dilacerante. Isso não é comum —

salientou. —, mas é possível. Em casos assim, eu aconselharia o paciente a adiar o início da fisioterapia. O osso pode estar frágil por conta da lesão, então eu indicaria uma ou duas semanas a mais com a tala ou o gesso. Até mesmo para que o paciente tenha tempo de se sentir confiante. — O

Dr. Richard explicou enquanto cortava o gesso com a ajuda da

enfermeira.

Passei toda a consulta

encarando fixamente a pequena mentirosa,

que

desviava

seus

enormes olhos glaciais dos meus a cada vez que eles se encontravam.

— Dói aqui? — Richard

perguntou,

tocando

a

região

fraturada com cuidado.

A careta de dor que se

formou no rosto da Zoe não me convenceu, mas pareceu convencer o médico.

— Bastante. Eu acho que

meu osso não vai se recuperar

nunca, doutor. O melhor é viver com o gesso... é mais seguro. —

Isso fez com que ele e a enfermeira rissem, enquanto eu revirava os olhos.

— Nós vamos avaliar as

imagens da radiografia, tudo bem?

Imagino a dor que deva estar sentindo e o medo de voltar a forçar a lesão. Mas com o tempo esse receio desaparece...

—

Quanto

tempo?

—

perguntei afoito. — Até que ela possa sair da... quero dizer, até que ela volte a andar normalmente.

Quanto tempo isso pode levar?

— Bom, pela reação da Srta. Taylor ao meu toque, eu diria que o mais indicado seria deixá-la por mais alguns dias com o gesso.

Se a lesão não estiver recuperada eu diria semanas. Mas assim que Zoe estiver liberada para as sessões de fisioterapia, ela será capaz de andar normalmente. Claro que sem fazer grandes esforços.

— Subir um prédio com

seis andares seria um grande esforço, Dr. Richard? — Zoe perguntou e mordeu o interior da bochecha, olhando-me de soslaio.

— Um enorme esforço,

senhorita. Como seu médico eu não recomendaria algo assim tão cedo.

Não com a lesão que teve.

Talvez eu estivesse ficando louco,

mas

podia

jurar

que

enxerguei com clareza o brilho que surgiu naqueles olhos glaciais, e mais ainda, que podia ver o pequeno sorriso de alívio que ela fez questão de esconder de todos no consultório.

**ZOE**

Depois de ser consultada,

ter meu gesso recolocado, e ouvir da boca do Dr. Richard para voltar daqui a uma semana, eu segui mancando atrás do Lucas, que parecia ainda mais furioso comigo do que na primeira vez em que descobriu que teria que me *acolher* em seu apartamento.

A medicação contra a dor -

que, por sinal, eu não sentia, -

começava a fazer efeito conforme eu atravessava o *hall* da recepção.

Sentime um pouco zonza, como se minha pressão arterial estivesse abaixando

drasticamente

e

rapidamente. Mas sabia que se

parasse para me recuperar, Lucas me deixaria para trás. A julgar a carranca em seu rosto, eu acho até que ele seria capaz de ir embora sem dizer qualquer palavra.

Mesmo correndo o risco de

ter que voltar horas depois, apenas para me buscar.

Parecendo um louca, eu

manquei mais rápido. Perdendo o pouco do folego que me restava.

—

Você

deveria

se

envergonhar das mentiras que conta garota, não pense que eu acreditei na ceninha que fez dentro daquele

consultório.

— Você acha que eu estou

inventando a minha dor? —

perguntei ofendida, ultrajada por ele me considerar uma mentirosa.

Mesmo

sabendo

que...

*Lucas*

*estava certo em sua acusação.*

Lucas não respondeu nada,

apenas me ajudou a entrar no carro e bateu com força a porta assim que eu me sentei.

— Sabe, *Luc*? — chamei-o assim de propósito. — Eu teria que ser muito pirada para inventar uma mentira como essa. Em primeiro

lugar porque você é o pior companheiro de apartamento de todo o universo! — falei furiosa. —

Você não conversa comigo, não assiste filmes comigo, não divide a pipoca comigo! Não me oferece a última lata de *Coca Cola* e também não pergunta como estou. Você nem sequer me dá boa noite. Por que então eu teria que mentir para continuar em seu apartamento?

Sendo *tão bem* tratada por você como eu sou?

— Então por que raios você

mentiu? — exigiu saber.

— Eu não menti, não

completamente.

Você

mesmo

escutou o Dr. Richard. Eu não posso fazer esforços, Lucas, como vou subir seis etapas de degraus todos os dias se eu não consigo nem mesmo ir até o banheiro sozinha?

— Fiz minha melhor cara de cachorrinho abandonado para ele, que mais uma vez revirou aqueles olhos lindos e arredios para mim.

Eu amava os seus olhos,

assim como amava a boca, a barba, os braços... o tórax que ele insistia em exibir sem camisa na minha frente. Os ombros que enrijeciam a cada vez que ele fazia flexões no

meio da sala. Amava sentir o cheiro dele no corredor, a bagunça que fazia em seu quarto e que eu sempre espiava depois que ele saía para o trabalho.

*Senhor,* eu provavelmente era a louca que tinha caído de amores - por um cara malvado e arrogante - em apenas três semanas.

*Mas quem poderia me*

*culpar?*

**5**

**LUCAS**

***“Luc, eu preciso fazer***

***xixi.”***

*“Luuuc...*

*eu*

*estou*

*apertada.”*

*“Eu estou falando sério, Luc! Eu vou fazer xixi no estofado do seu carro e você não vai poder dizer que não foi avisado”*

*“Lucaas!”*

Cerrei os olhos com força

ao escutar os espaçados pingos de xixi caírem no vaso, de um banheiro

de

uma

lanchonete

qualquer. Zoe não poderia sequer conseguir usar a porcaria do vaso sem ter que ser carregada.

Então

enquanto

eu

a

esperava terminar de... bem, mijar, eu cerrava os olhos tentando não imaginar essa maluca sentada em um

vaso,

com

as

calcinhas

abaixadas. Tentava muito mesmo não pensar nisso.

Mas eu era homem, merda!

Um homem que não fazia sexo há semanas, mais precisamente desde que Lia me deixou. Eu poderia ter transado com qualquer uma das mulheres que conhecia e que esporadicamente caíam na minha cama - no passado, para deixar bem claro - , mas como transaria com outra se meu pau não cooperava?

Isso não me impedia de

imaginar. Imaginar eu conseguia.

Conseguia muito bem!

— Diga alguma coisa

Lucas, eu não estou conseguindo fazer com você aí escutando tudo.

— O que você quer que eu diga, pelo amor de Deus?

— Sei lá! Me diga qualquer

coisa, faça barulho, por favor —

ela gemeu e eu senti vontade de bater minha testa contra a porta.

Talvez tudo não passasse de um pesadelo, não é? — Lucas?

— Sim?

— Que tal conversamos

sobre a Lia? — ela arriscou, a voz soando insegura.

— Lia é um assunto que eu não vou discutir com você, ainda mais em um banheiro. Então

esqueça essa merda!

— Está funcionando... — a

maluca gritou do outro lado. —

Continue falando, está funcionando.

— Você só pode ter algum

problema. Aposto que as irmãs devem ter escondido isso de você, só pode. Ou você bateu com a cabeça quando era pequena, ou nasceu assim, porque não tem como... — O único som que escutei foi o do xixi dela descendo, e dessa vez

continuamente.

Sem

interrupções.

Zoe não falou nada, porém.

Ela apenas bateu duas vezes na porta ao terminar, um sinal para que eu abrisse e a ajudasse a sair.

— Zoe? — chamei ao ver a

expressão magoada em seu rosto.

— Sabe, Luc. Talvez seja

por isso que os meus pais não quiseram ficar comigo, ou então, porque eles nunca voltaram para me buscar. Eu sempre quis tanto ter uma família... — ela falava como se não importasse, dando de ombros e em seguida mordendo o interior da bochecha. — Mas eu não ligo. Eu cresci bem sem uma mãe e um pai. A irmã Joaquina me

ensinou a aceitar o incontestável e é isso que eu fiz a vida inteira. Eu posso não ser normal, como você diz, mas eu sou... feliz. Muito, muito feliz! — ela me encarou, ajeitando a calcinha por baixo do vestido sem o menor pudor. — E

quer

saber

mais?

Você

provavelmente não é o meu Gideon.

*Meu Gideon* nunca seria ranzinza ou mal-humorado, entendeu? Deus deve ter errado ao me colocar justamente em frente a sua moto assassina, e eu tenho certeza que agora mesmo ele deve estar lá no céu se perguntando sobre o erro de colocar uma garota legal como eu

com um cara chato como você. É

isso, só pode ser... — ela sorriu, parecendo aliviada, e ainda mais louca, ao explicar a sua teoria. —

Eu vou conhecer *meu Gideon*, e quando isso acontecer...

— Zoe? — ela não parou de

falar, fazendo-me perder a calma.

— Zoe?! Quem é esse Gideon que você insiste em me comparar a cada vez que surta?

— Gideon é o... como você

não conhece o Gideon? Foi ele quem salvou a Eva. Você sabia que existem cinco livros sobre esses dois? Cinco! Eu não sei como vou

ler os outros já que não trabalho na lanchonete e as chances de alguém esquecer os outros exemplares perto de mim são mínimas, mas eu preciso realmente saber o que acontece com eles, Lucas. Isso vai me ajudar a entender o seu papel na minha vida... eu tenho certeza.

— Gideon é personagem de

um livro?

— Sim. Ele é... e eu preciso

saber o que acontece no final. A cada dia que passa eu tenho mais certeza de que preciso saber. Mas eu não posso me dar ao luxo de comprar, eu tenho uma perna

quebrada, aluguéis atrasados e fui recentemente demitida.

— E mesmo assim você se

diz feliz?

— Sim, senhor ranzinza,

mesmo assim eu me digo feliz. —

Eu não sei como ela conseguia manter o folego falando tanto e tão rápido. Mas enfim, ela estava de parabéns porque nem ao menos arfou. — Agora pare de revirar esses olhos mal educados para mim, e me pegue no colo. — Ela estendeu os braços como uma criança. — Minha perna está doendo, sabe? E parece que toda

vez que você fala alguma maldade para mim ela dói mais e mais... se continuar desse jeito, Lucas, eu acho que nós vamos continuar a dividir o apartamento por muito tempo.

Eu seria condenado, mas

puta que pariu, que vontade de esganar o pescoço dessa freirinha chantagista!

**ZOE**

Tentei

não

rir

quando

Martha balançou a cabeça ao ver

Lucas atravessando a sala comigo em seu colo. No fundo eu acho que ela sabia que eu conseguia me locomover sem ajuda dele, mas era tão mais fácil ser carregada.

Principalmente porque o cheiro do meu motoqueiro malvado sempre ficava em minhas roupas. E eu amava isso.

— Você é cheiroso, sabia?

— revelei, sem um pingo de vergonha. Lucas era o único homem que eu já tinha cheirado assim, tão de perto.

— E você é surtada! — Ele

me fez rir.

— Por que você não agradece? Isso foi um elogio, sabia? Eu gosto do seu cheiro, ele é... bom. — Sem a sua autorização, eu esfreguei a pontinha do meu nariz em sua camisa, como se para provar um ponto.

Meu gesto fez com que

Lucas estacasse no meio da sala e me fitasse como se eu tivesse acabado de fazer alguma besteira.

— Não me cheire de novo

— bufei.

— Ok, mais um item para a

lista de coisas que o Lucas não

gosta.

A

lista

está

ficando

interminável, só para que conste...

— Agora você tem uma

lista? — perguntou perplexo.

— Sim — falei, sem

conseguir esconder o meu rubor.

— Deixe-me ver.

— O quê? Não! De jeito

nenhum. — Movi-me inquieta em seu colo, e por sorte já estávamos em meu quarto.

Lucas me colocou próximo

a cama e eu me sentei, pensando no quão idiota eu iria aparecer caso ele se atravesse a ler a minha

estúpida lista.

A minha sorte era que o

bendito papel estava escondido debaixo do.... *Ah meu Deus!*

Como ele sabia que eu

escondia minhas coisas debaixo do travesseiro? Indaguei ao vê-lo se afastar e ir até o outro lado da cama. Sabendo exatamente onde revirar.

— Me dê isso, Lucas! Você

não pode ler, isso é invasão de privacidade...

— A Martha me disse que

você tem o péssimo hábito de

esconder certas coisas debaixo do travesseiro, doces, recortes de jornal... então eu imaginei que a lista deveria estar por aqui também.

Esse era um velho hábito

que eu adquiri ao passar anos dividindo o quarto com outras meninas.

Não

havia

muita

privacidade, principalmente por eu não me encaixar entre elas. Então, só me

restava esconder meus tesouros nos poucos lugares que me era possível.

**LUCAS**

Se eu precisava de prova da loucura dessa garota, eu tinha acabado de encontrar. Desviei por um segundo o meu olhar da lista de coisas que eu, *denominado como Motoqueiro malvado,* não gostava, e encarei a garota, vermelha como um pimentão, que mordia o interior de

sua

bochecha

claramente

envergonhada.

Sentei-me ao seu lado, sem conseguir segurar o riso. Zoe olhou para as minhas mãos e logo em seguida, para o meu rosto. A boca carnuda, em formato de coração tremendo a olhos vistos.

*1 - Ele odeia quando eu faço bagunça na mesa do café da manhã.*

*2 - Odeia quando chega do trabalho e eu estou sentada em seu sofá, assistindo a filmes românticos.*

*3 - Ele ODEIA filme romântico.*

*4-Ele odeia a minha voz. Às vezes eu acho que ele me odeia também. ;(*

Na frente desse último item tinha um carinha triste. Daquelas que só crianças saberiam fazer.

Pensei em todas as vezes

em que fui grosso ou perdi a paciência com a Zoe. Na expressão

que seu rosto adquiria, ou no esforço que fazia para não me deixar ver o quanto eu a abalava.

— Eu não te odeio —

murmurei, meio a contragosto. Ela era um estorvo na minha vida, mas eu não a odiava.

— O que?

— Eu disse que não te

odeio, você pode riscar esse item da sua lista, ok?

— Ok.

Aquele brilho nos olhos,

que só aparecia quando ela estava contente, surgiu. E por alguns

instantes, eu meio que consegui ver qual era o encanto dessa garota.

Mesmo quando tentava parecer brava, ou quando ficava realmente irritada comigo, tudo o que ela conseguia parecer era uma daquelas princesas da Disney emburradas.

Uma coisa fofa de ser ver, quase engraçada. *Quase.*

— Certo, o que mais temos aqui.

—

Virei

a

página,

surpreendendo-me ao ver uma lista de *Coisas que o Lucas gosta.*

Isso seria interessante.

*1 - Ele gosta de moto.*

*2 – Gosta da cor preta. E também de cinza, quase tudo em seu quarto tem esse tom.*

*3 - Parece amar sua jaqueta de couro, porque sempre a usa. Até mesmo para trabalhar.*

*4 - Ele gosta quando a Lia vem visitá-lo de surpresa.*

*5 - Ele gosta ainda mais quando ela traz o Brian.*

*6 - Ele parece gostar que eu o deixe sozinho quando os dois estão em casa, então eu os deixo.*

*7 - Ele gosta quando eu o irrito, só não sabe ainda...*

Dobrei a folha, assim como

a tinha encontrado antes, e sacudi a

cabeça.

Como

essa

garota

conseguiu descobrir tanto a meu respeito?

— Você é boa. — Meu

comentário a fez respirar aliviada.

— Eu sou, não sou? A irmã

Joaquina sempre disse que eu sou uma ótima observadora.

— O que mais você tem

observado

por

aí,

pequena

espertinha? — perguntei em um tom de voz relaxado, e sem que entendesse porque, eu não consegui tirar os olhos dela.

Os traços infantis do seu

rosto, não pareciam tão infantis agora. Não com ela mordendo a pontinha do lábio inferior e me encarando

da

maneira

como

encarava.

**ZOE**

*Pense Zoe, pense!*

Meu

subconsciente

sussurrou enquanto eu repassava na mente todos os passos que havia encontrado na internet para um bom beijo. Primeiro, verifique se o seu par parece prestes a te beijar.

*Hum, eu acho que sim. Eu não tinha 100% de certeza, mas...*

Segundo,

lembre-se

de

respirar. Um beijo envolve mais de um

milhão

de

terminações

nervosas, aumenta a serotonina, o que quer que isso signifique, e mexe com todo o seu corpo.

*Respirar? Checado.*

Terceiro, mas não menos

importante, mova a sua língua.

Mova devagar, depois com mais intensidade e mais... e mais.

Quando perceber, já estará tendo o melhor beijo da sua vida.

Mover a língua, eu não posso me esquecer disso. *Não posso*, pensei nervosa enquanto podia praticamente sentir o hálito mentolado sobre a minha boca.

Lucas parecia prestes a me beijar, ou será que eu estava, outra vez, imaginando coisas?

Droga,

eu

não

tinha

experiência com beijos, e garotos, *e... sexo.* O que um cara faz quando quer beijar uma garota, afinal?

— Você por acaso, quer me

bei...

— Lucas? — *Ah, não!*

Lucas respirou fundo e virou o rosto, enquanto, eu, devagarzinho, repetia o

gesto.

Torcendo a cada milésimo de segundo para que fosse apenas a minha imaginação. Que a garota de pé na porta do meu quarto fosse uma imagem motivada pela minha insegura, e culpa. *Mas não era.*

Vê-la tão chocada, me fez

murchar como aquelas flores lindas e vermelhas faziam após dias presas a um vaso qualquer. Murchei e fiquei sem vida. Mortinha, mortinha.

Lia, por sua vez, balançou a

cabeça não acreditando no que seus olhos viam, e nos deu as costas.

Fazendo com que o meu – quase –

primeiro beijo, saísse correndo atrás dela. Fiquei alguns bons segundos

encarando

a

porta,

mordendo a bochecha e me

controlando para não terminar de roer o cotoco que minhas unhas haviam se tornado. Quando percebi que Lucas não voltaria eu me joguei na cama, deixando minha perna pender para fora, e fitei o teto. Os olhos agora vidrados em camadas e mais camadas de gesso enquanto uma

onda

de

decepção

me

dominava.

*Ainda não foi dessa vez, Zoe. Ainda não.*

**6**

**LUCAS**

**De todos os momentos em que**

**minha**

menina

poderia

aparecer, ela escolheu o pior.

Justamente um, em que eu estava prestes a cometer uma enorme, e estúpida, burrada.

Se Lia não tivesse surgido, assim, do nada, será que eu teria tido mesmo a coragem de beijar aquela garota?

— Lia, espera. — A

alcancei antes que entrasse no elevador. Eu tinha que explicar a porcaria

da

cena

que

ela

presenciou, não queria que minha menina pensasse... Merda nem eu sabia o que pensar!

— Volte lá para dentro,

Lucas. Eu nem sei porque vim aqui.

— Não sabe mesmo? — Eu

a puxei, fazendo-a me encarar de frente. — Olha para mim e me diga, Lia, que realmente não faz ideia do que por quê tem aparecido no meu apartamento sem se dar ao trabalho de sequer telefonar antes? Do porquê, você olha para aquela

garota como se ela estivesse prestes a tomar algo que é seu?

— Eu não sei do que está falando.

— Lia...

— Você ia beijá-la, Luc...

eu não sou idiota!

— E eu por acaso sou? —

Seu rosto se transformou em uma careta. — Me responda, será que você me considera um idiota?

— Eu não, eu...

— Por quanto tempo irá

durar esse tempo que me pediu?

Quando irá finalmente descobrir que eu sou o cara certo, bebê, que aquele desgraçado nunca irá te querer como eu quero?

Aproximei-me

vagarosamente, colando meu corpo ao dela. Obrigando-a a lidar comigo e com a porra do que eu sentia.

— Diego e eu, eu não sei como te explicar — admitiu com todas as letras.

— E o que veio fazer aqui, então? Por que continua aparecendo se já não se importa, Lia?

— Mas eu me importo, Luc, tanto que não acho certo você e essa garota... *você e*

*ela vivendo juntos* — sussurrou a última parte, como se não quisesse que ninguém a escutasse. — Tudo o que nós sabemos a respeito da Zoe é que ela viveu nesse tal internato e mesmo assim, mesmo ela sendo uma completa desconhecida, eu chego aqui e encontro vocês dois prestes a se beijarem. Como espera que eu acredite em você quando diz que me ama?

— Lia. — Tentei manter a

calma. — Aquela garota lá dentro,

ela não significa nada para mim. Eu tenho esperado há semanas pelo momento em que você irá cair na real e perceber que o Diego continua sendo o mesmo filho da puta de sempre. Mas você se recusa a enxergar a verdade, e pelo visto também se recusa a me deixar seguir com a minha vida.

— Isso não é verdade!

— Não mesmo? — Lia

sacudiu a cabeça, parecendo tão confusa, tão frágil. Era assim que eu a queria. Tendo dúvidas, sentindo ciúmes. Irritada com a possibilidade de me ver seguindo

em frente... *sem ela.*

— Eu só não quero que se machuque, Zoe não é a garota certa para você.

— Não, ela não é mesmo,

mas que raios você espera que eu faça enquanto a garota certa para mim está fodendo o filho da puta que a engravidou e abandonou? A *garota certa para mim,* deixou esse apartamento sem se importar se iria ou não me machucar! — despejei nela toda a minha frustração. — Eu tenho todo o direito de seguir em frente, não tenho Lia? — Essa última parte foi da boca para fora,

eu queria apenas irritar a minha menina por me fazer sofrer tanto.

Dar um choque de realidade

nela

para

que,

finalmente,

entendesse o que estava em jogo aqui.

— Você tem sim, todo o

direito de... seguir em frente, Luc

— sussurrou abalada, a voz embargada

por

conta

do

nervosismo. — Mas não ainda... e não com ela.

— Me dê um bom motivo

para que eu não toque naquela garota e eu não irei tocar, Lia.

Basta

dizer.

Diga

que

vai

abandonar aquele crápula do Diego e eu arrumo um lugar para essa garota ficar na mesma hora. Eu a tiro desse apartamento no mesmo instante.

— Eu não posso fazer isso.

Já que esse era o momento de sermos sinceros um com o outro, eu aproveitei para acariciar o rosto da menina que amava. Meus dedos percorreram a pele sardenta e macia, enquanto eu me segurava para não beijá-la com toda a vontade que desejava.

Meu polegar roçou, por fim, o lábio umedecido, e eu pressionei ainda mais o meu quadril em seu ventre. Levei meu tempo, apenas a observando. Tão vidrado nos olhos castanhos que não havia nada mais a minha volta. *Éramos só nós dois.*

E foi por esse motivo que eu a beijei. Beijei sem me importar que estivesse confusa, ou com medo de me perder. Com a mão em sua nuca, eu a mantive colada em meu corpo. Minha língua investindo para dentro da sua, com desejo, cheio de tesão. Lia gemeu contra a minha boca. Apertou meus ombros

e se deixou levar, rendida.

Meu aperto em seu corpo,

ombros, braços, se intensificou.

Assim como a minha vontade de levá-la para cama. A saudade que sentia de nós dois, do sexo gostoso que fazíamos... *cacete!*

— Luc — gemeu ofegante

contra a minha boca.

— Entre comigo, bebê,

mostre para mim porque eu devo manter minhas mãos afastadas daquela garota. Tome o que é seu...

— a instiguei, com o único propósito de provocá-la.

A bem da verdade, era que eu sentia falta de poder dizer com todas as letras que ela era minha.

Se tornou uma tortura vê-la constantemente e não poder tocá-la como costumava fazer. Essa merda de situação em que o Diego nos colocou me rasgava de dentro para fora.

**ZOE**

Passos vindos do corredor,

fizeram-me

levantar

tão

rapidamente que minha cabeça girou. O efeito da medicação para

dor

ainda

estava

em

meu

organismo, assim como a letargia.

Porém remédio nenhum iria me impedir de ter o meu primeiro beijo. Então, como se eu não tivesse passado os últimos minutos sentindo-me a garota mais azarada de todo o universo, eu voltei a me sentar na cama e a encarar a porta cheia de expectativa.

Torcendo,

mesmo

que

contra a minha vontade, para que Lucas estivesse sozinho e, nós dois, quem sabe, pudéssemos voltar de alguma maneira ao ponto em que estávamos

antes

de

sermos

interrompidos.

Agitada, com meu estômago

em um rebuliço só, eu fitei a porta entreaberta

enquanto

esperava.

Meus olhos, até então abertos, estavam pesados. Assim como todo o meu corpo. Pisquei tentando mantê-los acordados e só consegui tal proeza porque, de repente, Lia apareceu no meu campo de visão.

Demorei

a

entender

o

motivo pelo qual ela passou sem nem sequer olhar para mim, e seguiu para o quarto do Lucas.

Enquanto

buscava

um

motivo

plausível para isso, eu contive a

minha ansiedade, lembrando de todas as vezes em que Martha deixou claro que os dois não estavam juntos. Fora que não foram poucas as vezes em que a peguei lançando olhares reprovadores para as atitudes do *bebê* do Lucas.

Não demorou e Lucas

apareceu atrás dela, a cabeça baixa e o cabelo revolto. Seu olhar encontrou o meu por apenas um segundo, um mísero segundo, que fez com que meu coração palpitasse descontroladamente.

Naquele

instante, eu senti uma dor tão profunda dentro de mim, uma

sensação tão esquisita e angustiante que eu não conseguiria traduzir nem se quisesse.

Ele seguiu em frente como

se eu não significasse nada, e a porta

do

seu

quarto

bateu.

Deixando-os a sós. A princípio não houve qualquer sinal de ruído, não que a ausência de sons fizesse alguma diferença, porque eu não só desconfiava, como também podia imaginar claramente o que eles estavam fazendo.

Cenas dos dois se beijando,

abraçados sobre a cama... se formavam

de

maneira

descontrolada em minha mente.

Fazendo com que a realidade me atingisse de uma só vez. Devagar, e com o coração machucado, eu me arrastei até a minha própria porta e a tranquei. Não

querendo ver ou escutar nada.

**7**

**LUCAS**

**Cheguei ao fim da terceira**

**reunião do** dia, cada uma das três destinada a algum de nossos principais clientes. Era comum que a cada seis ou três meses, eu me sentasse com algum deles e repassasse as planilhas com os lucros

efetivos

de

seus

investimentos. Deixando-os todos satisfeitos,

*sempre*.

Após

me

despedir da Sra. Lewis, nossa, oficialmente, primeira cliente, que

por sinal fora indicada por nossa avó - que se orgulhava da longa e impressionante cartela de contatos que possuía, - eu respirei aliviado por vê-la saindo tão satisfeita.

A

senhora

Lewis,

nos

ajudou a conquistar outros grandes clientes. Todos em sua maioria herdeiros

antigos que viviam das rendas de exorbitantes heranças e que adoravam se gabar dos bons resultados de seus investimentos.

Chegando a minha sala, eu

senti a sombra do meu irmão atrás de mim. O sorriso satisfeito em seu rosto

traduzindo

o

mesmo

pensamento que o meu: n *ós estávamos*

*indo*

*bem,*

*nós*

*estávamos indo muito bem.*

— Então, acho que Sra.

Lewis saiu bem contente, não foi?

Nós arrasamos outra vez, cara —

disse de maneira tranquila.

Léo e eu, apesar de irmãos,

éramos completamente diferentes.

Enquanto meu cabelo seguia negro como o de nosso pai, o dele era loiro, uma herança incontestável dos genes italianos de nossos avós maternos. A mudança se estendia a nossa personalidade. Leonardo era centrado e constante. Apesar de ter

um ótimo sendo de humor. Enquanto eu, *o idiota apaixonado,* era impulsivo,

movido a emoções e por vezes explosivo. Uma combinação bastante perigosa, se querem saber.

— Sim, nós arrasamos. —

Sentei-me

distraído,

tentando

pensar em outra coisa que não na bagunça que se encontrava a minha vida.

—

O

que

tem

te

preocupado, mano? — perguntou, por fim. Léo nunca conseguiu esconder sua opinião a respeito da Lia. Para o meu irmãozinho caçula, *minha menina* não era a mulher

ideal para mim. Não passava nem perto. — Olha, eu sei que você ainda está mal por causa daquela desmiolada, mas pelo amor de Deus, Lucas, supere isso. Você já passou por coisa muito pior!

A *coisa pior* na qual ele se referia era a maldita vez em que peguei minha primeira namorada na cama com nosso irmão mais velho.

Naquele dia eu perdi não só a garota a quem passei dois anos idolatrando, como também um dos meus melhores amigos.

Pensando assim, a merda

que estava passando por conta da

Lia poderia ser fichinha. *Mas não era.* Eu era um homem agora, e assim como tudo em minha vida, meus

sentimentos

tinham

amadurecido também. O que eu sentia pela minha menina não era uma paixão juvenil qualquer. *Era amor, porra!*

— Acorda, Lucas! Você

ouviu algo do que acabei de dizer?

— Assenti, meu olhar percorrendo todo o escritório.

Recostei-me

contra

a

poltrona de couro, e observei os móveis

de

madeira

escura,

contrapondo ao preto da decoração.

Em uma das estantes ao fundo, havia um dos prêmios que ganhei por um trabalho inovador durante a universidade

e

que

fora

reconhecido

por

grandes

investidores da *Wall Street*, além, é claro, de algumas fotos com as maiores mentes financeiras do país.

Esse era, afinal, o meu

único refúgio. Meu apartamento já não era um lugar confortável de se estar. Zoe parecia ocupar todos os cômodos com sua presença, mesmo que tivesse passado os últimos dias trancafiada no quarto. Ignorando-me completamente.

*Zoe...*

Pensar nela me trazia uma

inquietação estranha. Eu nunca fui de me consumir pela culpa, ou de gastar tempo pensando em demasia sobre o meu comportamento. Mas nos últimos três dias, toda vez que minha mente se esvaía do trabalho e eu tinha algum descanso, eu me pegava lembrando da maneira como o olhar cheio de expectativa daquela

garota

havia

se

transformado em decepção ao me ver seguir a Lia, e essa merda fazia com

que

me

sentisse

um

desgraçado.

Vendo que estava sendo ignorado, e sem paciência, Léo estalou os dedos e chamou minha atenção.

— Eu não estou com cabeça

agora, mano. Me dê um tempo, ok?

Insatisfeito, Leonardo se

levantou e me deu as costas. Indo em direção a porta do escritório, não sem antes gritar: — Nossa avó já ligou avisando que o espera nesse domingo. Você furou no último e eu acredito que ela não irá aceitar outra desculpa. — Droga, eu conhecia aquela mulher, e o seu gênio, e sabia que ela não iria

engolir qualquer uma das minhas mentiras. O problema é que nenhum dos dois sequer desconfiava de que eu estava abrigando um aspirante a freira em meu apartamento. —

Trate de colocar sua cabeça no lugar e ir visitar a nossa velha antes que ela decida aparecer em seu apartamento, e aí sim, colocar sua vida de cabeça para baixo.

~

Indo na contramão das

últimas semanas, essa noite eu cheguei em casa antes que o jantar fosse servido e, por consequência,

que Martha estivesse fora do meu apartamento. Não vou negar, era estranho lidar com esse repentino silêncio

que

o

lugar

havia

adquirido.

Mais

precisamente

desde que Lia e eu nos atracamos em meu quarto, com a pequena freirinha bem ao lado, correndo o risco de escutar os gemidos e sons de prazer da minha menina.

— Chegou cedo — Martha

afirmou, olhando-me de soslaio enquanto terminava de colocar a mesa.

Conferi os pratos, havia

arroz doce, frango com molho e

uma salada de grãos que um certo alguém havia aprendido a apreciar e que Martha fazia questão de preparar todos os dias agora.

— Onde ela está? —

ignorei seu constante mal humor, assim como os olhares que Martha vinha me dirigindo, repreendendo-me sempre em silêncio. Julgando-me como se eu tivesse feito algo errado em minha própria casa.

— Zoe está onde esteve

ontem, e anteontem... aliás, desde domingo — provocou, dando de ombros.

Martha tinha a sorte de trabalhar para a minha avó, e de ter conquistado a mim e ao meu irmão desde que chegamos a Nova Iorque.

Eu não sei qual era a desculpa dada lá na casa da Sra. Barker, mas ela estava

conseguindo

se

virar

diariamente

entre

o

meu

apartamento e os afazeres da mansão. Meu carinho e confiança por ela, não eram atoa, tanto que eu podia contar com seu total sigilo em relação a Zoe.

— A garota, ela... está bem?

Tem comido? — Martha parou o que fazia, e me encarou.

— Sim.

— Você vai continuar a me tratar dessa maneira? — perguntei, beirando a revolta.

— Eu não estou te tratando de nenhuma maneira, querido, e já que estramos nesse assunto, eu quero que saiba que o que quer que tenha feito aquela pobre garota a chateou a ponto dela se esconder dentro daquele quarto e se recusar a sair. Tem sido um custo fazê-la se alimentar

direito,

então

acho

melhor que a deixe em paz até que a coitadinha se cure.

— Era só o que me faltava... — Sai resmungando após o pequeno, e ineficaz, sermão.

Tanto que, ao invés de recuar, como foi-me aconselhado, eu marchei em direção ao quarto onde Zoe se mantinha trancada.

Abri com cuidado a porta,

que nos últimos dias se manteve fechada, e assim que coloquei o pé dentro do quarto fui invadido pelo cheiro único que a garota possuía.

Eu não sei como sua pele

adquiria esse aroma, que parecia impregnar em cada espaço do meu apartamento. Distraindo-me quando

eu

precisava

manter

minha

concentração em dia, atrapalhando-me quando tudo o que eu queria era ficar sozinho. Era incrível, mas Zoe cheirava a algo doce. Açucarado. E

isso, nos últimos dias, vinha me fazendo pensar se ela também teria a boca doce...

—

Zoe?

—

chamei,

tentando assimilar a confusão formada sobre a cama.

Aproximei-me

devagar,

reconhecendo seu corpo coberto pelo lençol de linho, as pernas escondidas, assim como o gesso. O

mesmo, infelizmente, não acontecia

com a barriga, que estava a mostra por conta da camiseta enrolada sobre os seios. Engoli em seco ao vê-la se mover sobre a cama, o cabelo espalhado por todos os lados.

Não foi possível dizer se

ela dormia, ou fingia. Mesmo assim, eu me aproximei devagar e ainda cometi o erro de passar a mão pelas mexas emaranhadas, percorrendo as ondas com os dedos, surpreendendo-me com a maciez.

Um pequeno gemido, quase

inaudível, escapou de sua garganta,

deixando-me em alerta. *Cacete!* Eu acho que estava perdendo a porra do meu juízo. A falta da Lia na minha vida estava mexendo com a minha cabeça e, principalmente, com meus desejos.

Quando *minha menina* iria perceber o estrago que vinha fazendo em nossa relação? Eu fui um cara fiel, nunca nem sequer olhei para outra garota enquanto estávamos juntos. Lia era o meu amor. Eu era apaixonado por ela, loucamente, absurdamente. Mas porra, eu também era um homem cheio de desejos e vontades.

Acostumado a ter mulheres quentes e dispostas em minha cama.

— Zoe, acorda — sussurrei

baixo, dessa vez em seu ouvido. O

cheiro doce fez-me ter vontade de roçar o nariz em sua bochecha, assim como ela roçou na minha camisa dias atrás. — Você não tem saído desse quarto, isso não vai te fazer bem.

Vendo que ela continuava

em silêncio, porém rígida, eu continuei: — Por que não levanta dessa cama e vem jantar comigo essa noite? Eu cheguei cedo e...

seria legal ter uma companhia.

— Você não precisa de mim para jantar com você — murmurou, dando-se por vencida.

— Eu preciso sim, caso

contrário não estaria convidando.

— E a Lia? — A teimosa se

virou, deixando a vista os olhos assombrados. Vermelhos.

— O que tem a Lia? —

perguntei com cuidado, ainda acariciando o seu cabelo. Tentando com afinco não ceder a loucura que se formava dentro de mim, ao impulso de me inclinar sobre ela e morder o lábio trêmulo.

— Se ela aparecer, você vai... olhar para mim daquele jeito ranzinza

e...

me

ignorar

—

gaguejou, magoada. — E eu... eu não quero ser ignorada de novo.

Isso faz com que eu me sinta esquisita.

— Mas você é esquisita,

freirinha. — Ela não cedeu quando tentei aliviar o clima, mas não fez qualquer gesto contrário aos meus toques.

E

quanto

mais

eu

a

acariciava, mais arregalados seus olhos se tornavam. Zoe prendeu a respiração, quando meu dedo

deslizou

por

sua

bochecha,

passando perto de sua boca e chegando ao furinho fofo em seu queixo.

Minha

cabeça

girou,

confusa, ante toda a intensidade do desejo que eu passei a sentir.

— Você a ama? — a

pergunta me pegou desprevenido, trazendo sensações amargas dentro do meu peito. Era errado, eu tinha consciência, mas por apenas alguns minutos eu não queria ter que sofrer, ou pensar, na minha menina.

— Não volte a falar

respeito da Lia comigo... esse é o único favor que eu te peço. — Fui

sincero, talvez um pouco seco, mas sincero. Zoe não gostou das minhas palavras, ou da maneira como as falei, e como se percebesse o quanto

meus

dedos

estavam

próximos de sua boca, ela se afastou, tentando rejeitar meu carinho. O que eu não permiti.

Talvez fosse o cheiro doce e

inocente que dominava todo o quarto. Ou então, a súbita vontade de beijá-la. A questão era que, eu não estava pronto para me afastar.

Ou perder o contato. Então, contrariando todo o bom senso, eu puxei seu queixo, de maneira

carinhosa,

e

fitei

os

olhos

acinzentados.

— Que tal um acordo? Você

sai dessa cama, janta comigo e... eu posso pensar em assistir a um daqueles filmes que tanto gosta. O

que me diz?

**8**

**ZOE**

**Eu não fazia ideia do**

**porquê, mas** suspeitava seriamente de que estava sendo tratada feito criança. Sabe aquele momento em que o pai concorda com o filho apenas para que ele pare de fazer birra, e ainda por cima dá três tapinhas nas costas? Pois é, isso era o que estava acontecendo aqui nesse exato momento.

A diferença era que eu não

era uma criança, e que não havia tapinhas. E sim carícias.

Dizer que meu corpo inteiro

tremia correspondendo ao toque do Lucas era pouco, e isso me deixava mortificada.

Além

da

visível

tremedeira, eu ainda sofria com a comichão. Senhor, como era difícil controlar a vontade de me coçar e coçar até que todo o meu

nervosismo passasse.

Juro que se essa coisa

dolorosa dentro do meu peito fosse mesmo amor, eu não queria amar.

Gideon

e

Eva

fizeram

esse

sentimento parecer muito melhor do

que ele realmente era, eu queria poder dizer que fui enganada.

Ludibriada. Porque veja, gostar de alguém

doía.

Machucava.

Principalmente se esse alguém fazia sexo com outra pessoa.

Porque era isso que eles

tinham feito dentro daquele quarto.

Eu podia ser inexperiente, mas não era burra.

*Sabe... eu acho mesmo que havia sido jogada em uma história que não me pertencia.*

Porque outro motivo eu

estaria apaixonada por um *cara* que

era louco por outra mulher?

— Então, o que me diz? —

Lucas indagou, insistindo, enquanto segurava o meu queixo. Só faltava ele dizer que se eu ficasse quietinha e concordasse eu ganharia um doce.

— Eu não te digo nada —

respondi, ainda lembrando da tortura que foi dormir naquele domingo sabendo que ele e a *garota*

*perfeita*

permaneceram

trancados no quarto pelo restante do dia.

— Se você não for por bem,

eu irei te obrigar — Lucas

sussurrou próximo ao meu ouvido, exibindo um sorriso arrogante no rosto.

Sem que pudesse controlar

meu próprio corpo, eu comecei a ficar

ofegante.

Lucas

e

eu

estávamos muito perto um do outro.

Perto demais. A mão dele roçava o meu braço de maneira suave e experiente. Indo e vindo, fazendo minhas pernas virarem geleia de tão moles. Eu juro que podia sentir crescer dentro dele uma vontade de me apertar, de cravar os dedos em minha pele. Porque veja, era exatamente isso que eu desejava

que ele fizesse também.

Fechei meus olhos, confusa

e ao mesmo tempo ansiosa,

tentando me convencer de que toda essa tensão talvez fosse apenas coisa da minha cabeça. O toque... o olhar. Lucas não poderia estar interessado em mim, não da maneira como eu estava. Ele tinha a Lia, afinal de contas, e os dois faziam sexo. *S-E-X-O!* Pelo amor de Deus!

*Eu era a peça fora do jogo aqui.*

— Não me beija, não me

beija, por favor! — sussurrei baixinho, morrendo de medo de abrir meus olhos e cair em tentação.

O susto maior veio quando

consegui sentir o hálito fresco a milímetros de distância da minha boca.

Minha

reação

a

tanta

proximidade foi lamber os lábios involuntariamente enquanto o frio na barriga intensificava.

— Zoe? — Sua voz soou

confusa, levando-me a entreabrir os olhos e encará-lo alarmada.

Um único movimento, e

Lucas roçou a boca na minha bem

devagar. Quase que com receio.

Cada pelinho que eu tinha no corpo se eriçou ao contato daqueles lábios carnudos. Algo dizia que esse seria o segundo maior erro da minha vida, mas não havia nada que me convencesse a impedi-lo agora.

Então eu o deixei me beijar.

*Permiti que Lucas tomasse os meus lábios, que me desse o meu tão esperado primeiro beijo.*

A língua dele entrou com

suavidade, foi sensível, lento...

intenso. Enrolei a minha própria língua na dele, mais por instinto do que experiência. E ao contrário do

que imaginei que aconteceria, Lucas continuou a traçar a pele do meu rosto, de maneira tão carinhosa que eu fui me acalmando aos poucos.

A

coceira

foi

se

dissipando, assim como o meu nervosismo.

Sentime nas nuvens, o corpo

flutuando para longe enquanto a mente dava voltas e mais voltas. Se beijar fosse sempre assim eu não queria parar de fazer isso nunca. Eu queria beijar, e beijar e beijar... até a boca ficar dormente de tantos beijos. Beijos que seriam dados por apenas um homem.

Tão

repentino

como

começou,

terminou.

Deixando

comigo uma sensação inexplicável de vazio. Recuperando-se dos seus próprios devaneios, ele fixou os olhos escuros nos meus e me presenteou com um sorriso safado.

Meio de canto. Um sorriso que fez minhas entranhas revirarem em total e completo desespero.

— Me diga que esse não foi

o seu primeiro beijo, freirinha... Me diga que eu não fiz isso com você.

*Ah-meu-Deus!* Será que meu motoqueiro malvado estava arrependido? *Não!* Eu devo ter sido

um desastre tão ruim que ele notou... só pode ser isso. *Droga!*

Agora eu podia definitivamente enfiar a cabeça debaixo da terra de tão envergonhada que estava.

— Você fez e, sim... foi o meu primeiro — admiti quebrando o silêncio, as palavras saindo trêmulas e arrastadas da minha boca.

Fazendo-me

sentir

uma

verdadeira retardada. Bom, pelo menos eu era uma retardada que havia acabado de ter o melhor primeiro beijo de todos os tempos.

*O melhor!*

**LUCAS**

Não sei dizer qual foi o

instante exato em que percebi que esse era o primeiro beijo dessa garota. Talvez tenha sido no momento em que ela reagiu a invasão

da

minha

língua,

segurando-me como se quisesse ter certeza que o beijo estava mesmo acontecendo. Ou então, o momento em que minha mão agarrou a sua nuca e ela arregalou aqueles olhos completamente surpreendida. Claro que o fato de Zoe tremer inteira sob o meu toque me deu uma baita de

uma pista, eu esperava que ela fosse inexperiente, só não esperava que fosse intocada.

Afastar-me e interromper o

beijo, ou o que quer que fosse a loucura que estávamos fazendo, foi uma das decisões mais difíceis que tomei nos últimos tempos. A boca dessa espertinha era doce e molhada, tudo na medida certa. E se eu já estava embriagado pelo cheiro dela, que insistia em me acompanhar

por

todo

o

apartamento, eu não sei o que seria de

mim

agora,

que

tinha

ultrapassado o limite e a beijado.

Aturdido pelo caminho que meus pensamentos tomavam, eu fitei a boquinha tentadora e voltei a beijá-la. Foi impossível para o meu inconsciente

não

fazer

comparações, não ligar a maneira insegura como Zoe retribuía ao beijo, com a maneira íntima e intensa da *minha menina* beijar. Lia sempre foi mais sensível que a Bianca, ela era delicada, romântica e até mesmo um pouco frágil. Mas na hora do sexo, entre quatro paredes, ela se transformava. E eu amava isso.

*Então por que você está*

*aqui*

*beijando*

*outra*

*garota,*

*Lucas? Se Lia descobre ela vai querer te esganar vivo, cacete!*

Eu sei, eu sei, a última

pessoa em quem eu deveria estar pensando agora era nela, mas foi impossível

dominar

meus

pensamentos. Inclusive, quando um deles acabou por trazer uma ideia definitiva para que eu pudesse ter Lia de volta na minha vida. Talvez, Zoe não fosse apenas um problema incômodo, afinal... Talvez ela fosse a solução.

**9**

**ZOE**

**— Você está arrependido?**

**—** perguntei agoniada, enquanto brincava com a comida em meu prato.

Após todos aqueles beijos,

e afagos no cabelo, e sussurros abafados...

Lucas

acabou

me

convencendo a sair do quarto e jantar com ele. Com dez minutos, eu havia conseguido dar um jeito no ninho de pássaro que estava o meu

cabelo, e também vestir algo mais apresentável do que a velha camiseta que carregava comigo desde os 16 anos, e a calcinha enorme de vovó que eu vestia.

Merda, meu rosto corou

violentamente ao lembrar do rápido momento em que Lucas sentiu o tecido fino em meu quadril.

Acredito que a intenção dele não tenha sido chegar a tanto, ou mais diretamente falando, as minhas calcinhas. Mas por infelicidade foi isso que aconteceu.

Minha primeira reação, é

claro, foi congelar inteira. Minha

língua travou, ficando dura dentro da boca dele, o que o fez se afastar e sorrir. Senhor, esse sorriso me matava... acabava comigo.

— Arrependido por te

beijar? — Sua voz grossa, gostosa de se ouvir, afastou minhas preocupações. — Não mesmo.

Respirei aliviada, bebendo

uma dose exagerada da água em meu copo. A comida não estava descendo direito, fome era a última coisa que eu sentia. Minha garganta, porém,

parecia

o

verdadeiro

deserto de tão seca.

— Eu... eu também não estou — admiti um pouco tímida.

Eu não sabia o que todos aqueles beijos significavam, mas queria muito que ele soubesse que eu tinha gostado. E que queria mais. Muito mais deles.

*Ah meu Deus!* Como não pensei nisso antes? Pensei, de repente. Como fui capaz de esquecer a existência da Lia?

*Que tipo de pessoa isso me tornava?*

Uma pecadora, Zoe. Isso te torna uma pecadora sem coração.

— Zoe? — desviei meu olhar do prato e o encarei. — O

que aconteceu mais cedo, naquele quarto... Eu não sei como te dizer isso, mas...

— Você vai parar de fazer *aquela coisa*... com a Lia? —

perguntei de supetão.

Essa era a única maneira de

continuarmos a nos beijar. As irmãs podem até não acreditar, mas eu não era *tão* sem salvação assim. Eu tinha princípios.

— Aquela coisa? — O

semblante divertido desapareceu.

— Zoe, me escute. Lia é importante para

mim.

Nós

dois

fomos

namorados, e... somos amigos há anos. O que aconteceu aquele dia...

— Eu sei o que aconteceu.

Foi sexo — afirmei, dando de ombros e voltando a brincar com a comida no meu prato.

Uni as ervilhas por cima do

tomate seco, misturei os grãos da salada

que

Martha

fazia

especialmente

para

mim,

e

empurrei o peixe assado para o cantinho. Eu o deixaria por último.

— Olhe para mim, Zoe —

Lucas pediu, e eu relutei muito antes de erguer meu olhar. — O que estou tentando te dizer, é que não quero

que

crie

expectativas,

entende?

Não

criar

expectativas?

Como eu faria isso? Ele tinha acabado de me beijar, não só um simples e casto beijo. Mas vários e maravilhosos beijos. O idiota até mesmo tocou na minha calcinha de vovó, mesmo que por um único segundo, mas tocou, não foi?

Se não fosse o bastante, ele

ainda insistiu para que eu saísse do meu

querido

e

confortável

esconderijo e viesse jantar com ele na copa. Aí agora, do nada, me pedia para não criar expectativas?

*Senhor, na minha cabeça eu já estava até mesmo casada com esse homem.*

Lucas continuou a falar, a dizer como Lia era importante na vida dele. Mas tudo o que eu escutava era *blá-blá-blá-blá...* Eu estava tão ferrada! Adeus vestido branco, adeus lua de mel na Flórida, adeus beijos...

— Então não haverá mais

beijos, não é?

Ah, a falta de beijos era o que mais me chateava. Eu levei tanto tempo para dar o meu primeiro e agora... seria privada deles.

A Madre Superiora estava

certa, a vida era injusta!

**LUCAS**

*— Então não haverá mais beijos, não é?*

Sério, ela poderia ser mais direta do que isso? E essa carinha chateada que seu rosto tomou ante a

possibilidade de não ter mais beijos?

Droga! Como eu a faria

entender que não me importava em beijá-la, eu até mesmo desejava fazer, e por motivos que iam além de pôr o meu plano de reconquista da Lia em ação. Eu

queria beijá-la, porque havia sido gostoso. *Havia sido a porra de muito gostoso!*

Eu até poderia não me

envolver com garotas como a Zoe.

Exageradamente românticas e que acreditavam

em

príncipes

encantados. Lia fora uma exceção, mas o estrago feito pelo Diego no

coração da minha menina a tinha deixado dura. Resistente.

Resistencia

essa

que

duvidava que Zoe tivesse. Para ela, eu era o seu próprio Gideon, aquele que salvou a tal Eva de uma vida solitária e cheia de traumas. Como eu sabia disso? Pergunte a garota com um biquinho fofo no rosto, brincando com as malditas ervilhas em seu prato.

— Eu não sei, Zoe. — Tudo

iria depender do entendimento dela.

Nada de cobranças, nada de ciúmes, e, principalmente, nada de se apaixonar por mim.

—

Então

você

está

arrependido — afirmou.

Eu havia me acostumado

com esse jeito meio desligado, e confuso,

dessa

garota.

Normalmente, ela levava tudo muito ao pé da letra, lhe faltava malícia para compreender certas indiretas.

E

por

infelicidade,

também me faltava paciência para explicar.

— Eu já disse que não estou

arrependido. Eu só preciso que entenda que... eu não posso te prometer nada.

— É por que... eu não sei beijar?

—perguntou

receosa,

enrugando o nariz arrebitado e me fitando com aqueles enormes olhos glaciais.

Como eu pude ser tão alheio

a essa garota? Essa ingenuidade toda era tentadora. Era errado, merda, mas eu gostaria de ser o único a ensiná-la... em todos os sentidos. *Cada um deles.*

— Você não beija mal, Zoe.

— Longe disso.

— Tem certeza? — Ela

cerrou

os

olhos

preocupada,

avaliando-me como se buscasse por algum sinal de mentira. — Quero dizer, talvez a gente devesse experimentar de novo... só para que tenha certeza, sabe?

A espertinha tentou parecer indiferente,

e

arqueou

a

sobrancelha. Não querendo revelar seu

nervosismo

e

ansiedade.

Acabei balançando a cabeça e sorrindo, pelo visto a freirinha queria mais.

*Isso era bom! Eu acho...*

**ZOE**

—

Você

gostou?

—

perguntei sonolenta.

Lucas me manteve em seus

braços, acariciando meu cabelo de maneira tão gostosa que estava sendo difícil manter meus olhos abertos. O filme passando na enorme TV da sua sala era um dos meus preferidos. Eu o amava. E

queria dividir isso com ele.

— Odiei — respondeu com

toda

sinceridade

do

mundo.

Obrigando-me a levantar e encará-

lo. O que foi um erro, porque veja,

bastava

colocar

os

olhinhos

naquela boca carnuda que eu sentia uma vontade enorme de ser beijada.

Foi assim durante toda a

noite.

Após

nossa

estranha

conversa na copa, e na decisão de que ele continuaria a me beijar sempre que eu sentisse vontade, Lucas cumpriu a promessa de passar um tempo comigo e me arrastou até a sala. Deixando-me escolher o filme que eu quisesse. E

eu escolhi, tanto que passamos a última hora envolvidos em um dos romances mais lindos, e tristes, de todos os tempos: *Um amor para*

*recordar.*

Era tão, tão, injusto! Eu não

queria um amor como esse para a minha vida, não queria perder o amor da minha vida dessa maneira.

Filmes assim apenas me faziam querer me apaixonar e viver essa paixão da forma mais intensa possível. Eles me faziam dar conta do quanto a vida era efêmera.

Como então, esse cabeça de

vento,

excelente

beijador,

e

ranzinza, podia dizer que havia odiado o filme?

Jamie e Landon eram lindos

juntos. E eu queria ser assim com o Lucas. Exceto o final triste, isso eu definitivamente não queria para gente.

— Tem certeza que assistiu ao mesmo filme que eu? —

indaguei, com um sorriso no rosto.

— Bom, acho que posso

dizer que eu fui o único a assistir alguma coisa aqui, freirinha. Por que você dormiu na maior parte do tempo. — A mão do Lucas segurou minha nuca, os dedos brincando com a pele arrepiada.

— Eu não dormi, seu bobo,

eu apenas... fechei os olhos por um momento.

Lucas sorriu, eu sorri. Lucas

se aproximou, e minhas costas bateram no sofá.

Quando dei por mim, já

estava sendo agarrada por ele. O

beijo dessa vez foi diferente, digamos que... mais exigente. Sim, essa era a melhor definição.

Eu

adorei

a

maneira

experiente como meu motoqueiro envolvia sua língua a minha. O

*frisson* que todos os livros e filmes tanto relatavam foi sentido, e se

espalhou por todo o meu corpo. Era como fogo, chamas quentes e escaldantes

incendiando

minha

pele. Ofeguei em meio aos beijos e Lucas pareceu gostar. Até demais.

—

Hum...

Lucas?!

—

murmurei contra a sua boca. Eu não sei como isso foi acontecer, mas eu estava praticamente deitada no sofá. O quadril dele mantendo-me presa, a perna entre minhas coxas e... havia algo duro. Bastante duro, pressionando o meu ventre.

— Zoe — ele gemeu meu

nome, lamentando a interrupção.

Aproveitei o instante em que ele se

afastou um pouco, pairando sobre mim, e olhei para baixo. Mais precisamente para aquela região.

O volume me assustou, tanto

que meu queixo caiu. Eu devo ter parecido horrorizada, porque Lucas olhou para o seu... para o seu *material*, e depois olhou para mim com

uma

ruga

explicita

de

preocupação no rosto.

— O que foi?

— Isso... dói? — perguntei,

sem conseguir tirar meus olhos *daquilo*. — Está duro e... — E eu não tinha a menor ideia do que

fazer com aquilo. Quero dizer, teoricamente eu sabia como essas coisas

funcionavam,

mas

na

pratica? Hum-hum, eu não saberia nem por onde, ou como, começar.

*Não*

*que*

*eu*

*quisesse*

*começar alguma coisa aqui... Que isso fique claro.*

**10**

**LUCAS**

*Dias depois*

**Rodeei a sala pela segunda**

**vez em** menos de meia hora, tentando inventar desculpas para poder circular em meu próprio apartamento. Essa era a segunda sessão de fisioterapia que Zoe participava

com

esse

tal

profissional

renomado

e

qualificado, que o Dr. Richard havia

indicado

com

tanta

expectativa

em

nossa

última

consulta.

Eu sei, eu tinha grandes

contas e importantes clientes que dependiam de mim em meu

escritório, porém, depois de passar parte da noite anterior escutando Zoe elogiar o *bam-bam- bam* da fisioterapia, eu achei melhor tirar o dia e verificar pessoalmente o profissionalismo desse cara. A última coisa que desejava era ter um espertinho com um diploma qualquer

tocando

na

minha

freirinha.

Esse, com certeza, era um

erro. *Tudo.* Desde ficar em casa enquanto deveria estar trabalhando, até pirar e chamá-la de *minha*. O

problema era que eu já não sabia como parar isso que estávamos fazendo, ou se queria parar. Ainda assim, toda essa coisa de beijos, forçava-me ao limite. Eu não podia tocá-la abaixo da cintura, Zoe sempre congelava quando isso acontecia. Não podia sequer roçar a mão em seus seios. Era doloroso controlar minha excitação, eu vivia com um eterno caso de bolas azuis, mas preciso admitir que era engraçada a carinha que ela fazia quando meus dedos, sem querer,

tocavam qualquer parte proibida do seu corpo.

Zoe enrubescia da cabeça

aos pés, mordia o interior de sua bochecha e por vezes, começava a se coçar de

tão nervosa que ficava.

*Era bem fofo.*

Para um homem ativo como

eu, acostumado a ter sexo em uma base quase diária, todas essas sessões de amassos, que tendiam a começar após os primeiros 30

minutos de algum daqueles filmes terríveis que ela me obrigava a assistir, eram uma completa tortura.

— Como está a dor hoje?

— o fisioterapeuta, que se chamava Hudson, perguntou enquanto eu o observava massagear a região fraturada. As mãos com óleo propício para dor apertavam e esfregavam

a

pele

vermelha

repetidas

vezes.

Subindo

e

descendo enquanto Zoe mordia o lábio inferior, e cerrava os olhos com força.

— Dói tanto quanto ontem

— ela revelou. — Mas vai parar, não vai?

— Vai sim, não fique

preocupada com isso por enquanto,

ok? — Hudson sorriu, achando graça da sua ansiedade. — No final de todas as sessões, é normal que doa um pouco. Nós forçamos a fratura durante os exercícios e quando o sangue esfria a dor parece mais intensa. Mas não quero que foque na dor e sim na recuperação.

— Eu o escutei, tão atento quanto Zoe, enquanto tomava o café forte que havia preparado. Essa era, aliás, a desculpa inventada para estar aqui.

Meu olhar seguiu firme os

movimentos, naquela mão tocando a região dolorida. Cerrei o maxilar,

perguntando-me se era mesmo necessário estender a maldita massagem até o começo da coxa de Zoe. Um pouco mais, e ele estaria chegando a uma parte que nem eu mesmo tive permissão de tocar, *ainda*.

— Quanto tempo mais

levarão essas sessões? — perguntei incomodado.

O fisioterapeuta, continuou

a massagem e me olhou de soslaio.

Rapidamente.

— Bom, eu aconselharia

cerca de mais duas ou três semanas

de tratamento. Não quero forçar mais do que Zoe está preparada. Eu quero que essa perninha aqui se recupere no tempo certo...

Essa *perninha aqui*? Que merda de intimidade era essa? A *perninha* em questão era... ela era minha! Pelo menos até que chegasse o momento de Zoe partir e ir viver a vida dela longe daqui. Até então, eu

era

o

único

com

a

responsabilidade de cuidar dela, e eu faria isso direito.

— Ele não vê a hora que eu

me

recupere,

sabe?

—

Zoe

confidenciou

baixinho

ao

fisioterapeuta. — Quando isso acontecer, eu serei colocada para fora desse apartamento e... *ele voltará a ser feliz.*

Ela estava brincando, certo?

— Pobre moça — o idiota

disse, cúmplice de suas besteiras, e ignorou a minha presença, voltando a focar na perna de Zoe.

Depois dessa, eu fiz questão

de me sentar no sofá ao lado dos dois e acompanhar o restante da sessão. Foram tortuosos vinte minutos de massagens e toques, esfregões e apertos, enquanto eu

analisava atentamente as reações da freirinha dramática.

Quando a merda finalmente

terminou, eu acompanhei o idiota até a porta e voltei a sala. Onde uma Zoe preguiçosa me esperava.

Percorri devagar as coxas brancas, esparramadas no sofá, e subi até encontrar o rosto sorridente. Sem perceber o que fazia, ou na intimidade que isso exigia, eu me joguei ao seu lado e beijei sua testa.

— Eu não gostei desse

massagista.

— Fisioterapeuta — ela corrigiu, fingindo inocência.

— Tanto faz — resmunguei.

— Eu não gostei e pronto. E como sou eu quem estou pagando pelas sessões... — deixei no ar.

— Não! Você nem pense em

despedi-lo. Eu já o adoro, Luc!

Hudson é tão engraçado, tudo bem que ele maltrata a minha perna, mas me faz rir. Não o tire de mim... por favor.

— Ele não é um brinquedo,

Zoe, muito menos um animalzinho de estimação.

— Eu não tenho amigos —

disse, com os braços cruzados e uma expressão teimosa no rosto.

— E o que isso tem a ver?

— Eu sou sozinha... eu

preciso de amigos. Você já falou que não quer ser o meu, e que não quer que eu crie expectativas...

Então não me tire um possível amigo.

Como eu diria a Zoe que a única coisa que aquele *mané com mãos de fada*

desejava

era

ultrapassar a barreira de suas calcinhas? E não, não mesmo, ser o

seu amigo!

— Eu continuo achando que

você tem algum probleminha, sabe...

— Isso não te impede de me

beijar — provocou, esfregando a pontinha do nariz no meu nariz. Ela adorava fazer isso.

Aproveitei o carinho e

segurei seus braços, mantendo-a de frente para mim. Não consegui resistir,

e

afastei

os

fios

displicentes do seu rosto, meu polegar fazendo uma carícia leve em sua bochecha. Zoe fechou os

olhos e aceitou o carinho, meu polegar desceu um pouco mais, chegando

ao

seu

lábio

que

entreabriu devagar. Permitindo que meu

dedo

percorresse

cada

pedacinho da boca macia.

O primeiro beijo foi suave, raso. Eu apenas colei nossos lábios um

no

outro.

Minha

mão

emaranhou-se nas longas mechas rosas, inclinando seu rosto para o meu bel prazer.

Brinquei com ela até que

nós dois ficássemos ofegantes, a respiração

acelerada

e

sem

qualquer ritmo. Zoe me fazia sentir

como um adolescente idiota. Cheio de hormônios e vontades. Merda, eu já havia perdido a conta de quantas vezes levei uma mulher para cama. Era fácil, simples. Mas estar aqui, nessa situação, era como se eu tivesse experimentando tudo novamente.

— Eu gosto de te beijar —

admiti com a respiração irregular, mordiscando seu lábio inferior. —

Gosto muito de te beijar.

— Eu sei. — Zoe me encarou com um brilho lindo no olhar e sorriu largamente.

**ZOE**

— *Não...* — gemi baixinho ao escutar a campainha. Eu não queria ter que sair do colo do Lucas, muito menos interromper nossa pequena sessão de beijos.

Fora uma surpresa para mim

descobrir que ele passaria o dia inteiro em casa. Lucas amava o que fazia, isso ficava explícito em cada conversa que tínhamos sobre o assunto. Confesso que não entendia como alguém tinha coragem de entregar rios de dinheiro a uma empresa e esperar que a mesma

duplicasse

seus

investimentos.

Lucas tentou me explicar, mas ainda assim, não entrava na minha cabeça. *Era muita loucura.*

A

campainha

tocou

novamente, dessa vez com mais insistência.

— Eu preciso atender, Zoe

— falou sério, afastando-me com delicadeza do seu colo. Não consegui

esconder

o

desapontamento por termos sido interrompidos. E tudo bem, eu admito, estava me tornando o tipo de pessoa que a irmã Joaquina tanto nos alertava: uma viciada.

*Tenho certeza que se ela conhecesse o Lucas, e a boca maravilhosa*

*dele,*

*ela*

*me*

*entenderia...*

Cruzando os braços em

frente aos meus seios, e pendendo a cabeça na direção em que um Lucas decidido caminhava, eu cedi a tentação e deixei que meus olhinhos percorressem desde seus ombros largos, cobertos por uma camisa cinza, até os bolsos traseiros da calça jeans que ele usava. Tudo bem, não era exatamente os bolsos que eu estava analisando... e sim o que tinha por baixo deles.

Sempre pensei que Eva estivesse mentindo ao descrever tão minuciosamente o Gideon, que era impossível existir tal perfeição masculina. Mas o espécime do outro lado da sala estava ali para provar o contrário. Sei que era pecado, mas Senhor, como não babar a cada vez que Lucas, o desavergonhado, se jogava apenas de calça moletom ao meu lado no sofá,

exibindo

todos

aqueles

músculos e tatuagens... Ou então, quando aparecia na porta do meu quarto apenas para verificar o meu sono, vestindo nada mais do que aqueles calções masculinos?

Eu tinha arrepios a cada vez que ele me agarrava quando estava sem

camisa.

Arrepios

que

começavam no meu dedo mindinho e iam até o último fiozinho de cabelo da minha sobrancelha. Sua pele era quente, gostosa de se sentir... Misericórdia, só de pensar eu ardia inteira por dentro.

*Pelo*

*menos*

*agora*

*eu*

*conseguia*

*entender*

*o*

*termo*

*“queimar no inferno.”*

— Surpresa! — Endireitei

meu corpo no instante em que escutei a voz da Bianca, seguido de um resmungo de um bebê e de um

murmúrio delicado que me fez sentir um frio esquisito na barriga.

Reconheci desanimada a dona da última voz, sabendo que mais cedo ou mais tarde eu teria mesmo que lidar com a presença dela nesse apartamento.

Apertando meu corpo, eu

olhei incerta para o quarteto entrando pela porta. Sem se preocupar se atrapalhavam ou não.

Bianca empurrou a filha no colo do Lucas, e veio na minha direção.

Apertando-me

sem

a

menor

cerimônia. Brian foi o próximo a me abraçar, era impossível ficar

emburrada com ele presente.

A cada vez que aparecia eu

entendia o porquê do Lucas amá-lo tanto.

— Como estão indo as

sessões? — Bianca perguntou, tentando soar animada. — Eu estive com o Lucas ontem e ele me falou que elas iriam começar essa semana.

Ainda era difícil para mim entender essa amizade entre os dois, ou melhor, entre os três.

Porque aparentemente eles eram inseparáveis. Mesmo assim, era

impossível

sentir

ciúmes

da

Bianca. Ela era incrível.

Enquanto

conversávamos,

com Brian ao nosso redor, ficou claro para mim que essa não era uma visita de praxe. Bianca, assim como eu, olhou uma e outra vez para o casal afastado e a expressão dela não era das melhores. Da posição em que eu estava eu não consegui ver o rosto da Lia, Lucas a tapava inteiramente.

— Eu não sabia que vocês

viriam. Minha sessão terminou agora pouco e...

— Não se preocupe, nem o Lucas sabia, querida. Se você quiser ir descansar ou tomar um banho

—

Bianca

sugeriu

preocupada, e eu me vi balando a cabeça com ênfase.

— Está tudo bem, eu não me

importo de ficar.

— Certo... deixe-me então

pegar a Bibi para que ela possa te ver. Eu acho que minha filha ama a cor do seu cabelo, os dedinhos dela não param quietos sempre que você está por perto. — Ela sorriu e foi em busca da filha.

Por um momento eu percebi que os três cochichavam algo de onde estavam,

corroí-me por dentro de tanta curiosidade, desejando ser uma mosquinha... *Urgh!* Mosquinha não, pelo amor de Deus. Talvez uma borboleta. Uma bem colorida e com asas rosas. *Isso fazia mais o meu estilo com toda certeza!*

— Fique com ela até eu

voltar — Lucas pediu, apontando discretamente na minha direção. De repente, ele não parecia mais o meu Lucas, o brilho em seu olhar era diferente. Assim como a expressão que tomou o seu rosto. Não havia

mais o sorriso bobo, ou sacana. De repente, ele voltou a me tratar do jeitinho que o motoqueiro malvado tratava.

Meu estômago se contorceu

ao vê-lo se afastar, apertando com força a mão da Lia e seguindo pelo corredor. As batidas do meu coração se tornaram tão altas que com certeza Brian as escutava. O

que será que estava acontecendo aqui? Por que todos eles tinham aparecido e por que... Lucas tinha que arrastá-la justamente para o quarto? O lugar onde eles... onde eles tinham feito *aquela coisa.*

— Está tudo bem, Zoe? —

Bianca voltou a perguntar, agora com a filha no colo que sorria alheia a bagunça que se formara em meu estômago. Não sei ao certo como consegui assentir, mas eu fiz.

— Brian, por que não vai até a cozinha e verifica se o Lucas ainda tem os biscoitos que tanto gosta? —

ela pediu ao menino, que sem perceber o clima tenso em todo o apartamento saiu correndo em direção ao outro cômodo.

— Agora que estamos a sós,

eu preciso que me diga — Bianca falou, pegando a minha mão. —

Como Lucas tem te tratado? Eu sei que ele pode ser um pouco arisco, as vezes

impaciente, mas é um cara bom, sabe?

Sem

certeza

de

como

responder a isso, eu me forcei a falar apenas para tranquilizá-la.

— Lucas está me tratando

muito bem — disse categórica, desviando meu rosto, e olhos, dos dela.

Vai que estivesse escrito em

letras garrafais bem no centro da minha testa que eu e o amigo dela andávamos nos beijando?

— Fico contente então, se não fosse assim eu seria obrigada a dar um puxão de orelha nele. Às vezes eu acho que esse homem precisa de um empurrãozinho, Zoe.

Ele não enxerga um palmo a frente dele... — ela sacudiu a cabeça desgostosa e olhou para o corredor.

— O que ele tem que

enxergar?

—

arrisquei-me,

fazendo-a me encarar sem graça.

— Esquece, você não

entenderia. — Bianca forçou um sorriso e mudou de assunto quando Brian se

juntou a nós três.

Passei os próximos minutos escutando o filho da Lia contar tudo sobre o *novo* pai dele. Que ele era um jogador de futebol americano famoso, que tinha um carro *irado*, e que toda noite ele aparecia para ir visitá-lo. Quase toda noite, já que segundo o menino fazia alguns dias que o tal Diego não aparecia, e que esse era o motivo da sua mãe estar tão triste.

**LUCAS**

— O que esse filho da puta

fez agora, Lia? Porra, eu sabia que

essa merda não iria dar certo! —

Ver minha menina com o rosto vermelho de tanto chorar, sem conseguir sequer me contar o que tinha se passado ferrava comigo.

Ferrava completamente!

— Eu... Lucas, ele... — Ela

tapou o rosto com as mãos, e eu não aguentei. Puxei-a para perto e a abracei. — Nós brigamos, e ele nem ao menos apareceu para ver o filho depois disso. Eu sei que Diego está na cidade, Luc, ele tem jogo amanhã, mas...

— Você não deveria estar

passando por essa merda, Lia.

Quando vai perceber isso? —

Afundei meu rosto em seu cabelo, enquanto

a

confortava,

sendo

envolvido pelo seu cheiro. Por ela, por tudo o que eu sentia.

— Você não entende. —

Minha menina ergueu o rosto, fitando-me apreensiva.

Como ela poderia esperar

que eu entendesse algo? Lia havia me abandonado para estar com outro, se pelo menos e filho da puta desse

valor

a

ela

eu

me

conformaria. Mas pelo visto nem isso Diego era capaz de fazer. Eu desejava era socar a cara dele por

tirar tudo o que eu tinha!

— O que eu preciso

entender? Me diga. — Esse não era o momento de brigar com ela, se Lia recorreu a mim eu não iria afastá-la. Ou julgá-la. — Converse comigo, bebê. — Mantive seu rosto inclinado ao segurá-lo com as duas mãos, chegando bem perto dela. —

Eu estou aqui, eu sempre... vou estar aqui.

*Minha menina precisava*

*saber disso.*

Fungando em meus ombros,

eu permiti que ela chorasse tudo o

que havia para chorar. Murmurando promessas e palavras carinhosas em seu ouvido. Não sei como fomos acabar sentados em minha cama, com ela aninhada em meus braços... exatamente como Zoe tinha estado há poucas horas.

*Zoe*, eu tentei afastar a imagem dela a todo o instante da minha cabeça. Manter essa coisa que

estávamos

fazendo

sob

controle, pelo menos por hoje.

Esse, ao que parece, ainda não era o momento de esfregar o meu envolvimento com ela para a Lia.

Talvez o momento sequer chegasse

a aparecer se Diego continuasse a fazer besteira atrás de besteira. E

caralho! Como eu desejava que ele continuasse

a

agir

assim

e

colocasse tudo a perder.

Controlando-me para não

avançar o sinal e afastar a Lia, eu me contive quando as lembranças daquele dia surgiram na minha cabeça. Nós dois sobre essa cama...

ela se entregando para mim.

Deixando-me

levá-la,

correspondendo a minha paixão, ao meu desejo. Naqueles instantes tudo pareceu como antes, era como se Diego nunca houvesse voltado.

Como se não houvesse mais ninguém em nossas vidas.

Uma pena que após o

ocorrido ela voltou a desaparecer, fugindo

das

minhas

ligações,

ignorando

minhas

mensagens.

Recusando-se a conversar sobre o acontecido.

Recusando-se

a

enxergar a miséria a que estava transformando a minha vida.

— E se ele não mudar, Luc?

E se eu tiver cometido um erro? —

Você cometeu bebê, o maior de todos, mas o único pagando por isso sou eu, pensei em silêncio.

— Brian já se apegou a ele... me dói saber que por minha causa meu filho está sofrendo. Será que o Diego não vê o que está fazendo? Que ao me machucar ele também está ignorando o nosso filho?

— Volte para casa — Foi

tudo o que consegui dizer. — Volte para casa e eu juro que Diego nunca mais irá machucar você e o Brian.

Lia ergueu o olhar, fitando-me com incredulidade.

— Eu não posso voltar, Luc.

Tanta coisa aconteceu, eu não sei se

conseguiria fingir que não estive com ele de novo, que Diego e eu...

— Fechei os olhos por um segundo, minhas mãos afastando-se dela. Eu não era idiota, sabia que algo já deveria ter acontecido, mas preferi manter a maldita esperança de que, talvez, só talvez, Lia fosse um pouco mais esperta e tivesse se recusado a ir para cama com ele até agora.

— Saí daqui... — murmurei,

sentindo meu coração destroçar como no dia em que peguei os dois se beijando. — Eu não posso mais enxugar suas lágrimas, não é nem

por mim que você está chorando, merda!

—

Levantei-me

bruscamente,

assustando-a

pela

minha reação inesperada. — Você está assim porque quer, Lia! Está sofrendo porque foi burra o suficiente para deixar tudo o que tínhamos e correr para os

braços daquele filho da puta. Eu posso ser louco por você, cacete, mas não vou ficar aqui limpando as lágrimas provocadas por outro homem!

Então saia do meu apartamento!

Agora!

Dirigi-me até a porta e a estendi, deixando claro que a

queria fora do meu quarto. A maneira como me olhou, como pareceu

perdida,

arrependida,

quase me fez retroceder e pedir que ficasse de uma vez por todas.

Que

esquecesse

o

desgraçado e voltasse.

Mas eu já havia feito isso sem sucesso, não é? Insistir não a traria de volta a minha vida. Lia precisava mesmo era de um choque de realidade. E eu daria isso a ela.

**11**

**ZOE**

**Ver Lia saindo do quarto do Lucas com** o rosto cheio de lágrimas, soluçando de tanto chorar, fez-me sentir horrível. A pior pessoa do mundo. Será que ela estava assim por minha causa?

Questionei-me ao ver o jeito frio com que olhou para mim. Será que Lucas havia contado tudo a ela?

— Nós temos que ir, Zoe —

Bianca murmurou com o semblante ainda mais preocupado. Olhando

para

uma

Lia

desconsolada,

tentando conter o choro na frente do filho. — Lembre o estouradinho lá dentro que eu o espero em minha casa, ok? Meu marido estará fazendo aniversário em breve e nós pretendemos fazer uma reunião. —

Assenti, morrendo de curiosidade em saber como era esse tal de Eric que todos tanto falavam. — E Zoe?!

Você também está convidada.

Com isso ela pegou sua

bolsa de maternidade, e saiu do apartamento junto com a Lia e o Brian, que deu de ombros ao se despedir de mim. Como se o choro

da mãe fosse algo comum para ele.

O garoto parecia um homenzinho crescido já.

Vendo-me sozinha, com o

apartamento inteiro em silêncio eu me perguntei se deveria ir até o Lucas.

Bianca

e

eu

tínhamos

ouvido Lucas gritar pedindo para que ela saísse, mas nada além disso.

Com

a

perna

ainda

dolorida, e as emoções confusas, eu me arrastei até a porta do seu quarto e esperei. Minha mão tocou

a maçaneta por pelo menos umas duas vezes, mas eu sempre perdia a coragem. Em parte porque termia o que iria encontrar do outro lado.

Quando, por fim, a coragem

surgiu, e eu me fiz acreditar que talvez Lucas estivesse precisando de mim ao seu lado, eu girei a maçaneta quase que ao mesmo tempo em que em que ele

escancarou a porta.

Machucou-me o fato de

encontrá-lo alterado, até mesmo aéreo, e isso me deixou ainda mais insegura.

— Elas já foram — falei, forçando um pequeno sorriso. —

Está tudo bem?

— Agora não, Zoe! Eu não

estou com paciência para suas besteiras dessa vez. — Ele se afastou, mantendo os olhos longe dos meus.

Enquanto o seguida, eu

percebi a influência que Lia tinha sobre ele. A maneira como ela o atormentava, o fazia perder o controle. Nós estávamos tão bem...

e,

de

repente,

tudo

havia

desmoronado.

— Lucas — Ele parou próximo à entrada do apartamento, sem se dar ao trabalho de olhar para trás. — Você vai me deixar aqui sozinha?

Sacudindo a cabeça como

se minha pergunta fosse idiota, ou boba. O motoqueiro malvado, que tinha voltado a ação, saiu do apartamento,

deixando-me

realmente sozinha. Sem qualquer aviso ou explicação.

**LUCAS**

Tentei não fazer barulho ao entrar no apartamento. O ponteiro do relógio no meu pulso dizia que já passavam das três horas da manhã, e eu esperava que ele estivesse

certo.

O

álcool

impregnando em meu organismo, deixou-me

um

tanto

quanto

desorientado, mas dessa vez eu havia sido esperto o bastante para pegar um táxi de volta ao invés de dirigir por aí e acabar comentando o erro de atropelar alguma outra garota maluca...

Eu odiava as malucas,

pensei irracionalmente. Odiava as

que falavam demais, as que reclamavam, as que eram diferentes da Lia...

Cacete! Eu tinha mesmo

ferrado com tudo? Lembrei amargo, repassando a imagem dela saindo do meu quarto mais cedo. Eu a mandei embora, eu mandei minha menina sair.

Como pude fazer isso?

— Lucas? — Uma voz

baixa chamou-me e eu podia jurar que além de bêbado, agora eu estava

vendo

pequenos

anjos

coloridos na minha frente. Porque

era isso que a dona da voz era.

Um anjo de longos cabelos

rosas, e o rosto mais lindo que eu já tinha visto. Eu amava aqueles olhos acinzentados. No fundo eu sabia que amava.

— Venha aqui, anjinha. —

Eu fiz um gesto para que ela se aproximasse,

tentando

muito

manter-me sobre os meus próprios pés.

Percebendo que ela não iria

se aproximar, eu dei alguns passos cambaleantes e segurei o rosto assustado.

—

Faça-me

esquecê-la,

anjinha. Passe a noite comigo e tire aquela mulher do meu coração. Eu já não sei como fazer isso... Eu não sei. Mas eu preciso.

**ZOE**

Por que ele não acordava?

Questionei-me roendo minha unha e esforçando-me para lembrar das instruções na internet. Eu nunca antes havia cuidado de um bêbado.

Eu não sabia o que eles faziam, ou como melhoravam. Senhor, eu quase me mijei nas calças ao vê-lo

cambaleando todo torto em minha direção. Pensando que algo havia acontecido,

que

talvez,

ele

estivesse passando mal e vendo anjos por aí.

*Anjinha... fora assim que ele me chamou, não foi?*

Foi só quando senti o cheiro

inconfundível do álcool que eu percebi o que estava acontecendo com o Lucas.

Ele não estava doente coisa

alguma, estava era bêbado. O

idiota!

Saber que a visita dela o

perturbou tanto assim não fora nada perto do momento em que ele pediu que eu passasse a noite com ele.

Que eu o fizesse esquecê-la. Aquilo sim machucou. Tanto que precisei engolir o choro, minha vontade de correr para o meu quarto e me trancar, e tudo para poder socorrê-

lo e impedir que ele se engasgasse com o próprio vômito.

Porque,

segundo

a

sabedoria do Google, que eu tinha passado a amar, o maior índice de mortes em bêbados acontecia quando eles se engasgavam com o refluxo causado pelo álcool em

seus organismos. Foi o próprio Google quem me aconselhou, por sinal, a mantê-lo virado, não de costas e nem totalmente com a barriga para baixo. No meio termo.

Além de vigiá-lo por toda a noite.

Que foi o que fiz.

E agora, eu estava aqui,

roendo o que havia restado da minha unha e observando-o dormir.

Seu peito continuava a subir e descer

pesadamente,

o

que

significava que ele não estava morto, ainda. Mas até quando era normal alguém dormir?

Merda, hoje tinha que ser

justamente o dia de folga da Martha?

Pensei,

agoniada,

observando o homem sobre a cama.

Eu havia retirado as botas pesadas na noite passada, assim como a camisa. Lucas sorriu ao me ver fazendo isso, achando que eu iria mesmo passar a noite com ele, *na cama dele*. Ficando até mesmo confuso quando eu marchei até o meu quarto de hospedes, pegando minha coberta e travesseiro e me deitando sobre a poltrona de couro escura que ficava ao lado de sua cama.

Quando

ele

finalmente

percebeu que eu não cederia, eu fui obrigada a escutá-lo revirar por um tempo sobre os lençóis chamando insistentemente o nome dela. E as vezes, bem as vezes mesmo, em meio a ao surto ele chamava o meu nome. Mas nada em comparação a quantidade de vezes em que a chamou.

O silêncio no quarto foi

interrompido

pela

companhia

tocando. Quase dei um pulo ao escutá-la,

tamanha

a

minha

concentração ao que acontecia a ele na cama. E foi relutante que eu o deixei para trás e me dirigi até a

porta. Meu estômago roncando em protesto.

Sem pensar direito, acho

que por causa da noite em claro, eu abri a porta sem verificar o olho mágico e me deparei com um homem que nunca tinha visto antes.

Os olhos dele eram castanhos inconfundíveis como os do Lucas, e essa era toda a semelhança que os dois possuíam.

— Uau! — o desconhecido

exclamou, olhando-me dos pés à cabeça, com um sorriso preocupado em seu rosto bonito. Não tão bonito quanto o do bêbado inerte sobre a

cama lá dentro, mas ainda assim, bonito. — Me diga que você é maior de idade, pelo amor de Deus!

— Quem é você? —

perguntei, quase insultada.

— Eu sou *a razão* do cara que mora dentro desse apartamento aí, criança. — Ele entrou, passando por mim e procurando por alguém.

— Agora me responda onde esse irresponsável está, porque a julgar pelo que ele

trouxe para casa na noite passada eu posso apostar que ele está bêbado até o último fio de consciência.

— Ei... você não pode entrar aqui assim. Eu nem te conheço! O Lucas não vai gostar.

— Eu também não te

conheço, criança, e mesmo assim você

está

de

pijamas

no

apartamento

do

meu

irmão.

Sentindo-se tão à vontade que está até mesmo abrindo a porta. Agora me diga, onde ele está?

—

Para

começo

de

conversa eu não sou nenhuma criança! E o seu irmão... bem, ele nunca disse nada quanto a não poder abrir a porta. E olha que eu estou aqui há semanas.

— Semanas? Quem é você, afinal? — o desconhecido parou, espiando sobre o

meu ombro. Já que eu claramente o impedia a seguir pelo corredor.

— Eu sou a garota que o seu

irmão atropelou, oras!

**LUCAS**

*Cacete!*

*Que*

*resseca*

*miserável!*

Levantei-me tonto, para não

dizer beirando ao inconsciente. Era como se minha mente ainda

estivesse apagada e o meu corpo se movesse flutuando pelo quarto. Que loucura!

A merda era que eu nem

mesmo me lembrava de beber tanto assim. Olhei para a porta aberta e depois para o montinho sobre a poltrona, com travesseiro e coberta.

Lembrando-me vagamente de ter adormecido

olhando

naquela

direção. *Zoe*... era isso, ela havia permanecido ali durante a noite.

*“Faça-me*

*esquecê-la,*

*anjinha. Passe a noite comigo e tire aquela mulher do meu coração. Eu já não sei como fazer*

*isso... Eu não sei. Mas eu preciso."* As palavras voltaram a minha mente, junto com a vontade repentina de vomitar.

É meu camarada, pensei

comigo mesmo, dessa vez você ferrou com tudo bonito.

Após lavar o rosto, e

escovar os dentes, tirando o gosto amargo da boca. Eu segui em direção à sala, achando esquisito não ver Zoe rodeando-me como um bichinho em busca de atenção. Que era o que ela normalmente fazia.

—

Obrigada

por

me

alimentar, sério. Eu não sou boa com essas coisas... e o Lucas também não. — Escutei a voz dela soar confusa, sinal claro de que estava falando de boca cheia. Nela isso parecia tão fofo.

— Meu irmão é um idiota,

criança, aquilo lá só sabe beber e fazer merda. — Leonardo anunciou, notando a minha presença antes mesmo dela. O traidor sabia que eu estaria escutando.

Eu poderia recriminá-lo e

colocá-lo para fora do apartamento, eu não estava mesmo com saco para aguentar das suas brincadeiras. Mas

ao invés de explodir, eu me ative a reação da Zoe que assentiu ao comentário como se concordasse com ele. *Freirinha traidora.*

— Bom dia, Zoe — falei,

minha voz rouca ressoando pela cozinha. Fazendo-a enrijecer a olhos vistos.

Zoe olhou do Léo para mim,

e de mim para o Léo. Acho que querendo encontrar algum tipo de semelhança entre nós dois. O que eu duvidava que encontraria. Nós éramos irmãos e melhores amigos.

Mas opostos fisicamente.

— Então, criança. Qual de nós dois é mais o bonito? Aposto que está pensando nisso agora mesmo, não é? — Léo a provocou, sentando-se a o seu lado. Sentindo-se tão à vontade na presença dela que chegava a ser irritante.

— Eu não sabia que você

tinha um irmão. — Zoe não pareceu se importar em tê-lo ao seu lado, tão próximo, e sussurrou olhando-me de um jeito receoso.

— Você não sabe muitas

coisas sobre mim, freirinha. —

retruquei de mal humor. Sem saber ao certo porque estava tão irritado.

Se era com ela, se era com a Lia, se era

comigo

que

estava

transformando tudo isso em uma maldita confusão. Ou se era com o meu irmão, que tinha o braço sobre o ombro de Zoe. Como se ambos se conhecessem a séculos.

Porra, será que ele sabia a dificuldade que era para mim conseguir tocá-la?

— Eu percebi. — A

espertinha me desafiou, enfiando um bocado do café da manhã preparado pelo meu irmão na boca.

**LUCAS**

Após terminar o café da

manhã, Zoe pediu licença com todo o orgulho que possuía e nos deixou a sós. Eu não entendia o motivo pelo qual ela estava emburrada, ou melhor, eu entendia sim, sabia que tinha feito merda na noite passada, mas não conseguia aceitar o seu comportamento.

Afinal,

nós

dois

não

tínhamos nada, não é? Eu a avisei para não criar expectativas comigo, eu avisei!

— Por que eu só estou sabendo agora que o meu querido e responsável irmão atropelou um duende de cabelo rosa? — Duende, era

sério

isso?

Eu

acabei

gargalhando, apesar da dor de cabeça.

— Sério, não a deixe ouvi-la te chamando assim.

— Uma duende linda, eu

tenho que reconhecer. Mas ainda assim...

— Esqueça, Léo. A garota

não regula bem, cresceu em um internato dirigido por freiras. Sabe

o quanto isso afeta a cabeça de uma pessoa?

Ele me observou por um

momento, e logo em seguida falou:

— Não faço ideia, mas posso apostar que você sabe, não é? A garota como você diz, está aqui há semanas, Lucas. Eu só queria entender o porquê de mantê-la apenas para si...

Para

arrancar

aquele

maldito olhar curioso e desconfiado do seu rosto, eu contei a ele tudo.

Desde o beijo que presenciei entre minha menina com o Diego, até o fatídico atropelamento.

— Onde você estava com a porra da cabeça, cara? — Indagou nervoso, parecendo bem mais como um irmão velho do que eu mesmo.

— Não, não precisa nem me responder, eu sei onde você estava com a cabeça e não vou nem repetir o que acho disso. Lia não é...

— Chega, Leonardo. Eu sei

muito bem o que pensa da Lia, ok?

Não estou com paciência para escutá-lo falar mal dela. Não hoje pelo menos.

Leonardo

se

silenciou,

assentindo.

Ele

me

conhecia,

conhecia a merda em que eu ficava

após beber.

— Nossa avó vai querer

conhecê-la, você sabe.

— Só se ela descobrir. —

O sacana do meu irmão riu, e eu sabia: ele seria o único a contar.

**12**

**ZOE**

**Sorri ao encerrar a minha sexta**

**sessão**

de

fisioterapia.

Hudson estava certo afinal, era doloroso no começo, mas depois de algum tempo a dor ia sendo substituída pela confiança na minha perna novamente. As pílulas tinham diminuído e por consequência eu passava

mais

horas

do

dia

acordada, do que dormindo.

Lucas não voltou a ficar em

casa, com a desculpa de verificar

*meu massagista*, como ele insistia em continuar chamando-o. Assim como também não voltou a me beijar. Não que eu fizesse tanta questão assim. Apesar da saudade, as coisas andavam um pouco estranhas entre nós dois.

Mais precisamente desde o

dia em que ele bebeu, perdeu a cabeça e admitiu não conseguir esquecer a perfeita e incrível Lia.

Como

eu

poderia

continuar

beijando

um

cara

que

era

apaixonado por outra?

Cada dia que passava eu

ficava mais e mais apreensiva.

Pensando que a qualquer momento ele iria me expulsar daqui com a desculpa de que minha fratura estava recuperada. Ela realmente estava, quero dizer, não

totalmente.

O Hudson não tinha me liberado, e eu ainda não podia fazer qualquer tipo de esforço. E subir seis filetes de

escada

era

um

esforço

descomunal.

— Então, você e o Lucas

estão juntos? — Hudson perguntou, ancorado na porta. Recusando-se a sair.

Normalmente

nós

dois

conversávamos após as sessões, as vezes Martha nos servia bolo e

café, sempre com um olho atento sobre mim. Como se me vigiasse.

— Nós não estamos... quero

dizer. Eu estou morando aqui, mas nós não estamos juntos. *Eu acho...*

— O que eu iria responder? Eu não sabia, e era essa incerteza que me fazia ter comichões todas as noites.

Quando

Lucas

e

eu

jantávamos juntos, eu perdia a fome. Quando ele estava no mesmo ambiente que eu, tudo o que eu conseguia imaginar era a boca dele tomando a minha. *Era tão difícil.*

Droga, se ele ao menos

tivesse tentado se explicar após a bebedeira. Após dizer tudo aquilo, mas ele nem ao menos tentou. O

idiota ranzinza agiu como se gemer o nome de outra durante a noite em que passei em claro preocupado se ele iria se afogar em vômito, não fosse nada.

*O idiota! Idiota! Idiota!*

— Certo. — Ele piscou e

sorriu. — Quando tiver certeza se vocês dois estão ou não juntos... eu adoraria saber.

*Hummm,* olhei para o loiro alto e magro e tinha que admitir: ele

era simpático. Mas não era o Lucas.

— Eu... eu vou dizer.

— Não, você não irá. — A

voz, vinda do corredor nos assustou completamente.

Lucas estava de pé, nos

observando com as sobrancelhas negras franzidas. O capacete em sua mão e vestindo a mesma jaqueta de couro de sempre. Que por sinal, mantinha o cheirinho dele... *Ah, Zoe, pare de pensar no cheirinho desse idiota. Pare agora mesmo!*

**LUCAS**

Amaldiçoei-me ao ver a

esquentadinha dar-me as costas e se afastar, após eu, praticamente, expulsar o massagista abusado do apartamento. Essa ingenuidade toda da Zoe estava era me dando dor de cabeça, como eu poderia confiar em deixá-la sozinha com aquele idiota?

Martha até tentava ficar de olhos nos dois, mas não eram todos os dias que ela aparecia. Zoe já conseguia se virar na maior parte do tempo sozinha, e ela era, afinal a governanta da minha avó. Não

minha.

— Zoe — eu a chamei

irritado, não conseguindo desviar os olhos do seu bumbum. Que raios essa garota tinha na cabeça de receber um estranho em casa com essa porcaria de short?

— Porque você tem que ser

tão mal-humorado? Você acabou de expulsar o meu amigo, ele não vai mais querer cuidar de mim! —

gritou nervosinha. — Eu vou ficar com a minha perna assim para sempre, e tudo porque você é um grosso! — Havia lágrimas em seus olhos, e eu não sabia se pedia para

ela deixar de ser ingênua e chamá-

lo de amigo, ou se a confortava.

— Você não vai ficar com a

perna assim para sempre — garanti a ela. — Pare de ser dramática, se aquele idiota não quiser voltar porque escutou a verdade eu posso contratar outro fisioterapeuta. Ou melhor, outra fisioterapeuta. Eu não confio nessa sua cabecinha aí perto de um homem. Você não tem malícia...

— Eu não quero outro, eu

quero o Hudson! — Senhor, o que estava

acontecendo

com

essa

garota, hoje? — E eu não ligo que

você não confie em mim, nós nem amigos somos. — Zoe deu de ombros e continuou a andar, indo para o seu quarto.

— Eu não disse que não

confio em você, eu disse que não confio na sua ingenuidade.

— Isso dá no mesmo. —

Ela se sentou na cama, cruzando os braços em frente ao corpo. *Droga, de short curto! Droga de camiseta justa!*

— Não, Zoe, não dá! —

disse entredentes, e passei meus dedos em meu cabelo, exausto,

aproximando-me dela

devagar.

Com calma.

Cacete,

eu

não

queria

admitir, mas estava sentindo falta dela.

— Lucas? — Zoe chamou,

olhando-me daquele jeito inocente dela. Cedi a vontade, e afaguei seu cabelo. Meu humor não era mesmo dos melhores nos últimos dias, eu a afastei. A joguei de lado enquanto me recuperava da bagunça em que Lia havia me deixado. — Eu quero ficar sozinha. — Seu pedido pegou-me desprevenido.

Quer dizer, essa era a minha casa, não era?

Afastando minha mão, eu

recuei

e

deixei

o

quarto.

Murmurando ainda um *Como você quiser, freirinha* antes de bater à porta.

~

Acordei na manhã seguinte

com a cabeça explodindo. Não de ressaca,

mas

de

consciência

pesada. Passei a noite em claro pensando na freirinha emburrada na porta ao lado da minha. Na evidente raiva que ela estava

sentindo e cheguei à conclusão de que precisava me redimir de alguma forma com a Zoe. Era isso, ou eu me tornaria um ser indesejado em minha própria casa.

Após

fazer

a

higiene

pessoal, eu agarrei a primeira calça de moletom que encontrei e vesti, saindo do quarto a fim de tomar meu café da manhã. Para a minha surpresa, Zoe ainda não havia se levantado e Martha era a única a preencher a cozinha.

Olhando-me de esgueira,

ela balançou a cabeça como se me avaliando.

— O que foi, Martha? —

perguntei.

— Sua avó sabe sobre ela.

Droga, Leonardo não perdia

tempo!

— E?

— E, eu, se fosse você,

estaria me preparando para receber a visita dela a qualquer momento.

Você sabe como ela é curiosa...

— Enxerida, você quer

dizer? — provoquei, sabendo que Martha tinha um verdadeiro carinho pela Sr. Baker, assim como eu tinha.

— Respeite a sua avó, menino!

Nossa conversa girou em

torno do que acontecia na mansão da minha avó, e do quando ela reclamava por eu não ter aparecido nas últimas semanas. Enquanto terminava meu café eu comecei a me perguntar o que poderia ser feito para que Zoe me perdoasse.

Ou pelo menos para que não voltasse a me olhar daquela maneira *tão* decepcionada.

— Martha? — chamei,

talvez ela pudesse me ajudar, não é mesmo?

— Sim?

— Você sabe se Zoe está

precisando de alguma coisa? —

Martha me analisou, o olhar quase incrédulo.

— Porque você mesmo não

pergunta isso a ela, menino?

Como eu diria a ela que

precisava me redimir?

— Bom, é que eu gostaria

de fazer uma surpresa a Zoe, e se eu perguntar

automaticamente

eu

estragaria a surpresa...

— Hum. — Seu olhar foi de

desconfiança total. Merda, Martha

me conhecia há anos, é claro que ela

desconfiaria

das

minhas

intenções.

**ZOE**

— Onde nós estamos indo?

— perguntei curiosa.

Lucas havia aparecido do

nada no meu quarto essa manhã, obrigando-me

a

levantar

e

arrastando-me até o seu carro. Sem sequer se dar o trabalho de me explicar o porquê.

Até o meu café da manhã fora ignorado, e por isso eu ficava mortificada a casa vez que meu estômago

exagerado

roncava,

assustando

a

nós

dois

e

preenchendo o silêncio que se instalou assim que o carro deu partida.

— Você vai saber quando

chegarmos.

— Você vai me devolver,

não é? Vai me deixar em alguma calçada qualquer bem longe para que eu não saiba como voltar para sua casa. Olha... eu sei que eu não sou a melhor das companhias,

mas...

— Zoe — Lucas me olhou

sério. — Cala a boca.

Assenti frustrada, prestando atenção a todos os lados. Eu não conhecia as ruas pelas quais ele estava dirigindo, para falar a verdade eu não conhecia quase nada dessa cidade. Ela era enorme e eu nunca tive tempo, ou dinheiro, para bancar a turista.

— Você vai pelo menos me

deixar algum dinheiro? — insisti, realmente com medo de estar sendo expulsa da vida dele.

Mordi

o

interior

da

bochecha, e comecei a coçar meu braço direito quando ele não respondeu. O

silêncio continuou até que o seu majestoso carro diminuiu a velocidade e entrou em um estacionamento de um shopping. A estrutura do lugar era imensa, e eu fiquei

assombrada

com

a

grandiosidade de tudo.

— Lucas... — murmurei, um

pouco assustada. Eu já tinha visto filmes de natais com crianças perdidas em shoppings. Eles eram divertidos, e no final a família sempre aparecia para resgatá-los,

mas eu não tinha família. — Você vai me abandonar aí dentro?

Sacudindo a cabeça, ele

cerrou o maxilar e me encarou.

— Você está falando sério, Zoe, ou brincando com a minha cara?

— Eu não estou brincando...

— Então você realmente

acha que eu seria capaz de te abandonar? Assim, do nada?

— Eu fui grossa com você

ontem e te irritei... — E que a gente também não se beija mais, minha perna não está mais invalida. Em

algum momento você vai ter que me abandonar, pensei, sem coragem de falar para ele.

— Eu nunca faria isso com você.

— Isso quer dizer que você

nunca vai me abandonar? —

perguntei sentindo a pontada de esperança crescer dentro do meu peito.

— Não... o que eu quero

dizer é que nunca seria capaz de levar para algum lugar afastado e te jogar para fora. — ele respirou fundo e continuou. — Quando suas

sessões acabarem e você estiver 100% liberada nós iremos sentar e conversar, ok?

Em nenhum momento ele

disse que me manteria. Ou que eu poderia morar com ele. Mas o que eu estava pensando, não é? Eu era apenas uma responsabilidade para o Lucas, nada mais que isso.

Senhor, como eu iria sentir falta da cama macia em que eu dormia. E dos lençóis quentinhos, da comida gostosa... Eu era péssima cozinha, queimava tudo o que me atrevia a fazer então sobrevivia a base de cereal e

bolachas, já que nem micro-ondas eu podia me dar o luxa de ter.

Pensei em tudo o que

perderia ao ter que voltar para a vida que eu tinha antes dele me atropelar... Eu não teria acesso ilimitado a filmes românticos e séries policiais, que eu havia aprendido a gostar por causa dele, e provavelmente, nunca mais veria a Martha.

Meu

coração

ficava

pequeninho só de imaginar como seria. O vazio que eu sentiria ao me ver novamente sozinha. A vontade que eu tinha era de agir como uma

criança e grudar na perna do Lucas, implorando para ele nunca me deixar. Eu podia viver sem os seus beijos, não era fácil, mas eu podia.

Eu só não sabia se conseguiria viver sem ele.

—

Zoe?

—

Lucas

perguntou, preocupado. — Você está chorando?

— Talvez — consegui

murmurar enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto.

— Eu não vou te abandonar

aqui, freirinha, tira isso da sua cabeça. — ele pediu e limpou o

meu rosto, permitindo-me soluçar e extravasar o meu choro.

— Você... promete? — Eu o

encarei, querendo enxergar tudo dentro dele. Tudinho.

— Droga, é claro que

prometo! — Fui puxada para os seus braços, minhas lágrimas agora molhando toda a sua camiseta. Mas Lucas pareceu não se importar.

Funguei e solucei por vários

minutos, acho que chorando tudo o que havia para ser chorado. Foram tantas lágrimas que devo ter ficado desidratada.

Quando

consegui

finalmente me acalmar, Lucas pediu que eu confiasse nele e me levou para dentro do shopping. Havia muitas

pessoas,

um

número

infinitamente maior ao que via caminhar pelas ruas, ou que eu mesma atendia na velha lanchonete em que trabalhei.

Todas elas pareciam felizes,

com sacolas e mais sacolas nas mãos. Algumas mulheres, e garotas, encaravam descaradamente o Lucas ao meu lado. Às vezes, até mesmo sorrindo em sua direção. Notei que muitos me olhavam também, mas acredito

que

foi

mais

por

curiosidade do que interesse.

Eu era uma garota pequena, de cabelo rosa, vestindo um jeans qualquer e uma camiseta do Mickey que provavelmente era mais velha do que eu. Quase toda roupa que eu tinha, aliás, era herdada das outras meninas. Quando se mora em um internato, por caridade, a gente aprende cedo que nada, nunca, é unicamente seu.

— O que nós estamos

fazendo

aqui?

—

perguntei

baixinho, quando ele me virou de frente para ele na escada rolante.

— Seja um pouquinho só mais paciente, Zoe. Eu garanto que não vai se arrepender de esperar.

**LUCAS**

Zoe estancou já dentro da

livraria, como uma criança faria ao ficar de frente a uma loja de doces.

A expressão em seu rosto foi hilária, ela parecia perdida e indecisa, sem saber para onde olhar ou por onde começar.

Senti uma coisa esquisita ao

vê-la, finalmente sorrir. Abrir

aquela boquinha carnuda e exibir os dentes brancos e os lábios rosas.

Aproveitei o momento, para me aproximar

dela

por

trás,

sussurrando em seu ouvido: —

Acredito que a gente tenha um tal de Gideon para procurar. — Ela me encarou intrigada e me acompanhou até a sessão de romances eróticos.

Eu sei, eu poderia ter me livrado disso e encomendado esses tais livros para ela. Mas eu sabia que meu gesto não a deixaria tão feliz quanto trazê-la, pessoalmente, para encontrar esse tal Gideon que Zoe tanto idolatrava.

Passamos

por

vários

autores, vários livros com títulos curiosos e ela, finalmente, pareceu encontrar o que procurávamos. Seu corpo miúdo enrijeceu e ela voltou seu olhar para mim.

— Você está dizendo a

verdade? Eu vou mesmo poder ter ele? — sua cabecinha se virou para o livro em questão, que ela relutava em pegar.

— Sim, freirinha. Você vai poder levá-lo para casa. Aliás, você está liberada para levar quantos livros quiser, tudo bem?

Pense nisso como um pedido de

desculpas por ter sido tão estúpido com você nesses últimos dias.

Pensei que ela iria se retrair e voltar a me dar gelo como estava fazendo vinha fazendo, mas ao invés disso, Zoe me abraçou com toda força que uma garota do seu tamanho poderia ter e sorriu.

— Esse é o melhor pedido

de desculpas que eu já tive na vida!

O restante da manhã passou

como um borrão, depois de encher duas sacolas com os mais variados livros. Zoe choramingou dizendo estar com fome, alegando que por

minha culpa seu estômago a estava fazendo passar vergonha. Pois até mesmo

o

vendedor

o

havia

escutado roncar. E isso era verdade.

Aproveitei-me do fato de

que tudo dentro do shopping parecia novo para ela e a arrastei até uma lanchonete que vendia o melhor hambúrguer e fritas que eu já havia provado. Zoe, gostou tanto que chegou a lamber os dedos no final. Enquanto comíamos, percebi que

a

freirinha

se

sentia

incomodada pela maneira como algumas pessoas olhavam para ela

e as suas roupas surradas.

Zoe não admitiu quando eu

a questionei a respeito disso, mas eu não era cego. Ela estava claramente sem graça. E foi por isso que assim que avistei uma das lojas em que Lia e Bianca costumavam fazer compras, eu a arrastei até lá dentro e a deixei sob os cuidados de uma vendedora disposta a nos ajudar.

Zoe enrugou a testa ao me ver afastar, acho que com medo que fosse desaparecer com seus livros e da vida dela. Mas ficou sem protestar.

Lembrei-me rapidamente do que Martha havia dito essa manhã, do quão precário e simples era o aparelho telefônico da Zoe e na raiva que ela passava sempre que tentava fazer alguma ligação. Entrei na loja da Apple, pedi um daqueles modelos coloridos, escolhi algumas capas

que

combinavam

perfeitamente

com

a

minha

freirinha, além de um *Headphone.*

Enquanto

voltava

para

buscá-la, eu fiz toda a configuração do aparelho, salvei o número do meu apartamento, do meu escritório e o meu celular pessoal. Tirei

rapidamente uma foto minha, para que todas as vezes em que telefonasse ela pudesse me ver.

Chegando a loja, Zoe estava

em frente ao espelho, provando um vestido que tinha a cara dela.

Nossos

olhos

se

encontraram

através do reflexo e eu vi seu alívio ao perceber que eu havia voltado para buscá-la. Pensar que Zoe realmente estava com medo que eu a deixasse assim, sem mais nem menos, trouxe um gosto amargo a minha boca. Um sentimento de culpa maior do que eu já sentia no início dessa manhã.

Sentei-me para esperá-la vestir mais algumas peças, com Zoe sempre me perguntando o que eu achava. Eu tinha que admitir, ela tinha um gosto tanto

quanto...

excêntrico. Mas eu gostava, droga eu gostava muito.

Na última peça, ela entrou correndo no provedor e disse que não iria demorar. Quando voltou, Zoe se aproximou devagar. Seu cabelo estava uma bagunça sexy, que eu duvidava que ela soubesse, e suas bochechas vermelhas pelo troca-troca de roupas. Eu não me importava se ela estava vestindo as

mesmas roupas de antes, Zoe era linda de qualquer maneira e eu duvido que as pessoas a olhavam por causa disso. Tenho certeza que a olhavam porque era isso que eles viam. Uma garota linda, com os olhos enormes e acinzentados. O

cabelo com uma cor única e um jeitinho todo especial.

Surpreendendo-a, eu ativei

a câmera do meu celular e registrei uma foto dela no exato momento em que parou na minha frente.

— Por que você fez isso?

— perguntou, referindo-se a foto.

— Eu preciso de motivo?

— provoquei, fazendo-a sacudir a cabeça e sorrir, dessa vez mais abertamente.

*Era tão fácil fazê-la feliz.*

~

Assim que chegamos em

casa, Zoe desapareceu para o quarto, arrastando Martha com ela.

Ansiosa para mostrar todos os presentes

que

havia

ganhado.

Vendo-a se afastar, eu pensei no que ela havia me dito no carro no caminho para casa e senti minha garganta fechar.

*— No internato eu nunca ganhava presentes, nem mesmo nos meus aniversários. Tudo o que eu tinha sempre era emprestado ou doado por alguma outra garota...*

*— Ela me olhou de um jeito triste, e no final acabou sorrindo por causa de alguma lembrança. —*

*Isso sempre me deixou injuriada com Deus, sabe? Eu não tinha uma família, um pai ou uma mãe, por que Deus não podia me dar ao menos um presente? — Zoe continuou divagando, distraída. —*

*No meu aniversário de onze anos*

*eu perguntei isso as irmãs, eu estava tão irritada com todas elas por não me darem nada. Por me obrigarem a usar roupas de outras meninas*

*em*

*meu*

*próprio*

*aniversário que acabei deixando todas nervosas.*

*— O que elas disseram? As*

*irmãs...*

*— Elas disseram que eu tinha que dar graças a Deus por ter uma cama quentinha para dormir e comida em minha mesa.*

*Que a vida nem sempre era justa, e que, eu, principalmente, precisava aprender a lidar com isso.*

*— E você aprendeu? — Esse foi o momento em que Zoe olhou para mim, os livros do seu Gideon apertado em seu colo como se fossem um verdadeiro tesouro.*

*— Não, eu não aprendi.*

A lembrança se esvaiu com o retorno da Martha a sala. Eu não me dei conta de que estava parado no mesmo local por tanto tempo até que ela falou.

— Você a fez feliz hoje,

menino. Não estrague isso.

**ZOE**

Assim que Martha saiu do meu

quarto, eu me sentei sobre a cama e olhei admirada todos aqueles vestidos lindos e sapatos novos. Eu tinha um tênis, não, não, eu tinha dois tênis agora. *E eu os amava.*

Alisei a saia rodada, com estampa de balões que eu insisti para que Lucas me deixasse trazer e sorri feliz. Esquecendo-me por alguns instantes que eu não tinha qualquer lugar que fosse para usar minhas roupas novas.

Bianca havia me convidado para a festa do aniversário do seu marido, mas eu não iria a menos que Lucas deixasse. Eu não queria ser a intrusa, e também... não queria ver a Lia. Ela não tinha culpa, *eu acho*, e de alguma maneira que eu não entendia tudo o que ela fazia com Lucas machucava-me também.

Das roupas, eu olhei para os livros. Eu não podia acreditar que tinha os cinco livros da série comigo e que poderia finalmente descobrir todas as respostas que eu buscava.

Contente, como a muito tempo

eu não ficava, eu tomei um banho rápido. Vesti uma de minhas roupas novas, penteei meu cabelo molhado e finalizei com o *gloss* de morango que havia comprado no quiosque na saída do shopping.

Tomada por uma coragem que eu não sabia que tinha, eu fui à procura do Lucas e o encontrei na sala de jogos que era interligada ao seu escritório. Esse era o espaço dele, onde ele bebia uma ou outra cerveja após o jantar e onde eu descobri que ele e o irmão passavam algum tempo em algumas noites da

semana.

Notando

minha

presença,

Lucas se virou, com a cerveja em mãos e me olhou dos pés à cabeça.

— Eu estou bonita? —

perguntei, mostrando minha roupa nova.

— Está linda, freirinha.

Seu elogio fez com que meu nervosismo diminuísse, e que meus pés se animassem a ir até ele. Sem que esperasse, eu me inclinei e o beijei. Apenas um leve roçar de lábios.

Surpreendendo-o

completamente.

— Obrigada por todos os

presentes, Lucas. — murmurei, pronta para me afastar, mas fui impedida ao ter minha cintura agarrada e meu corpo colocado ao dele.

Ofeguei ante a pressão, e me perdi em seus olhos castanhos que faiscavam como fogos de artificio.

— Beije-me direito, Zoe.

— Mas... eu te beijei.

— Não, beije-me de verdade, freirinha. — ele pediu com a voz rouca, arrastada. Causando arrepios por toda a minha pele.

Hesitei a princípio e continuei

a encará-lo, morrendo de vontade de beijá-lo como realmente queria.

Mas também, morrendo de medo de me machucar de novo.

Lucas colou sua testa a minha, como se esperando por minha decisão e suspirou pesadamente. O

hálito mentolado embriagando-me.

Nervosa, eu deixei que meu dedo subisse por seus braços até transpassá-los

por

sua

nuca,

ficando na ponta dos pés enquanto sentia a parede rija dos seus músculos

pressionando

meu

corpo... e o beijei.

Nossas bocas se chocaram

com ânsia, cheias de desejos e saudade. A garrafa que Lucas segurava foi parar em algum lugar próximo a nós dois, porque, de repente, eu estava sendo abraçada por dois braços fortes e empurrada até a parede mais próxima. Tentei manter a calma, preocupada com o que poderia ser toda essa dor que sentia

no

baixo

ventre.

O

formigamento inquieto e que me fazia ter vontade de pressionar minhas pernas

uma na outra até que a loucura passasse.

Lucas pareceu sentir meu

anseio, e agarrou cada uma de

minhas coxas, envolvendo-as ao redor do seu quadril. Gritei assustada em sua boca ao sentir aquela coisa dura... diretamente pressionada em minha barriga. Será que eu deveria me afastar? Pedir que ele parasse?

Os beijos foram ficando mais intensos, nossa respiração mais irregular e descompassada. Meu coração batia tão violentamente dentro do peito que eu me achava capaz de sofrer um infarto a qualquer momento. Tive minha boca mordida, chupada... sugada.

Lucas gemia, fazendo-me gemer

também. As mãos apertando-me de uma maneira que nenhum outro homem o fez.

Não sei como chegamos a esse

ponto, só sei que nossos corpos começaram a se esfregar um no outro, buscando por algum alívio que eu não sabia ao certo como conseguir.

Comecei

a

ficar

ofegante, cada terminação nervosa se retesou, minhas unhas curtas buscaram por sua pele, querendo segurá-lo com força. Uma sensação tão gostosa crescia dentro de mim...

Até que, de repente, tudo

parou.

Lucas segurou meu rosto, olhando-me preocupado. O tórax subindo e descendo enquanto ele se acalmava.

— Meu Deus, freirinha, você está tremendo inteira — sussurrou em meu ouvido, deixando-me

preocupada.

Eu me lembro das vezes em que Gideon e Eva fizeram sexo, era algo de outro mundo, segundo os relatos... mas não conseguia me lembrar dela tremendo nos braços dele.

— Isso... é normal?

— Sim, freirinha, isso é normal. — Lucas acariciou meu cabelo, mantendo-me agarrada a ele ainda. — Seu corpo está excitado, querendo gozar... e por isso acaba tendo essas reações.

— Eu senti como se fosse

explodir, Lucas... Minhas pernas ficaram sem força e...

Senhor, como eu iria explicar que minha calcinha tinha ficado completamente úmida?

— E?

— E que... — Dessa vez eu fui

a única a sussurrar em seu ouvido.

Suas mãos apertaram-me com mais força após a minha admissão, Lucas respirou uma, duas, três vezes até conseguir abrir os olhos e me encarar diretamente.

— O que eu faço com você, freirinha? Me diga... por que eu juro que não sei.

— Volte a me beijar — pedi, querendo ajudá-lo. — Você pode fazer isso sempre que quiser. Eu amo... amo os seus beijos, Lucas.

**13**

**LUCAS**

**Duas semanas haviam se**

**passado desde o** dia em que Zoe e eu reatamos, por assim dizer. Tudo parecia ter voltado ao normal, eu era presenteado por seus sorrisos e beijos todas as manhãs e noites.

Sua

alegria

preenchia

meu

apartamento de uma maneira que...

nenhuma outra pessoa o fez.

Martha a adorava. Meu irmão a adorava Porra, até mesmo a

minha avó adorava aquela garota.

As duas se deram bem quase que instantaneamente.

E

olha

que

agradar a Sr. Baker, não era fácil.

— Eu daria qualquer coisa

para saber em qual das duas você está pensando agora, mano. —

Leonardo entrou na minha sala, já provocando. — Mas sinceramente?

Espero que seja na maluquinha de cabelo rosa, porque eu já não aguento mais ouvi-lo reclamar da Lia.

— Eu não estou pensando em qualquer uma das duas, Léo —

menti, querendo ser deixado em

paz.

Hoje era sexta-feira, dentro de algumas horas todo mundo estaria se reunindo na casa da Bianca para comemorar o aniversário do Eric e a cada minuto que passava eu pensava mais e mais que levar minha freirinha comigo era uma péssima ideia.

Ninguém, além da Martha,

sabia o que estava acontecendo entre nós dois. Nem mesmo para a Bianca e meu irmão eu tive coragem de contar. Não sei o que me

impedia,

talvez

fosse

o

sentimento de culpa que continuava

a me perseguir, porque no fundo eu sabia de toda a verdade. Sabia que no momento em que Lia quisesse voltar...

— Você acredita que nossa

avó passou a tarde com ela no salão? Eu não consigo entender o que as duas podem ter em comum, sério.

Zoe havia mesmo me enviado uma mensagem mais cedo dizendo que minha avó a convidou para passar o dia com ela. Eu só não esperava que fosse no salão. Minha freirinha não parecia ser adepta a esse tipo de coisa, ela amava uma

maquiagem, isso eu tinha que levar em conta, mas no mais, Zoe era tranquila e eu amava isso nela.

Amava que ela acordava e

dava as caras na cozinha sem nem se dar o trabalho de domar seu cabelo. Que mesmo tendo ganhado roupas novas, ela cuidava com todo o carinho das antigas e se recusava veemente a jogá-las fora sempre que Martha invadia seu quarto. Eu amava que Zoe era capaz de transformar qualquer dia ruim em um bom pelo simples fato de estar ao meu lado.

— Cara, ou você está pirando

de novo por causa da Lia, ou essa outra

garota

está

mexendo

seriamente com você. Eu não consigo mais ter uma conversa decente com você, Lucas. — Meu irmão pegou os documentos que eu havia analisado sobre a minha mesa e saiu do escritório decidido.

Aproveitei a deixa, peguei

meu

celular

e

mandei

uma

mensagem rápida para a Zoe.

*“Por favor não deixe que minha avó a convença a fazer qualquer loucura em seu cabelo.*

*Eu gosto dele do jeito que está.”*

Menos de um minuto depois, a resposta apareceu.

*“Gosta mesmo?”*

*“Mais do que você imagina.”*

**ZOE**

Respirei

aliviada,

ainda

agarrada fortemente ao Lucas, assim que o desavergonhado louco e

sem

coração,

diminuiu

a

velocidade de sua moto em busca de um lugar para estacioná-la.

Minhas pernas bambeavam e eu sentia que a qualquer momento meu

coração poderia sair pela boca. Eu estava tão nervosa, e assustada, que não conseguia sequer abrir meus olhos.

Lucas havia insistido para que viéssemos a casa da Bianca em sua moto

decepadora

de

pernas

inocentes. Eu cedi, bem, eu não sei ao certo porque cedi, mas eu o fiz e agora estava me perguntando como aguentaria fazer o caminho de volta sem me mijar inteira.

Não que tivesse sido de todo ruim, porque não havia. Era só que... eu tinha medo.

Com a cabeça apoiada em suas costas, eu o senti se mover e retirar o próprio capacete, e em seguida o meu.

— Pode abrir os olhos, Zoe —

disse em um tom de voz que mostrava diversão. — Vamos lá, freirinha, nem foi tão ruim assim...

— Não? — praticamente

gritei. — Eu quase fiz xixi quando você fez a primeira curva seu idiota! Nós... nós praticamente tocamos o chão.

—

Não

seja

exagerada,

freirinha.

— Pare de me chamar assim, tudo bem?

— Você nunca se importou.

— Eu sei, eu só não quero ser

chamada assim na frente dos seus amigos, Lucas. Eles me deixam nervosa... eu não sei nem se deveria ter vindo.

— Pare de falar besteira, a Bianca fez questão que você viesse, ok? Ela teria me matado se eu não tivesse conseguido arrastá-la para essa droga de reunião hoje.

Eu o olhei de soslaio enquanto era ajudada a sair da moto. Lucas

não parecia contente em ter que vir, eu percebi isso desde o momento em que o

vi chegar em casa essa tarde. Eu tentei não me perguntar o porquê do seu comportamento estranho, mas eu sabia. *No fundo eu sabia.*

— Se é uma droga de reunião por que tivemos que vir? Nós poderíamos ter ficado em casa... —

Nos beijando, tocando... com você me fazendo sentir coisas gostosas pelo corpo. *Ah Senhor, eu estava me tornando uma desavergonhada!*

— Eles são meus amigos, Zoe.

Além disso, Bianca não me

perdoaria

se

eu

faltasse

ao

aniversário do *playboy* do seu marido. — Lucas sempre se referia ao marido da Bia dessa maneira.

Acho que mais para provocá-la do que tudo.

Era impossível não sentir

inveja do que todos eles tinham. Eu queria

ter

pessoas

que

se

importassem comigo como eles pareciam se importar um com outro.

— Vamos lá freirinha — Ele colocou a mão em minhas costas, guiando-me pelo jardim da casa maravilhosa, e eu o encarei irritada. — Tudo bem, tudo bem!

Eu não vou chamá-la assim na frente deles.

**LUCAS**

Eric e um outro amigo nosso conversavam animados ao meu redor sobre o último jogo do *Super Bowl* e enquanto os escutava, eu observava de longe Zoe sentada ao lado da Bianca e da Lia. Minha freirinha

estava

nervosa,

praticamente

dura

de

tão

desconfortável.

Droga, eu estava sendo um

covarde por mantê-la afastada por toda a noite. *Isso sim.*

Mas como poderia fazer

qualquer movimento com Lia ao seu lado? Minha menina, já tinha tentado falar comigo essa noite, ela realmente tentou. Mas eu estava nervoso demais ainda para deixá-la chegar perto. Olhei de uma para a outra por praticamente toda a noite, tentando encontrar semelhanças, um motivo pelo qual eu estava tão malditamente confuso.

Lia era linda, de olhos

castanhos e com pequenas sardas em seu nariz delicado. Ela era doce

de uma maneira que eu gostava, e tinha

uma

fragilidade,

uma

vulnerabilidade que me fazia querer cuidar dela. Zoe, apesar de tudo, ainda era uma incógnita para mim.

De alguma maneira as duas

perceberam que eram alvo da minha atenção. Lia sorriu, quase aliviada por me ver a encarando.

Desviei meu olhar do dela por um único segundo para olhar a garota rígida ao seu lado e me deparei com Zoe fazendo uma careta engraçada para mim. A ponta da sua língua me provocou, e ela franziu o nariz

como

uma

verdadeira

gatinha...

— Então, Lucas, como anda a sua situação com a menina? A perna dela já me parece recuperada —

Eric comentou, olhando na mesma direção em que eu estava. Assenti a contragosto, sabendo que Zoe tinha apenas mais duas sessões de fisioterapia marcadas.

*Apenas duas, merda!*

— Ela ainda está fazendo

algumas sessões, até que o idiota do fisioterapeuta dela a libere ela permanecerá em minha casa.

— Não que seja um grande

sacrifício não é, Lucas? — Roger, nosso amigo em comum, comentou.

Eu estava prestes a lhe dar uma resposta, pedir que olhasse para o outro lado e parasse de secar minha freirinha, mas esse foi justamente o momento que Diego escolheu para chegar. Deixando não só meus amigos em silêncio como também as garotas sentadas a poucos metros de onde estávamos.

— Você o convidou? —

perguntei ao Eric.

— Por que não convidaria?

Por que? Eric só podia estar

zoando com a minha cara, droga! O

filho da puta no outro lado da sala tinha tomado a minha menina!

Cerrei

o

maxilar,

ainda

segurando a *long neck*, e observei calado o instante em que Diego percorreu com o olhar todo o lugar e

parou

exatamente

na

Lia.

Enxerguei sangue nesse momento, já era duro demais ter que imaginá-

los juntos. Ver então? Porra, isso me destruiria!

Para o meu desgosto foi

exatamente isso o que aconteceu.

Diego se aproximou da Lia, e beijou sua nuca para que todos

pudessem ver, sussurrando algo em seu ouvido logo em seguida. Minha bile subiu, assim como a raiva.

Lia sorriu, a infeliz sorriu e olhou para mim ciente de que eu assistia a tudo.

— Cara, eu não gostaria de estar em seu lugar — Roger comentou, e Eric apenas me encarou, alertando-me a não fazer nenhuma besteira.

**ZOE**

Diferente do que imaginei que

aconteceria, Lucas me abandonou assim que entramos. Mantendo-se distante a todo momento. Não sei se por minha causa, ou se por causa da Lia, mas ele se manteve longe desde que chegamos.

Foi duro vê-lo cumprimentar a

Lia, que o abraçou efusivamente assim que o viu. E mesmo que fosse errado, eu confesso que fiquei aliviada por não vê-lo ao redor dela depois que isso aconteceu.

Lucas disse um *oi* seco, e se afastou. Deixando-a desconcertada.

Foi depois disso que ela

passou a me olhar de maneira

inquisidora. Como se eu fosse a culpada por ele tê-la tratado tão friamente.

Ficou claro para mim que

nenhum de seus amigos sabia a nosso respeito, que Lucas manteve tudo para ele

mesmo. Eu só não sabia se deveria ser grata por ele ter feito isso, ou se deveria me sentir mal.

Após minutos torturantes em que

escutei

Bianca

e

Lia

conversarem eu comecei a me sentir um peixinho fora d’água.

Sentime estupida ao descobrir que a garota que Lucas dizia amar

estava prestes a se formar em medicina. Que em breve estaria fazendo

residência

em

algum

hospital *bam-bam-bam* de Nova Iorque. Pensei no ensino que tive, no quão distante era a ideia de fazer faculdade.

Como eu conseguiria? Eu

nunca tive tempo, ou sequer dinheiro para arcar com os custos...

— E você, Zoe, o que

pretende estudar? — Lia perguntou, consciente do meu silêncio.

Eu a encarei, perguntando-me a mesma coisa. O que eu estudaria

caso pudesse me dar a esse luxo?

Bianca olhou amigavelmente

para mim, como se me incentivando a responder. Não havia julgamento em seu rosto, diferente do da sua amiga.

— As irmãs sempre disseram que eu levo jeito para cuidar das pessoas — disse, achando que isso era o bastante.

— Então você daria uma

excelente enfermeira. O que acha?

— Bianca sugeriu, e eu gostei.

Pensei em todas as pessoas que poderia ajudar, em como seria

legal ter uma profissão que ia além de servir mesas e ouvir gracinhas.

O pensamento de me tornar uma enfermeira me fez desejar que tudo fosse diferente.

Não tive tempo de responder qualquer coisa que fosse as duas, porque, de repente, ambas olharam para o homem parado na entrada da sala. Ele era alto, o corpo musculoso e seus olhos exibiam um brilho

cínico.

Quase

uma

advertência que dizia: perigo.

Lia se contorceu ao meu lado,

a expressão em seu rosto se tornando ansiosa. Eu, assim como

as duas, o observei caminhar até onde estávamos. E para a minha surpresa, o tal homem se inclinou e beijou a nuca da Lia. Em um gesto claramente íntimo.

— Senti a sua falta. — O

escutei murmurar em seu ouvido e peguei o exato momento em que Lia o olhar

atravessou a sala, fixando-se a nossa frente. O lado em que Lucas estava.

**LUCAS**

Apoiei as mãos na bancada de mármore frio da cozinha da Bianca, e respirei fundo. Porra, Lia só poderia

estar

de

sacanagem

comigo! Esfregar o que quer que fosse essa merda acontecendo entre eles na minha cara dessa forma...

Como ela era capaz?

Sacudi a cabeça, apreciando o

silêncio e fechei os olhos por um segundo. Eu havia abandonado a sala assim que Diego a beijou. Era isso ou eu teria perdido a cabeça e quebrado a cara do infeliz bem ali, na frente de todos. Na hora que me afastei, eu não pensei na Bianca, ou

no quanto ela ficaria irritada comigo pela cena que estava causando. Eu não pensei no Eric, eu não pensei na Zoe! Droga, eu não pensei em ninguém que não em mim e na minha menina. *Em tudo o que tinha perdido.*

— Lucas — Eu não sabia se era fruto da minha imaginação, mas podia escutar a voz da Lia quase como uma carícia atrás de mim. —

Volte para sala comigo, não crie caso...

— Não criar caso? — Virei-me, ficando de frente para ela. —

Não sou eu que estou deixando

aquele canalha me beijar como se fosse meu dono, Diego está desrespeitando

não

só

os

convidados da Bianca, Lia, mas a você também.

— Eu não quer discutir, Luc, eu só vim aqui para tentar...

— Para tentar o que? — Eu a interrompi. — Manter-me no seu encalço?

Me

dar

esperanças

enquanto a porcaria de um idiota te beija? — explodi, fazendo-a recuar.

Lia parecia ofendida, ou

prestes a chorar, eu não soube identificar ao certo.

— Eu não quero te magoar.

— Eu acho que você não sabe

o que quer — disse irritado e passei por ela, deixando-a para trás.

A primeira coisa que avistei ao chegar na sala foi Diego sorrindo na rodinha de amigos que até minutos atrás eu estava. Olhei para a outra direção e encontrei Zoe sentada, sozinha.

Minha freirinha parecia fora de lugar, e olhava fixamente as mãos pousadas sobre as suas pernas. Impulsivo, eu caminhei até

ela,

atraindo

alguns

olhares

indesejados, e me sentei ao seu lado, puxando-a para mim.

Eu não estava pensando, não nela, e não nas consequências do que estava prestes a fazer. Então eu simplesmente a beijei. Querendo acalmar toda a raiva dentro do meu peito, querendo fazer com que a dor parasse.

*E parou.*

Zoe não pediu para que eu parasse, como deveria ter feito.

Minha freirinha ofegou e apenas retribuiu.

*Você vai acabar destruindo essa*

*garota,*

*cara,*

meu

subconsciente alertou. Mas eu me recusei a escutá-lo.

Quando o beijo teve fim, eu percebi o rubor tingido nas bochechas de Zoe. Junto com um pequeno sorriso tímido. Olhei ao redor, deparando-me com Bianca encarando-me decepcionada. Como se eu tivesse cometido um erro. E

mais além, encontrei Lia de boca aberta olhando a tudo chateada.

*Pois é bebê, é exatamente assim que eu me sinto.*

**14**

**ZOE**

**Lucas seguiu atrás de mim**

**enquanto eu** me dirigia ao meu quarto, ele costumava fazer isso todas as noites. Apenas para me desejar uma boa noite. Nós havíamos

chegado

há

alguns

minutos, ele mais silencioso do que o costume enquanto eu tentava controlar o meu sorriso bobo. Meu motoqueiro não fazia ideia, mas o que ele fez hoje, mostrando a todos que estávamos juntos, havia me

surpreendido.

Saber que ele não tinha

vergonha de mim, que não se importava que seus amigos nos vissem juntos... isso me fez tão feliz. Às vezes, quando olhava para ele e tudo o que Lucas havia conquistado, tudo o que ele tinha, eu

me

sentia

pequena.

Insignificante.

A conversa com a Lia hoje só

havia

intensificado

essa

sensação.

Agarrando-me

por

trás,

Lucas transpassou o braço em

minha cintura e fungou em meu ouvido. Foi difícil convencê-lo a não beber muito... lembrá-lo de que nós tínhamos que voltar naquela coisa de duas rodas e dos riscos que iriamos correr se ele estivesse minimamente alterado pelo álcool.

— Durma comigo essa noite

— pediu, a voz rouca, assustando-me um pouco.

Eu não sabia se estava

preparada para essa parte... *a parte do sexo.*

— Dormir?

— Apenas dormir, freirinha.

Nada mais que isso.

Hum, não era como se eu

nunca

tivesse

pensando

na

possibilidade de escapulir para o quarto dele no meio da madrugada antes. E nós também já havíamos dormido juntos, na sala, mas havíamos.

*Ah, senhor que dúvida, que dúvida!*

— Sem passar a mão no

meu bumbum? — Ele riu alto, sabendo que toda vez que fazia isso eu me contorcia inteira. Era automático,

eu

não

conseguia

controlar meu corpo, poxa.

— Isso é maldade... —

Lucas me beijou, primeiro lento, explorando minha boca devagar, e depois intenso, pegando fogo.

Deixando-me acesa.

— Eu só durmo se você

prometer.

— Eu prometo não tocar se

você não quiser. — Balancei a cabeça rindo da maneira como ele escapou, mas acabei cedendo, curiosa para saber como seria estar com ele uma noite inteirinha.

**LUCAS**

Quando Zoe entrou no meu

quarto, eu já estava deitado na cama com o pensamento de que ela havia dado para trás e desistido de passar a noite comigo. Eu não podia evitar, sabia a tortura que seria tê-la ao meu lado, mas também não gostava da ideia de passar a madrugada em claro pensando em outra mulher.

Era uma atitude egoísta e

canalha, eu sabia, mas ter Zoe comigo ajudaria a manter minha mente longe da Lia. E isso era tudo

o que eu precisava.

Sorri com carinho ao vê-la entrar receosa, como se estivesse com medo, ou assustada. O pijama que usava me fez instantaneamente excitado. Eu tinha um

sério caso de amor e ódio com esses *shorts* curtos e apertados que ela passou a usar dentro de casa. Era uma merda saber que eu não poderia arrancá-

los dela como desejava.

— Venha aqui, freirinha...

Eu não mordo. — Mas gostaria, pensei comigo mesmo.

Desajeitada, Zoe subiu na

cama e escorreu ao meu lado. A única lâmpada acesa era a do abajur no criado mudo, e isso me possibilitou ver a maneira desejosa como

Zoe

analisou

minhas

tatuagens, principalmente, a que começava em meu abdômen e se perdia em meu quadril por dentro da bermuda de moletom que vestia.

Amaldiçoei-me por estar

sem boxer por baixo, sabendo que o moletom não seria capaz de deter a ereção que se formava.

— Elas são lindas, Lucas

— Zoe sussurrou impressionada, como se as tivesse vendo pela

primeira vez, e com o dedo traçou a linha da tatuagem maior. Eu a observei, perguntando-me se a garota tinha ideia do quanto sua inocência era um perigo. Do quanto esse seu rostinho atraia a atenção masculina.

Pegando

sua

mão,

afastando-a da minha pele, eu a puxei um pouco mais para perto.

Tudo o que eu queria era o seu toque, que ela explorasse o meu corpo como desejasse, mas eu não aguentaria começar nada essa noite e ter que parar porque ela não se sentia pronta. Eu também não

queria pressioná-la.

— Acho melhor colocar

limites aqui freirinha. Se eu não posso tocar essa sua bunda linda, você também não pode me tocar.

Claramente envergonhada,

ela murmurou: — Mas é diferente.

— Me diga qual é a

diferença? Eu te toco e você fica excitada, você me toca... e eu fico duro

—

Os

enormes

olhos

arregalaram-se de surpresa. Eu nunca tinha sido tão direto com ela.

Sempre pisei em falso ao seu redor quando se tratava de sexo.

Até porque eu não fazia a menor ideia de como agir com uma virgem.

— Você está... — Ela

desceu seu olhar por um segundo, e voltou a subir. — Está duro? —

gaguejou de uma maneira fofa, que me fez estender os dedos e acariciar seu rosto vermelho.

— Estou — admiti, sabendo

que essa conversa era um erro.

Ela mordiscou o lábio,

mostrando-se indecisa, até que por fim falou: — Eu posso sentir?

— Porra, Zoe! — ofeguei

ante o pensamento.

— Eu, eu só quero sentir.

Eu nunca...

— Eu sei que você nunca

fez algo assim. Só não sei se esse é o

melhor

momento

para

começarmos algo como isso...

— Tudo bem, esquece, eu...

— Vi a maneira como seu rosto se retorceu em decepção, e sem pensar duas vezes eu agarrei sua mão e a puxei até minha virilha. Deixando-a sentir.

Dizer

que

meu

corpo

estremeceu ao seu toque não era o

bastante. Cacete! Era como se eu nunca tivesse tido as mãos de uma mulher sobre mim.

Fechei os olhos, permitindo

que ela ficasse à vontade para afastar

a

mão

quando

bem

entendesse, mas Zoe não afastou.

Os dedos magicamente esfregaram a ereção, subindo e descendo.

Como se a espertinha estivesse medindo meu tamanho. Ofeguei, reprimindo a vontade louca de jogá-la contra a minha cama e devorá-la.

— Zoe... porra! — Gemi ao

ter seus dedos rodeando todo

comprimento.

Erguendo

meu

quadril para mais. Mesmo ciente de que ela não saberia o que fazer.

— Lucas... você quer...

você quer me sentir também?

ZOE

Fechei meus olhos ao sentir

os dedos do Lucas deslizarem para dentro da minha calcinha. Quando aceitei passar a noite com ele, eu juro que não esperava que nada disso acontecesse. Mas não sei o que deu em mim, eu comecei a

olhar todas as suas tatuagens, meus dedos coçaram para tocá-lo e quando dei por mim... eu queria mais.

— Relaxa, freirinha.

— Eu... eu estou relaxada, eu juro. — gaguejei, não querendo que ele parasse.

Meu coração disparou, e eu

gemi ao ter o primeiro toque.

*Senhor! Como algo assim pode ser pecado?*

Lucas

acariciou-me,

fazendo-me ofegar e contorcer.

Mantendo seus olhos presos ao meu

a cada instante. Fazendo-me sentir segura. Eu deveria estar assustada por causa da grandiosidade do que fazíamos, mas por incrível que pareça, essa era a última coisa que eu sentia.

Minha curiosidade, no fim,

falou mais alto e eu me deixei levar... sendo recompensada por uma explosão tão forte, que todo o meu mundo estremeceu. Partindo-se me milhares de pedacinhos.

Lucas

beijou-me

com

intensidade enquanto eu tremia em seus braços.

— Nós temos que parar...

— sussurrou, a voz abafada. Rouca.

— Por que? — Eu não

queria que parássemos.

— Você é inocente, Zoe, eu

juro que não queria me aproveitar de

você.

Não

queria

que

chegássemos a esse ponto. — Ele parecia se sentir culpado, eu só não entendia porque, já que fui eu quem começou tudo.

— E se eu quiser... quero dizer... — Droga, como eu iria dizer a ele que não queria parar?

— Se você quiser?

— Se eu quiser fazer... amor com você.

— Freirinha... — Eu o vi

negar, sacudir a cabeça e se sentar na cama. Atordoado. — Eu não poso fazer isso com você.

— Por que não? — perguntei sem entender. — Eu quero, Lucas.

Quero muito.

Engoli em seco com o olhar que me lançou. Tudo aconteceu tão de repente que fiquei desnorteada.

Lucas me beijou, beijou com fome.

Empurrando-me contra a cama.

Jogando seu peso sobre o meu. Eu

não soube o que fazer, Lucas me guiou, arrastou minha mão para onde

desejava

ser

tocado,

perguntou uma e outra vez se eu tinha certeza. Gemeu, dizendo o quanto eu era linda, gostosa...

Apertou-me nos lugares certos e me tomou com tanto carinho que o medo de sentir dor foi dissipado do meu corpo.

Vê-lo se mover sobre mim,

dentro de mim, segurando-se para não me machucar, me fez amá-lo ainda mais. Porque era isso que eu sentia pelo Lucas: a *mor.*

**LUCAS**

Zoe choramingou baixinho ao sentir meu dedo percorrer suas costas, sonolenta, ela manteve seus olhos

fechados,

deixando-me

acariciá-la. Eu conhecia a peça, sabia que dentro de poucos minutos ela estaria dormindo.

Pensativo,

eu

beijei

seu

ombro, afastando os fios grudados em sua pele morna. O que havíamos acabado

de

fazer

fora

tão

inesperado. Nunca imaginei que minha freirinha seria tão receptiva e que gostaria tanto assim de...

sexo. *Eu*, nunca imaginei que gostaria, droga! Não com ela.

Sem vontade de soltá-la, eu a apertei um pouco mais em meus braços, afundando meu rosto em seu pescoço. Eu queria dormir com o cheiro dela em minha pele, com o gosto...

com

ela

em

meu

pensamento.

Eu estava certo quando pensei

que Zoe seria uma boa distração.

Mas sendo sincero, comigo e com o que eu sentia agora, ela tinha sido muito mais do que isso.

**15**

**LUCAS**

**Acordei com a sensação de que era** observado, o que se confirmou ao abrir meus olhos e me deparar com Zoe olhando-me

fixamente.

Poderia

ter

sido

assustador, se ela não fosse tão fofa. Animada por me ver desperto, ela montou o meu quadril e me beijou.

Não foi um beijo casto, de uma garota que havia perdido a virgindade há poucas horas. Longe

disso. Meu corpo reagiu ao seu repentino ataque, mas antes que fossemos em frente eu a segurei e a fiz me olhar. Zoe deveria estar sensível ainda e a última coisa que desejava era machucá-la.

— Bom dia — murmurou

baixinho.

— Bom dia, freirinha —

respondi, acariciando seu rosto. —

Como você está essa manhã?

— Feliz, e você?

— Eu também estou feliz — E

essa era a verdade, só de vê-la tão perto, nua, eu posso dizer que

estava feliz. *Como há muito tempo eu não ficava.*

— Nós... será que nós

podemos fazer de novo? —

perguntou tímida. Ainda montada sobre mim.

— Você está dolorida? —

sacudiu a cabeça rapidamente, cruzando os dedos para dar mais ênfase.

— Então eu acho que não tem problema... se nós fizemos de novo.

— Apertei seu quadril, atiçando-a.

— Eu só não quero que force demais e se machuque, ok? Não há

pressa.

— Se doer eu te falo, prometo

— garantiu, beijando-me logo em seguida com toda sua ansiedade.

Arrastando-me para um lugar que se tornou o meu refúgio.

Longe de tudo, longe de

qualquer outro pensamento. Dentro da Zoe, o mundo inteiro deixava de existir.

*E cacete, se eu não gostava dessa sensação!*

~

Eram quase onze horas da

manhã quando levantamos da cama naquele dia. Depois de transarmos, de novo, Zoe e eu acabamos voltando a dormir. E como era fim de semana, eu não precisei me preocupar com qualquer outro compromisso. Meu telefone vibrou

insistentemente na cabeceira da cama, e por vezes eu quase o atendi. Mas decidi que ainda não estava pronto para encarar meus problemas. Lia, Bianca... Diego. Eu não queria ter que lidar com nenhum deles no momento. Não com Zoe em minha cama.

Deixando minha freirinha no

banho, eu me afastei e me dirigi até a cozinha. Martha costumava deixar sempre algo pronto para que pudesse esquentar aos finais de semana e esse era o caso. Eu estava faminto, precisando colocar algo no estômago e tinha certeza que a garota nua em meu chuveiro pensava o mesmo.

Com o telefone em meu bolso,

eu coloquei dois pedaços de lasanha para esquentar, e separei uma *long neck* para que pudesse beber, e a coca cola de cereja que Zoe fazia questão de que comprasse para ela. Merda, bastava abrir a

maldita geladeira para ver o quanto Zoe havia se infiltrado em minha vida. Tirando todas as suas latas que ninguém mais podia tocar, havia

também

todos

aqueles

chocolates e porcarias que qualquer criança parecia gostar.

Eu não me importava, não a queria passando necessidade na minha casa. E gostava ainda menos de saber que minha freirinha cresceu sem nada disso em sua vida. Que por causa do abandono de seus pais ela fora privada de coisas que qualquer criança normal tinha acesso.

— Droga de telefone! —

esbravejei ao ver que meu telefone voltava a vibrar, agora em meu bolso.

A imagem da Lia, abraçada ao

Brian, piscou no visor e eu hesitei antes de recolocá-lo no meu bolso.

Pensar nela, na merda que havia acontecido na noite anterior me fazia perder as estribeiras. Eu acabava sempre ficando de mal humor, descontando minha raiva na Zoe... e agora eu entendia que minha

pequena

freirinha

não

merecia essa porcaria.

**ZOE**

*Dois dias depois*

— Tem certeza que a

senhora não quer subir? —

perguntei a avó do Lucas.

Eu havia sido convidada a

tomar chá na sua casa essa tarde, junto com duas outras amigas dela.

A Sra. Baker era tão engraçada, tão gentil que eu meio que já a amava.

Se eu pudesse ter escolhido meus parentes, ela com certeza levaria a posto de minha avó. Fora que, ao contrário do que imaginei, o chá da tarde em sua casa era mais

divertido do que ficar em casa assistindo TV e esperando pelo Lucas.

—

Tenho

sim

minha

querida, deixe para uma próxima oportunidade. Eu estive com meu neto ontem e já o avisei que nesse domingo os espero lá em casa.

Despedi-me

dela

com

carinho e saí, vendo o elegante carro preto se afastar. Ansiosa para ver o Lucas, eu entrei apressada no edifício e aguardei pelo elevador.

A essa hora ele já estava em casa, pensei comigo mesma.

Enquanto

aguardava,

comecei a pensar na consulta que teria amanhã com o Dr. Richard.

Era impossível não sentir um friozinho

na

barriga

ante

a

perspectiva de ser liberada por ele.

Essa manhã tinha acontecido a minha última sessão de fisioterapia para o meu desespero e o da Martha, que me viu chorar por horas a fio. Acho até mesmo que foi ela quem telefonou para a senhora Baker e relatou a bagunça em que eu fiquei após o fim da sessão.

Entrando no elevador, eu me

olhei por alguns segundos no

espelho que ficava ao fundo. Por sorte ele estava vazio e eu tive um pouco de privacidade. Meu cabelo rosa estava solto e revolto, os cachos

rosas

ondulados

e

espalhados pelas minhas costas.

Meus olhos ainda estavam um pouco vermelhos por conta de todo o choro de mais cedo, mas eu tinha esperança que Lucas não iria notar.

Assim que as portas se

abriram, eu peguei o corredor e estranhei

ver

a

porta

do

apartamento aberta. Voltando a guardar as chaves que Lucas me deu na bolsa eu espiei quietinha

antes de entrar, e congelei ao ver a cena que encontrei.

Lucas

e

Lia

estavam

conversando, ou discutindo, eu não saberia dizer, no meio da sala. As mãos dele se encontravam ao redor dos braços finos dela enquanto Lia sacudia a cabeça, chorando.

— Não faça isso, Lia. Não chegue aqui e bagunce a minha cabeça, merda!

— Eu só preciso saber o

que ela significa para você, Luc, por favor... — Eu a escutei dizer, meu coração quase saltando pela

boca. Nenhum dos dois parecia ciente da minha presença, *ainda.*

— Que diferença isso iria

fazer? Você já não escolheu o Diego? — Ela voltou a sacudir a cabeça, negando.

— Eu não escolhi ninguém!

Tudo o que eu te pedi foi um tempo, Lucas! A porcaria de um tempo, e o que você faz?

— Você tem dormido com

ele, Lia. Afastou o Brian de mim porque o filho da puta pediu, não venha agora e me diga que não fez a sua escolha...

— Mas eu não fiz! Eu juro!

— Eu não acredito em você.

— Luc... Deixe-me decidir,

não

tome

nenhuma

atitude

precipitada, não dê esperanças aquela garota quando no fundo nós dois sabemos que você me ama.

Isso não é justo. — Lucas não desmentiu, ele apenas se afastou, sem tirar os olhos dela enquanto eu abafava o meu grito com a palma da mão.

— Isso não é justo com

quem, Lia? Com ela ou com você?

— Ele se virou.

— Com nós duas!

— Eu duvido que você

esteja preocupada com a Zoe — ele retrucou.

— E você está? — Ela

gritou de volta. — Enganando-a da maneira como vem fazendo? Eu aposto que a coitada já até mesmo te ama, Lucas, e você está permitindo que ela acredite que é reciproco. Quando a verdade é que não é!

Lucas a encarou, dando um

passo firme em sua direção. Os dois estavam tão nervosos que nada

ao redor parecia existir. Sem saber se

continuava

a

escutar,

se

conseguiria suportar mais de todas essas coisas que estava ouvindo, eu comecei a recuar. Torcendo para não fazer nenhum barulho que fosse.

— O que você quer de mim,

Lia? Qual o proposito dessa visita, realmente?

— Eu só quero que você

pare de enganar aquela garota.

Quero que me dê um tempo... que me deixe pensar.

— Traga suas coisas de

volta.

*Como?* Senti meu corpo bambear.

— O que? — Lia perguntou,

tão perplexa quanto eu mesma estava.

— Traga tudo que é seu de volta para esse apartamento. Volte a morar comigo. Tome essa decisão agora...

Eu não sei como consegui

ficar de pé, mas eu fiz. Meus olhos, já vermelhos, agora não faziam qualquer força para impedir que as lágrimas descessem. Eu estava em choque.

Lucas tinha... ele tinha realmente pedido para que ela voltasse para ele?

E todas as noites que

passamos juntos? E todos os beijos? Ele disse que gostava dos meus beijos, o idiota disse que gostava de tudo em mim!

*Então... por que fazer isso comigo?*

**LUCAS**

— Traga tudo que é seu de volta para esse apartamento. Volte a

morar comigo. Tome essa decisão agora... — Eu sabia que ela iria dizer *não*. Que recuaria.

Tudo o que eu queria da

Lia, era escutá-la dizer que *sim.*

Mas eu sabia que isso não iria acontecer. E por isso mesmo eu a empurrei. Lia não tinha o direito de aparecer aqui na merda do meu apartamento, exigir que eu ficasse sozinho, jogar na minha cara o que eu sentia por ela, e ainda assim, não ser capaz de ficar comigo.

— Eu não posso fazer isso,

Lucas.

— Eu sei — murmurei decepcionado, e olhei na direção do barulho que nós dois escutamos.

Só para encontrar uma Zoe nos olhando apavorada.

— Zoe... — Eu a chamei,

mas foi inútil.

Ela apenas deu as costas ao

que havia acabado de acontecer aqui e saiu do apartamento.

*Droga!*

**ZOE**

Afundei meu rosto entre as

pernas, encolhida na escada de incêndio. A imagem, todas aquelas palavras... nada disso saía da minha cabeça. Era como se ficassem repassando

e

repassando,

deixando-me exausta. Em mil pedacinhos. Desde que conheci o Lucas eu vivia presa a uma montanha de emoções, ele era, hora frio, hora quente. Eu demorei a entender, a me adaptar com ele e o seu estranho humor. Infelizmente, nada disso impediu que eu me apaixonasse pelo idiota.

Um gemido escapou do

fundo de minha garganta ao

relembrar a conversa, doía tanto saber que Lucas ainda a queria.

Estar comigo, fazer aquilo comigo não significava nada para ele. Ele ainda a amava.

*E agora?*

Eu havia me entregado para

o homem que acreditei ser o único.

A ideia de estar errada... de ter me precipitado me feria tão ou mais do que

a

verdade.

Os

soluços

escapando de dentro de mim tornaram-se

mais

altos,

mais

dramáticos. Meu coração tinha sido pisoteado, mas a dor se espalhava por todo o meu corpo. Era como um

vírus, corroendo cada espaço interno.

Recusei-me a levantar o

rosto ao escutar a porta da escada de incêndio sendo aberta. Surpresa por ter sido encontrada tão rápido.

Um vulto se sentou ao meu lado, e tudo o que consegui ver foram

as

botas

pesadas

de

motoqueiro que tanto gostava.

Prendi a respiração, chorando ainda mais por estar tão próxima dele.

— Zoe...

— Você não tem que

explicar nada. — disse com orgulho, tentando ser forte.

Eu posso ter agido feito uma

boba e acreditado que merecia ser amada. Que *podia* ser amada. Mas eu não queria escutar as mentiras dele. Lia falou com todas as letras que eu estava sendo enganada, Lucas nunca a desmentiu, tudo o que vivemos foi... foi uma mentira.

— Mas eu quero explicar.

— Ergui meu rosto, o encarando ao meu lado.

— Mas eu não quero ouvir!

— Levantei-me indignada. —

Você... você é um idiota da pior espécie! Mentiu para mim! Me enganou!

Deixou-me

acreditar

que... que gostava de mim quando a verdade é que você ama outra pessoa. Nós fizemos amor, Lucas.

— Pelo menos era isso que acreditei estarmos fazendo. Mesmo sem ver, eu sabia que tinha ficado vermelha. Não só pela raiva que sentia, mas também pela vergonha.

Eu confiei tanto nele, o deixei me ver nua, o deixei me tocar. — Eu nunca vou perdoá-lo por aceitar algo de mim que eu.... que eu queria entregar ao homem da minha vida.

Eu pensei que fosse você. Que você

me salvaria, que faria tudo por mim como o Gideon fez pela Eva. Mas você não é o meu Gideon! — Eu não percebi que dava socos em seu peito, até que ele segurou meu pulso. — Você é o vilão, Lucas.

Não o mocinho.

Não sei como consegui me

soltar, mas quando o fiz eu lhe dei as costas e corri para dentro do apartamento.

Trancando-me

no

quarto de hóspedes.

**LUCAS**

Andei de um lado ao outro em frente ao quarto onde Zoe havia se trancado há quase uma hora.

Agindo feito um covarde, pensando no que deveria dizer para me redimir.

Como

explicar

o

inexplicável?

Eu

não

queria

machucá-la,

sabia

que

minha

freirinha não merecia essa merda.

*Mas eu estava confuso!*

Fazer

sexo

com

ela

bagunçou tudo de uma maneira que eu não podia sequer explicar.

Exausto, física e emocionalmente, eu apoiei a testa contra a porta enquanto pensava. Eu não podia

continuar hesitando, eu precisava entrar nesse quarto e dizer a ela toda a verdade. Eu havia, *sim*, dado um ultimato a Lia, esperando lá no fundo que ela

aceitasse, que voltasse para nossa casa, para a minha vida. Mas era tudo isso, uma esperança que eu sabia que não seria concretizada.

Eu

pressionei

Lia,

já

sabendo que ela iria recuar Que não voltaria para mim.

Admitir isso, que eu a tinha

perdido de vez, não chegava perto da

dor

que

sentia

por

ter

decepcionado a Zoe.

Decidido, abri a porta.

Parando no marco ao me deparar com Zoe sentada no chão, o olhar perdido como se não estivesse presente. Aproximei-me devagar, não

querendo

assustá-la

e

permaneci de pé na sua frente. As mãos dentro do bolso da calça jeans, e o rosto

fixado nela.

Zoe não se moveu, ela tinha

os braços em volta das pernas, a mesma posição em que estava na escada de incêndio, e os olhos vidrados no nada.

— Vamos conversar, Zoe —

disse, ajoelhando-me e tocando seu

joelho. — Olhe para mim, freirinha.

Se você me escutar, eu tenho certeza que irá entender...

— O que há para ser

entendido? Eu não significo nada para você. — Abri a boca, procurando pelas palavras certas.

— Você significa, e eu me importo com você.

— Se importa, mas não me

ama! — respondeu, fazendo aquela carinha brava que a deixava linda.

— Eu sei que o que você

escutou te machucou, sei que foi horrível, mas eu precisava dizer

aquelas

palavras,

entende?

Precisava dar uma última chance a Lia... — Zoe finalmente me fitou, cerrando os olhos vermelhos.

Havia dor neles, uma dor que eu odiava ter colocado neles. — Eu sabia que ela iria dizer não, Zoe, eu juro.

— E se ela não tivesse

dito? Você teria me deixado, e aí?

Como pode tratar o que sinto de forma tão leviana? Você diz que se importa comigo, mas o que eu vi naquela sala, Lucas. O que eu escutei... aquilo não se parece com palavras de alguém que se importa.

Se Lia tivesse dito *sim*, se ela quisesse voltar, o que seria de mim? Você me abandonaria, não é?

Me arrancaria da sua vida sem pensar duas vezes...

— Zoe, eu nunca... — Ela

não estava me dando chance de falar.

— Eu deveria saber que não

posso confiar em ninguém. Eu sou a tonta aqui! — falou revoltada, de uma maneira tão gelada que eu nunca havia sentido antes. Não dela, pelo menos. — Você teria feito o mesmo que os meus pais fizeram há 18 anos, o mesmo que as

irmãs fizeram ao me mandarem seguir o meu caminho... Todos me abandonam, Lucas. Todos! Você não será o primeiro e tenho certeza que não será o último.

— Não diz isso! — Eu a

puxei, querendo acalmá-la. Zoe tremia de raiva, e partia meu coração vê-la assim.

— Eu, eu achei que você

fosse o meu *para sempre*. — Ela tentou se desvencilhar dos meus braços, mas sua relutância só serviu para que eu a apertasse mais. —

Mas você não é! E eu te odeio por isso! Odeio que tenha me deixado

acreditar na gente... odeio que tenha me beijado... que tenha... feito *aquilo* comigo.

Eu a mantive em meus

braços, recusando-me a deixá-la se mover. Zoe chorou, chorou tanto que eu comecei a ficar seriamente preocupado com ela. Eu nunca a tinha visto assim. Nunca a vi tão desesperada.

Eu queria arrancar essa

merda de dor de dentro dela.

Merda, se eu pudesse eu gostaria de apagar o dia de hoje. De voltar para o momento em que acordei essa manhã com Zoe ao meu lado e

dizer o quanto eu me importava com ela. O quanto ela significava para mim. Porque eu sabia que nada do que eu dissesse agora seria creditado.

— Olhe para mim, Zoe —

pedi, erguendo o seu queixo duro.

— Pare de teimosia e me olhe. —

Ela cedeu e se virou. — Me desculpe, tudo o que eu disse... foi tudo um...

Eu a senti enrijecer, assim que meu telefone começou a tocar.

Eu o silenciei não querendo ser incomodado e o deixei ao meu lado, não sem antes ver a imagem

da Lia no visor.

Quando voltei a fitar o rosto

de Zoe, ela tinha voltado a se distanciar de mim. Sua mente estava em outro lugar, de novo.

— Foi tudo um erro, Zoe.

Eu estava nervoso, irritado porque Lia se achou no direito de aparecer depois de tudo... — Quando o telefone voltou a tocar, dessa vez, apenas vibrando, Zoe não suportou e o pegou.

— Atenda!

—

Nós

estamos

conversando, eu não vou atender.

— O maldito celular continuou a vibrar nos poucos instantes em que Zoe e eu nos encaramos.

— Eu não quero mais

conversar, eu quero que você atenda. Talvez Lia tenha mudado de ideia...

—

disse

conformada,

afastando-se de mim e empurrando o celular na minha direção para que eu o pegasse.

**ZOE**

Fitei

o

corredor,

meu

coração batendo apertado. Eu não

consegui ficar por perto para escutar Lucas e Lia conversando ao telefone. Eu só conseguia pensar no quão irritante era o fato dela não liberá-lo. De ficar ao redor, de mantê-lo preso em suas garras mesmo que estivesse com outro.

Lembro até agora o olhar de

decepção que foi para o Lucas vê-

la com aquele homem na festa da Bianca. Eu lembro, e penso na idiota que era por ignorar o maior sinal de todos os tempos. Neguei-me a considerar a decepção dele, fingi que estava tudo bem por que ele me beijou em seguida, mas

agora eu vejo que tudo foi impensado. Lucas me beijou, não para mostrar que eu fazia parte de sua vida, e sim porque estava com ciúmes.

Prendi

a

respiração,

apreensiva ao vê-lo cruzar o corredor,

deparando-se

comigo

encostada no sofá. Meu olhar caiu para o capacete que ele segurava em sua mão, e logo depois, para as chaves que ele tinha na outra.

*Eu não podia acreditar*

*nisso...*

— O Brian sofreu um

acidente. Acredito que tenha caído do balcão... eu não sei, a Lia está desesperada, não falava coisa com coisa e eu preciso...

— É claro — murmurei

ressentida. — Você precisa estar com ela. — Eu estava preocupada com o Brian, o menino era um amor, mas... Por que ela havia telefonado para o Lucas ao invés do pai dele?

Lia

vinha

fazendo

o

possível para manter Brian afastado do Lucas, e agora, de repente...

— Eu ligo assim que tiver

notícias, tudo bem? — falou indeciso, como se não quisesse me deixar, mas tivesse que fazê-lo.

Assenti de forma mecânica,

pensando em tudo o que estava prestes a perder. Em tudo que deixaria para trás assim que Lucas saísse desse apartamento. Eu já estava decidida, o telefonema fora apenas um empurrãozinho para que eu fizesse o que era certo.

E o certo, seria deixar

Lucas livre para tomar a decisão que quisesse.

Assim que me vi sozinha, eu

segui até o quarto e comecei a colocar todas as minhas roupas velhas dentro de uma mochila.

Deixei tudo o que havia ganhado nos cabides, eu não queria qualquer lembrança dessa casa, do que Lucas e eu vivemos... eu não queria lembranças dele.

*Como*

*se*

*isso*

*fosse*

*possível, sua boba. Você o ama, se entregou a ele... Fez o que a irmã Joaquina tanto te alertou a não fazer.*

Enquanto recolhia tudo, as

lágrimas começaram a inundar meu rosto. Eu parecia um baiacu

vermelho de tão inchado que meu rosto estava no momento. *Aposto!*

Insegura, se deveria ou não deixar algum recado para o Lucas, eu me decidi por escrever apenas uma carta para a Martha. Eu sentiria tanto a falta dela que meu coração já estava apertado.

Após

escrever,

pedindo

para que ela não se preocupasse e agradecendo por todo o carinho que teve comigo, eu dobrei a folha e deixei na bancada da cozinha para que pudesse ver assim que chegasse ao apartamento amanhã. Olhei com pesar

todos

os

cômodos,

despedindo-me enquanto chorava.

Eu não queria ir embora. Eu

nunca antes, me senti tão em casa, como me senti aqui. E agora eu simplesmente não podia mais ficar.

Nada aqui era meu, nem mesmo o Lucas *era meu.*

Não sei quanto tempo eu

permaneci

sentada

na

sala,

pensando no que fazer. Encarei por vários instantes o celular em minhas mãos, escrevi e apaguei milhares de vezes a mensagem que queria enviar para o Lucas.

E no fim, eu acabei desistindo até

mesmo dessa ideia.

**16**

**LUCAS**

**Era madrugada quando**

**voltei ao** apartamento, Lia e eu havíamos passado as últimas horas sentados na recepção do hospital à espera de notícias acerca do estado do Brian. Ele fora colocado de repouso absoluto por causa do trauma na cabeça, o que a deixou desesperada.

Conforme as horas iam

passando, os pais dela, assim como

a Bianca, se juntaram a gente. Eu permaneci ao seu lado pelo tempo que foi necessário, já que Lia fez questão que eu ficasse. O que era compreensível porque ela estava desconsolada. Perguntei-me sobre o motivo de ter sido chamado, ao invés do Diego, e descobri horas depois, quando ela finalmente telefonou para ele, que o único motivo pelo qual eu havia recebido sua ligação era por que o infeliz estava fora da cidade, preparando-se para seu próximo jogo.

Odiei Lia por isso. Por

continuar a agir como se a merda

acontecida horas antes não tivesse qualquer importância. A única razão de não ter descontado nela a minha raiva, foi por que eu também estava preocupado

com o meu garotão. Além disso, aquele não era o momento.

Cansado, larguei o capacete

no aparador da entrada, e deixei as chaves sobre a mesa ao lado do sofá. Deparando-me para a minha surpresa, com o celular de Zoe jogado sobre o estofado. Minha primeira reação foi pegá-lo com intuito de entregá-la, mas sabia que acabaria por acordá-la e eu não

queria isso. Apesar da vontade que sentia de ir até ela e me deixar ao seu lado, eu iria respeitar seu espaço. Pelo menos por essa noite.

Então, ao invés de ir até ela

como desejava, eu entrei em meu quarto, arranquei as botas, a camisa e os jeans, e me joguei sobre a cama. Querendo apenas dormir por algumas horas antes de ter que me levantar e resolver toda a merda que fiz no dia anterior.

~

— O que você aprontou

dessa vez, Sr. Baker? — Escutei a

voz da Martha resmungando ao longe. Atrapalhando a porcaria do meu sono. Como ela nunca me chamava assim, isso acabou por ser motivo suficiente para entreabrir meus olhos e fitá-la.

Deparei com uma Martha

com expressão furiosa encarando-me fixamente, e em seguida verifiquei o relógio.

— Que merda aconteceu

para você me acordar, mulher? Eu passei a noite em claro, cheguei era madrugada...

— Então foi por isso que a

menina foi embora? — Embora? De quem ela estava falando?

—

Quem

foi

embora,

Martha? — perguntei, levantando-me ainda um pouco tonto. Eu havia capotado assim que meu corpo bateu na cama.

—

A

Zoe,

seu

irresponsável! Ela deixou essa carta na cozinha, as coisas dela não estão no quarto e a cama está vazia...

Isso só poderia se tratar de alguma brincadeira dessas duas.

Não tinha outra explicação! Zoe

nunca iria embora sem avisar, não é?

— Eu não acredito em você.

— Peguei a carta da mão dela e me dirigi até o quarto, de boxer mesmo. Martha era como uma mãe para mim. Eu não tinha qualquer vergonha que ela me visse dessa maneira.

Cheguei ao quarto e fiquei sem reação ao encontrar a cama intocada. Forcei-me a olhar o closet, ficando, quase aliviado ao ver que tudo estava ali. Tudo, cada roupa que eu havia dado a ela de presente, inclusive seus livros... eu

não entendia.

— Está tudo aqui, Marta,

você ficou louca?

— Sim, ela deixou tudo o

que *você deu* a ela. Mas levou tudo que era dela. Aquelas roupas velhas que eu pedi mil vezes para que jogasse fora e ela...

— Ela nunca jogou. — Era

como

se

estivesse

apenas

esperando o momento para voltar a usá-las, pensei desnorteado.

Confuso, e em busca de

alguma pista, eu abri o papel dobrado e comecei a ler.

*Martha, me desculpe por ir embora assim. Agradeço por tudo o que fez por mim, você foi a mãe que eu nunca tive. Ah, por favor, não brigue com o Lucas, ele não teve culpa. A gente não escolhe a quem amar, não é? E Martha, ele não me ama. Espero que entenda os meus motivos, e mais ainda, espero que continue a cuidar dele.*

*Não o deixe fazer besteiras, e o convença a vender aquela moto antes que ele acabe se matando, ok?*

*Fique com Deus, Ass: Zoe.*

— Está vendo a merda que você fez dessa vez, menino? — Eu não percebi que Martha tinha me seguido até o momento em que ela falou.

Engoli o bolo que se formou

em minha garganta e a encarei. Zoe realmente havia ido embora. *Me deixado.*

— Nós temos que encontrá-

la — Martha falou e eu apenas assenti. Era tudo o que eu pude fazer enquanto assimilava o que tinha acontecido de ontem para hoje.

Nas

consequências

que

minha imprudência causou.

Olhei ao redor, sentindo-me

oco, paralisado. Zoe havia partido, saído sem me deixar com qualquer informação. Ela poderia estar agora mesmo precisando de mim e eu não saberia...

Um nó se formou em minha

garganta, e eu engoli em seco, ciente de que a culpa por estar com essa dor no peito agora mesmo era toda minha.

~

Os dias foram se passando e eu continuei na mesma. Sem qualquer notícia, ou pista, de Zoe.

O que me deixava à beira da loucura. O antigo condômino dela não sabia nada a respeito do seu paradeiro, seu ex-chefe não a tinha visto desde a demissão, e disse dar graças a Deus por isso, porque a coisinha pequena só havia lhe dado prejuízo.

Deixei todos loucos por

conta da minha própria burrice.

Minha indecisão. Minha avó estava preocupada,

Bianca

estava

preocupada. E eu, bem eu estava

perdendo a cabeça. Todas as noites eu

refazia

os

últimos

acontecimentos, refazia o instante em que passei por ela no corredor do apartamento e disse que precisava ir socorrer a Lia e o Brian. Seu último olhar, suas últimas palavras.

*Nosso último beijo.*

Como eu desejava poder

voltar e fazer tudo diferente. Ter uma segunda chance de mostrar a freirinha a importância que ela tinha na minha vida .

**ZOE**

Adiantei meu passo na

calçada

e

entrei

no

abrigo,

praticamente, correndo. Eu havia passado o dia inteiro a procura de um

emprego.

Mas

a

única

experiência que tive até hoje não serviu de muita ajuda na hora de dar referências. Quero dizer, quem me contrataria sabendo que eu costumava morder e agredir os clientes que mexiam comigo?

Entrei em contato com a

Irmã

Joaquina,

que

pareceu

preocupada com minha situação.

Tentei soar mais tranquila do que verdadeiramente estava, e ela me garantiu que telefonaria em breve para o abrigo com alguma solução para o meu problema de falta de casa e trabalho. Bom, já haviam se passado dois dias desde a nossa conversa e eu ainda não havia escutado nenhuma palavra dela.

Senhor, como eu odiava

esse lugar. Todas essas pessoas sem lares, sem família. Eu tinha tanto medo de nunca conseguir sair daqui. De viver dessa maneira...

sozinha. Sem qualquer proteção ou amor. Engoli as lágrimas enquanto

passava pelos corredores mal iluminados e dei graças a Deus por encontrar a mesma cama da noite anterior vazia.

Era horrível essa falta de privacidade, essa incerteza de dormir e acordar, podendo perder tudo. Minha mochila vivia agarrada comigo, e eu olhava feio a cada vez que alguém se aproximava de mim aqui dentro.

Exausta, por ter andado o

dia inteiro, eu encolhi-me na cama e fitei a parede úmida. Foi impossível controlar a tristeza que se abateu sobre mim. Eu odiava a

solidão. Fechei os olhos, ainda agarrada a minha mochila e rezei, pedindo a Deus para me tirar desse lugar antes que eu enlouquecesse.

**LUCAS**

Observei

minha

avó

atravessar a elegante cafeteria para o qual ela havia me convidado.

Confesso que não aguentava mais todas as perguntas que todos vinham fazendo a respeito da Zoe.

Falar sobre minha freirinha trazia à tona a culpa e as lembranças. Cada

uma delas, tanto as boas quanto as ruins.

Em silêncio, minha avó

sentou-se e empurrou o pequeno bilhete na minha direção. Analisei o papel, que continha um endereço e voltei a encará-la.

— Do que se trata isso? —

Eu não estava com paciência para jogos, ou mistérios de qualquer natureza.

— Você a quer de volta?

Por que se realmente quiser, querido, eu acho melhor que saia dessa cafeteria agora e vá dar um

jeito na bagunça que fez. Peça desculpas,

compre-lhe

flores,

ajoelhe-se, faça o que for possível.

Mas traga Zoe de volta para as nossas vidas.

As palavras de minha avó

podem ter parecido duras em um primeiro momento, mas o sorriso que

me

dirigiu

foi

terno,

incentivando-me

a

levantar

e

consertar o que eu havia estragado.

**17**

**ZOE**

**— A Madre Superiora e**

**eu** conversamos essa manhã minha querida, não é muito o que podemos te oferecer, mas se você aceitar...

— Irmã Joaquina disse que se eu estivesse disposta poderia voltar e ajudá-las nos afazeres rotineiros do internato. Manter os quartos das meninas

limpos,

auxiliar

na

cozinha.

— Eu, eu não me importo

Irmã — menti, não pelo trabalho e

oportunidade que elas estavam me oferecendo, mas sim por ter que voltar para o lugar em que passei toda a minha vida.

Quando cheguei a Nova

Iorque, alguns meses atrás, eu tinha tantas expetativas. Achei até que conseguiria construir um lar aqui para mim. Que seria fácil.

— Bem, então nós a

esperamos em breve, tudo bem?

Concordei agradecida e

desliguei o telefone do abrigo. A passagem de ônibus para o Texas estava marcada para as 22h desta

noite, e eu havia comprado com o último dinheiro que tinha no bolso.

Essa era minha única chance.

Seguindo pelo corredor e

pegando as escadas, eu cheguei ao primeiro andar, dando-me com todas aquelas pessoas perdidas que iam e vinham. Ainda não era nem 18h e eu precisaria ficar por aqui por mais algum tempo.

Sabendo que dentro do

abrigo era tão perigoso quanto lá fora, eu comecei a sentir que precisava de ar. E aqui, com todas essas

pessoas

olhando-me

atravessado e espreitando em minha

direção, eu não me achava capaz de tal proeza.

Apertando as alças da

mochila em meus ombros, eu saí do abrigo, prometendo a mim mesma que seria apenas por alguns minutos. Desviando-me de alguns homens esquisitos eu cheguei até a calçada

e

ergui

meu

olhar.

Deparando-me, primeiro com as botas que conhecia tão bem, depois com o jeans caro, e por último, com o rosto que vinha atormentando-me por todos esses dias.

*Senhor, como eu havia*

*sentido falta dele.* Minha primeira

reação foi ir em sua direção, mas conforme

aproximava-me

as

lembranças ressurgiam como uma avalanche de emoções.

Hesitei, ao chegar próxima

dele e de sua moto. Lucas continuou a

me

fitar,

fazendo-me

desconfortável, para não dizer apreensiva. Ele parecia zangado.

Muito zangado.

— Eu não acredito que você

deixou meu apartamento para se esconder aqui. Você por acaso perdeu o maldito juízo, Zoe? —

Permaneci em silêncio. — Tem ideia do quanto esses abrigos são

perigosos, garota? — Ele deu alguns passos, cortando o pouco do espaço que existia entre nós dois.

— Eu fiquei preocupado, todos nós ficamos... por que você saiu assim, freirinha? Por que não me esperou?

Lucas parecia realmente

preocupado, e eu me perguntei se poderia ser culpa o que ele estava sentindo. Culpa por me enganar, por me deixar e ir atrás da Lia...

*Não seja idiota, Zoe! Ele só foi atrás dela por causa do Brian!*

A vozinha impertinente sussurrou dentro da minha cabeça. *Não seja idiota, você consciência! Ele teria*

*nos deixado independente do Brian ter ou não se machucado.*

*Ele não nos ama!*

— Como Brian está? — Foi

tudo o que consegui perguntar.

— Está bem, ele... ele caiu enquanto tentava subir na bancada da cozinha, acredita? Lia ficou desesperada por que ele bateu a cabeça, o corte foi grande... Mas ele está bem, Zoe. Foi tudo um maldito susto.

— Eu fico aliviada. — E

ficava mesmo, Brian não tinha culpa se a mãe dele estava usando

Lucas. Por que era isso que ela vinha fazendo, não é mesmo?

Eu levei todos esses dias

para perceber que o comportamento dela não passava de insegurança, ela queria tomar uma decisão, mas tinha medo. Medo de errar em sua escolha. Quem não teria?

Eu estava chateada com ela,

é claro. A culpava pela minha infelicidade. A culpava por ter o amor do homem que eu amava. Do homem que pensei ser o meu *para sempre*. Mas não conseguia sentir raiva, ou ser capaz de desejar-lhe mal. Eu não era assim.

Como se soubesse o que passava por minha cabeça, Lucas tocou meu braço com carinho.

Fitando-me tão intensamente que me fez ter vontade de esquecer tudo.

— Volte para o apartamento

comigo, Zoe.

— Eu vou voltar para o

Texas.

Nós dissemos ao mesmo

tempo, encarando-nos fixamente.

— Não — murmurou, sem

acreditar.

— A irmã Joaquina me

ofereceu um quartinho no internato e um emprego. Não é muito, mas...

— Não acha que se a irmã Joaquina, ou qualquer uma daquelas freiras, te quisessem por perto elas não teriam oferecido antes de você pegar aquele ônibus e vir parar aqui em Nova Iorque, Zoe?

Eu sabia que a proposta da irmã

Joaquina

e

da

Madre

Superiora era motivada pelas circunstancias, mas pelo menos elas sempre cuidaram de mim. Mesmo quando

não

precisaram.

Elas

poderiam ter me entregado a algum orfanato qualquer, ao invés de me

criarem com elas e permitir que eu tivesse aulas com as garotas ricas daquele lugar. Mas elas não fizeram isso.

E agora, que eu tinha

acabado de cometer o maior dos pecados

e

ter

meu

coração

quebrado... as irmãs tinham sido as primeiras a estenderem a mão para mim.

— Eu não me importo.

— Mas deveria, Zoe —

disse entredentes, como se não aceitasse. — Você tem tanto o que conhecer ainda... tem um mundo de

oportunidades aqui fora.

— Cinco meses, Lucas. Eu

estou aqui fora há cinco meses e já tive meu coração quebrado. Perdi meu emprego, fui atropelada... Você estava certo, eu sou uma ingênua.

Não sei lidar com o mundo real.

— Eu estava errado.

— Não estava não —

resmunguei

teimosa,

fazendo-o

perder a compostura e me puxar direto para os seus braços.

Aturdida, eu fechei os olhos

por um instante. Sentindo tudo. Seu cheiro, o corpo... o hálito gostoso.

Quando voltei a abri-los, fui pega pela visão que era a sua boca. Eu juro que

podia até mesmo sentir o seu gosto. Balançando a cabeça, eu me forcei a olhar para os seus olhos. Eles eram mais seguros que sua boca.

Olhar sua boca me fazia ter

vontade de beijá-lo. E que Deus me perdoe, mas se eu o beijasse, eu não seria capaz de parar. Eu sentia isso.

— Martha sente a sua falta,

Zoe. Minha avó está louca de preocupação, assim como a Bianca e o Leonardo.
— E ele? O que

Lucas sentia? Minha falta, ou apenas preocupação com meu bem-estar?

Será que ele passou as

últimas noites revirando a cama, como eu fiz aqui nesse abrigo? Será que ele chorou... será que seu coração doeu?

— Eu dei a palavra a irmã Joaquina que a veria em breve.

Você não precisa mais se preocupar comigo, Lucas. Eu não sou mais um fardo em sua vida — desvencilhei-me, desejando, bem lá no fundo, que ele apenas me abraçasse com força e não soltasse nunca mais.

Sacudindo a cabeça, Lucas pareceu inseguro. E juro que nunca o vi assim.

— Você nunca foi um fardo.

— E nós dois sabemos que

isso é uma mentira — disse decepcionada. — Você não me suportava no início, Lucas. Não via hora de se ver livre de mim... das minhas besteiras.

—

Eu

amo

as

suas

besteiras, acho até que amo tudo em você — falou, como se fosse difícil para ele admitir. — Amo acordar e saber que será a primeira pessoa

que verei. Amo suas risadas engraçadas, a maneira como você é gentil com todos, como está sempre ao meu redor. Em minha pele...

— Então por que fez

aquilo? — Eu não conseguia entender, ou melhor, acreditar. Se Lia tivesse aceitado a sua proposta, eu duvidava que Lucas estaria aqui agora. Eu o teria perdido. —

Aquela conversa não sai da minha cabeça, Lucas. Lia poderia ter dito sim. Ela poderia ter ficado com você. E sempre que penso nisso eu me pergunto... o que você teria feito comigo se ela tivesse dito sim?

E era isso que maltratava tanto o meu coração estúpido. *Era por isso que ele, e eu, estávamos em frangalhos.*

— Fique comigo, freirinha.

— Lucas segurou meu braço, vendo que eu recuava cada vez mais. —

Vamos apagar tudo, vamos tentar, só nós dois. Eu juro, que estou arrependido.

— Eu não posso.

— Não pode ou não quer?

— perguntou de maneira definitiva.

— Talvez você tenha percebido que não me ama como disse. Talvez eu

tenha sido apenas uma diversão, não é? Engraçado... — falou ressentido, sem o direito de sentir-se assim. — Eu pareço nunca ser o bastante para as mulheres que passam pela minha vida. De alguma maneira que eu não entendo... eu nunca sou o bastante para fazê-las ficar!

Cortou meu coração ouvi-lo

dizer isso. Eu conhecia a história do Lucas. Sabia da vadia, como ele mesmo se referiu, da sua primeira namorada. Sabia da paixão que ele nutriu por anos pela Bianca, uma paixão que se tornou uma amizade

depois. E sabia desse amor louco que tinha pela Lia.

Era injusto ele me comparar

a todas elas. Eu não o estava trocando ou traindo com ninguém.

Eu estava machucada. Lucas fora o único a colocar em risco o que tínhamos. Se é que tínhamos algo.

Eu nem mesmo sabia.

Vendo que nada me faria

mudar de ideia, Lucas me encarou como uma despedida. Uma que trouxe lágrimas aos meus olhos. Eu o

assisti

balançar

a

cabeça

inconformado, como se estivesse quebrado. O assisti também montar

a sua moto, colocar o capacete e partir, não sem antes me fitar daquele jeito intenso dele.

Uma parte de mim se foi

quando eu o vi desaparecer na esquina.

*Talvez a melhor parte.*

**LUCAS**

Zoe iria voltar para o Texas.

Iria me deixar. E o pior de tudo, era a consciência de que se eu não tivesse procurado por ela, se não a tivesse encontrado, eu nem ao

menos saberia do seu paradeiro. Eu iria continuar a caminhar pelas ruas, procurando-a em meio aos rostos, buscando meu pequeno ponto de luz. Por que era isso que Zoe havia se tornado. Um ponto de luz na merda que havia se transformado a minha vida desde que essa confusão começou.

*Por que raios não fui capaz de enxergar isso antes?*

Escancarando a porta do

meu apartamento, eu fiquei, outra vez, surpreso por encontrar Lia sentada, à minha espera. Eu nem ao menos havia tomado as chaves

dela. Ela entrava e saia daqui como se esse lugar ainda a pertencesse. E

eu passei a odiá-la por isso.

— O que você está fazendo

aqui, Lia? — Eu vinha ignorando seus

telefonemas

e

qualquer

tentativa de conversa.

—

Nós

precisamos

conversar, Luc.

Cortei a sala, indo até a cozinha e abrindo a *long neck.*

Minha geladeira estava abastecida delas nos últimos dias. Era uma fraqueza, eu sabia, mas não podia evitar. Olhei todas as coisas de

Zoe, suas latas de coca cereja, os doces que gostava... Eu não havia permitido que Martha jogasse nada fora. Acho que não estava pronto ainda.

Vendo que Lia havia me

seguido, eu recostei contra o balcão e esperei que falasse.

— Bianca me contou que

Zoe foi embora.

Assenti

indiferente,

escondendo a minha dor e o quanto a sua partida me afetava.

— Eu não quis que isso

acontecesse, Luc, eu juro. Eu nem

sequer imaginei que vocês dois pudessem estar tão envolvidos, quero dizer, quando vi vocês dois se beijarem na casa da Bianca eu achei que não tivesse qualquer importância, que fosse apenas para me fazer ciúmes. Você continuava a dizer que me amava, então eu apenas...

— Eu não sei quando deixei

de amar, Lia — disse em voz alta, algo que vinha pensando nos últimos dias.

— O que?

— Eu simplesmente não sei.

Eu continuei repetindo uma e outra vez, continuei esperando você entrar por aquela porta e voltar para nossa casa. Mas em algum ponto entre ver você me deixando e ter Zoe vivendo comigo, em algum ponto eu deixei de te amar.

— Ninguém deixa de amar

de uma hora para outra, Luc!

Qual era o sentido dessa

conversa afinal? Porque era tão importante para a Lia que eu a amasse se ela estava mais do que decidida a ficar com o Diego?

—

Talvez

eu

tenha

confundido tudo. Meu amor por você sempre foi fraternal, ele só mudou quando percebi que iria perder você e Brian para o Diego.

Isso tinha acontecido no

casamento da Bianca. Quando Diego apareceu depois de todos aqueles anos sem qualquer notícia.

Quando percebi a maneira como ele ainda mexia com a Lia, e em como isso mudaria a nossa relação, até então de amizade, eu entrei em pânico.

Eu nunca aceitei bem a

solidão, acho que essa era a verdade.

— Eu não acredito em você!

— Você não é a primeira a dizer isso hoje, Lia.

— O que quer dizer?

— Eu estive com a Zoe...

tentei convencê-la a voltar. A ficar comigo, mas ela não quer. Nada que eu diga vai fazê-la mudar de ideia.

Eu a perdi! — admiti ainda mais apreensivo, passando os dedos pelo cabelo em um gesto agitado.

— Se ela realmente te

amasse ela não te deixaria, Luc...

— Era sério isso que Lia estava me

dizendo? O que essa merda dizia sobre a sua própria atitude, então?

— Você vai superar, você sempre supera. — Ela tentou me tocar, mas eu não permiti. Eu a queria longe.

— Essa é sua maneira de

me ajudar ou está sendo apenas cruel, Lia? — Ela arregalou os olhos castanhos para mim.

Lia fora minha menina por

tanto tempo. Eu sempre a protegi dos idiotas que queriam entrar dentro de suas calcinhas. Sempre fui o seu apoio quando ela se viu sozinha com o Brian. Eu fui o único a estar ao seu lado em todos os

momentos nos últimos anos. Cada um deles. E agora, olhando para ela, escutando a merda que havia acabado de sair de sua boca, eu simplesmente não podia ligar essa garota a menina que pensei ser a *última.*

— Me desculpe, eu...

— Onde Diego está agora?

— perguntei, já prevendo sua resposta.

— Fora da cidade.

— Até quando você espera

que a gente jogue esse jogo? Você não é uma pessoa ruim, bebê. —

Chamei-a a assim por hábito. — Eu te conheço há anos. Sei tudo sobre você. Só não entendo o que está acontecendo... Se você o quer, se o escolheu...

porque

continua

voltando?

Lia

engoliu

em

seco,

cruzando os braços finos em frente ao corpo esguio.

— Eu tenho medo. E se

algum dia eu acordar e perceber que tomei a decisão errada? E se me der conta de que estraguei tudo entre a gente por causa dele?

— Você o ama? — Fui

direto e ela relutou em assentir.

Mas o fez. — Então saiba que estar com ele sempre será assim. Diego te abandonou quando você mais precisava dele, Lia. Não digo que ele não possa ter mudado, porque as pessoas mudam. Mas sempre haverá falta de confiança entre vocês dois. E por mais que eu queira vê-la feliz, eu sinto por você. Por como será a sua vida.

Ela entendeu o que eu disse

e com um orgulho que eu sabia que possuía, Lia segurou as lágrimas que

estavam prestes a descer. Não haveria abraços dessa vez, eu não

iria consolá-la e dizer que tudo ficaria bem. Porque a verdade é que eu já não sabia se as coisas poderiam ficar bem depois de tudo o que aconteceu entre a gente.

— Eu, eu preciso ir Luc.

Me desculpe de verdade —

murmurou, virando-se em seguida.

— Lia? — chamei-a no

último minuto. —Essa coisa entre a gente... Acabou, me ouviu? Eu não acho que posso seguir com isso mais. Eu fiz algo que machucou a Zoe, e que em consequência, também me machucou. Mas chega.

Não vou ficar aqui e aceitar ser o

seu rebote enquanto vejo as pessoas boas partirem da minha vida. Eu a perdi, Lia, e tudo por... — Eu não poderia dizer que era por culpa dela, porque a verdade é que não era.

Eu fui o único cego aqui. O

único que cometeu todos os erros.

Que se recusou a enxergar a verdade.

— Luc — Ela ainda tentou

se explicar, mas eu já não precisava de suas explicações, ou desculpas.

Zoe não saía da minha cabeça, a culpa me corroía, a falta dela preenchia todo o apartamento. Nada

aqui era igual sem minha freirinha ao meu lado. *Nada.*

— Apenas deixe as chaves quando sair.

**18**

**LUCAS**

**Os**

**créditos**

**do**

**filme**

**começaram a** subir na tela da TV

em minha sala. Apoiei a maldita lata de Coca Cola na mesa de centro e perguntei que merda era essa que eu estava pensando ao assistir, por vontade própria, um dos filmes preferidos de Zoe.

Meu Deus, tinha algo mais

fodido que assistir *Um amor para recordar* após levar um fora? Sério, filmes

assim

deveriam

ser

proibidos, merda! Ferravam com nossa cabeça. Agora mesmo eu me sentia como o Landon, sozinho.

Perdido após a perda da Jamie.

Tudo bem, Zoe havia saído da minha vida, não de maneira tão drástica, mas ainda assim, doía.

Distraído, talvez um pouco

louco, eu fitei o teto, pensando no quanto iria sentir falta da minha freirinha. Escutei, do nada, o som da companhia tocar, mas ignorei a princípio, imaginando se tratar da Bianca, ou qualquer outra pessoa preocupada comigo.

Eu amava a minha princesa,

e amava a minha família. Mas tudo o que desejava hoje, depois da conversa com a Zoe e da visita da Lia, era de um tempo.

Disposto

a

ignorar

eu

marchei até a cozinha e joguei as latas de refrigerantes no lixo. Era tarde para ser a Bianca, pensei ante a insistência da campainha. Eric, o *playboy*, nunca a deixaria vir a minha casa as 23h da noite.

Minha avó também não

viria. A essa altura, acredito que ela estaria tendo o seu precioso *sono da beleza* como gostava de dizer. O único que restava era o

Leonardo, mas veja, o enxerido tinha uma chave reserva que havia conseguido assim que Lia me deixou. E de acordo meu irmão, ele as tinha porque queria estar preparado para qualquer merda que eu viesse a aprontar na época.

Mais

curioso

do

que

disposto a receber alguém, eu voltei a sala e abri a porta. Irritado.

As palavras que planejei

dizer ao visitante inconveniente ficaram presas na garganta ao ver de quem se tratava. *Não, não podia, ser.*

— Você realmente ama tudo em mim? Jura pela sua vozinha que não está mentindo?

**ZOE**

Esperei por sua resposta,

mas Lucas parecia em choque.

Olhando-me como se visse um fantasma.

— Eu nunca mentiria sobre

isso, Zoe. — Ele me puxou para os seus braços antes que eu pudesse responder, e afundou o rosto em meu pescoço.

Acho que aliviado. Assim como eu também estava.

— Eu tentei, sabe? Meu

ônibus iria partir às 22h, mas eu não consegui, Lucas. Eu observei todas aquelas pessoas na fila, algumas despedindo-se de suas famílias... mas eu não pude fazer aquilo. Eu pensei na gente, em tudo o que você disse, pensei no Gideon e na Eva. No quanto eles sofreram para ficar juntos.

—

Freirinha...

—

Um

sorriso surgiu em seu rosto cansado.

— Eu quero ser a sua Eva, Lucas. Quero estar aqui com você, quero tentar, eu não sei como, mas quero — falei rápido demais, perdendo um pouco do fôlego. —

Então, se você realmente ama tudo em mim. Minhas besteiras, as risadas, a maneira como sou gentil... — Revirei os olhos. — Se eu realmente estou em sua

pele, como você está na minha, então, eu quero ficar.

— Eu amo suas besteiras e todo resto. Eu amo tudo em você, freirinha... *eu amo você*. — disse claramente

emocionado,

e

eu

acreditei.

Não

porque

desejava

acreditar. Eu acreditei porque podia ver em seus gestos esse amor.

*Em seu olhar.*

— E quanto a Lia? — Se eu

iria lutar pelo Lucas, eu queria estar

preparada

para

tudo.

Principalmente

para

a

minha

concorrente.

— Ela sempre será minha

amiga, Zoe. Mas eu percebi, tarde demais, que meu amor por ela foi um erro. Era fraternal, dependente.

Eu não sou um cara acostumado a

estar sozinho...

— E como sabe que não

acontece o mesmo comigo? —

perguntei preocupada.

— Lia ferrou com minha

cabeça ao deixar esse apartamento, Zoe, eu não vou negar. Mas você...

você me deixou no escuro. Me fez sentir vazio. Perder você foi como perder uma parte de mim.

— A melhor parte.

— O que?

— Foi assim que eu me

senti quando te vi sair... Como se estivesse perdendo a minha melhor

parte.

Ele

assentiu,

compreendendo.

— Eu não quero viver pela metade, sentindo que parte de mim se foi. Eu não

quero perder você.

Você tornou esse lugar a sua casa, você conseguiu isso sem que eu sequer percebesse.

Eu também sentia como se

seu apartamento fosse a minha casa, ou melhor , *a nossa casa*.

— Por que está sorrindo?

— indagou, tocando-me de todas as maneiras. Matando a saudade da

gente.

— Eu tenho um lar... um

lugar para onde eu posso voltar. Eu me dei conta e acho que foi por isso que não consegui entrar naquele ônibus.

— Sim, freirinha, você tem um lar agora. Aqui é o seu lugar. —

Lucas me apertou, beijando meu rosto, minhas bochechas... minha boca.

Senhor, como eu havia

sentido falta de nossos beijos. Da maneira perfeita com que meu corpo parecia se encaixar ao dele.

Era como se os braços do Lucas fossem feitos para me abrigar. Me proteger.

— A irmã Joaquina, vai me

matar quando descobrir que eu não fui. Eu a fiz convencer a Madre Superiora, e agora ela vai pensar que eu sou uma irresponsável... —

murmurei baixinho, ao ter meus lábios afastados dos dele. — Você terá que ficar comigo para sempre agora, Lucas. Não há volta. — Isso o fez rir, rir de verdade.

— Eu não quero que vá

para qualquer outro lugar, Zoe.

Você é a *minha última* e eu te amo

além do que imagina. Seu lugar é ao meu lado e é aqui que você irá ficar.

— Promete? — questionei,

sentindo meu coração bater forte.

Gostando de saber que eu seria a *sua última*, porque ele, o meu príncipe - fodão - encantado, bem, ele era o meu *para sempre.*

— Eu prometo, freirinha —

sussurrou com carinho, voltando a me beijar.

**Epílogo**

**LUCAS**

*Anos depois*

— Papai, cadê você? —

Minha garotinha Ivy perguntou, entrando na cozinha onde eu preparava

seu

leite

quente,

arrastando com ela seu inseparável cobertor.

Ivy

era

uma

criança

maravilhosa, assim como a mãe e o irmão mais novo. Ela tinha chegado em nossas vidas há exatos 5 anos e desde então nos preencheu com sua

alegria e constantes risadas. Zoe insistia que não, mas eu tinha certeza que minha garotinha era uma cópia da mãe em sua idade. A mesma boca espertinha, o mesmo gênio, o mesmo vício por goma de mascar framboesa, que nós é claro, tentávamos evitar a todo custo.

— Você não deveria estar

aqui, Ivy, e os parabéns? —

perguntei,

referindo-me

aos

convidados que a esperavam na sala.

—

Eu

só

vou

fazer

aniversário depois de tomar meu leite, papai — Eu não falei?

Teimosa como a minha esposa.

Conhecendo a peça como

conhecia, eu a peguei no colo e esperei que tomasse seu leite com chocolate. Os dedos pequenos em volta da caneca de princesa que tanto gostava.

Todos os meus amigos, e

coleguinhas da Ivy, estavam na sala a nossa espera. Apenas aguardando que a aniversariante voltasse, para que pudéssemos cantar os parabéns.

Com Zoe cuidando de tudo,

principalmente do Gael, que era um garoto elétrico até o último fio de seu cabelo, e que por vezes nos

deixava malucos, eu fui o que ficou encarregado de atender ao pedido de nossa garotinha, que insistiu em ter seu costumeiro leite quente da tarde, as vias de cantarmos os parabéns.

De volta à sala, eu encontrei

a bagunça literalmente armada.

Crianças corriam de um lado ao outro, flutuando ao redor da mesa de doces. As mães tentando controlar seus filhos, e alguns pais conversando

em

um

canto

estratégico da varanda, longe da confusão.

O olhar de Zoe esbarrou

com o meu em determinado momento, e eu não pude fazer outra coisa que não sorrir para a minha freirinha. Ela estava linda, um pouco louca por conta da festinha de nossa filha, mas ainda assim linda.

Nunca imaginei que, eu, um cara tão impulsivo, me tornaria o tipo de homem que era hoje.

Casado, com filhos, uma casa típica de sonhos americanos e uma empresa que era constantemente apontada entre as vinte mais rentáveis de Nova Iorque.

Ainda segurando a mão de

Ivy, eu observei minha esposa atravessar a sala com Gael, nosso pequeno

danadinho

no

colo.

Encarei seu rostinho gordo, os olhos da mesma cor que os da mãe e sentime realizado. Acho que Zoe e

eu

tínhamos,

realmente,

conquistado o nosso próprio final feliz, pensei satisfeito.

— Que bom chegou, amor,

segure ele um pouco para mim? —

Zoe me empurrou Gael, que se mantinha emburrado por não estar incluído nos parabéns da irmã mais velha.

Aproveitei o silêncio do

meu garotão, e estudei todos a nossa volta. Bianca e o marido, a pequena Bibi, que já não era mais tão pequena assim, e o filho mais novo do casal. Ao lado deles estavam, Diego e Lia, que haviam -

enfim - se acertado. Ao longo dos anos, Bianca e eu assistimos esses dois

irem

e

voltar,

fazerem

escândalos em rede nacional, discutirem para logo depois se perdoarem. Confesso que nunca desejei algo assim para Lia, eu ainda nutria um carinho fraternal por ela, e apesar de tudo, nós sabíamos que estar com Diego não seria algo fácil. Que aconteceria do

dia para a noite. Foi exaustivo vê-

la sofrer por ele, no fundo todos nós nos preocupávamos, mas agora, eu posso dizer que tudo terminou exatamente como deveria terminar.

Hoje, Lia e Diego estavam

casados, ela prestes a ter outro bebê, e Brian contente com o caminhar das coisas. Minha relação com ele era forte, talvez até mais do que antes. Quando os pais viajavam era comigo e com a Zoe que ele ficava, nós o incluíamos em nossas viagens e planos para o futuro. E eu era grato por Diego não ter tornado tudo isso mais difícil do

que o necessário. Abstendo-se de se intrometer na relação que eu tinha com seu filho.

Minha avó e irmão também

estavam presentes, ele ao lado de outra de suas intermináveis e *rápidas* namoradas. A verdade era que

eu

já

não

conseguia

acompanhar a evolução de seus relacionamentos.

Que

duravam

menos do que o tempo necessário que eu precisava para poder gravar o nome de qualquer uma delas.

O restante da tarde, correu sem qualquer incidente e com todos bastante animados. Ivy adorou a

festa, seus olhinhos brilharam de emoção a cada instante, e assim como imaginávamos, ela e o irmão terminaram o dia exaustos. No final, tudo o que restou foi Zoe, minha engraçada e espertinha esposa, e eu.

Meu amor por ela havia

amadurecido e crescido mais forte a cada dia que passamos juntos ao longo dos últimos anos. Hoje Zoe trabalhava como supervisora de enfermaria em um dos principais hospitais de Nova Iorque, e eu sentia um orgulho absurdo dela.

Além de ser a mulher da minha

vida, Zoe era também uma mãe excepcional. E em nenhum único dia desde o instante em que apareceu em meu apartamento, perguntando-me se eu realmente amava tudo nela, eu cheguei a me arrepender da decisão que tomei.

Ou a duvidar do que sentia.

— Em que o meu marido

tanto está pensando? — Ela me abraçou apertado, envolvendo os braços ao redor da minha cintura.

Desde o nascimento das

crianças nós aproveitávamos cada segundo que tínhamos para ficar juntos e namorar.

— Em você — admiti, beijando sua testa. — Nos nossos filhos, em nossa vida. — Meus olhos se fixaram nos dela, e eu percebi que nunca me cansaria de admirá-los.

—

Pensando,

principalmente, em como eu te amo, freirinha.

— Nem começa, amor, você

sabe que não gosto que me chame assim! — Ela fingiu estar brava, a expressão em seu rosto deixando-a ainda mais bonita.

— A essa altura, você já

deveria estar acostumada, Zoe.

Você sabe que sempre será a *minha*

*freirinha*.

***FIM***

**Contato**

Entre em contato com a autora: E-mail: jassilva.escritora@gmail.com

Site: www.jassilva.com.br

Gostou do livro?

Compartilhe seu comentário

nas redes sociais e na

**Amazon**, indicando-o para futuros leitores. Obrigada.

Notas

[←1]

Personagem da série Crossfire, da autora Sylvia Day.

[←2]

New York Giants

**Table of Contents** Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

Epílogo

Notas

# Document Outline


- 1
- 2
- ←1
- ←2
- Prólogo
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- Epílogo
- Notas